

Álvaro Cunhal **ENTREVISTA** no regresso de visita ao Oriente



«Encontrámos uma generalizada preocupação com a evolução da situação mundial. Mas também firme decisão de continuar a luta.»

Págs. 3 a 7



Álvaro Cunhal e Octávio Teixeira visitaram distrito de Setúbal

Págs. 12 e 13

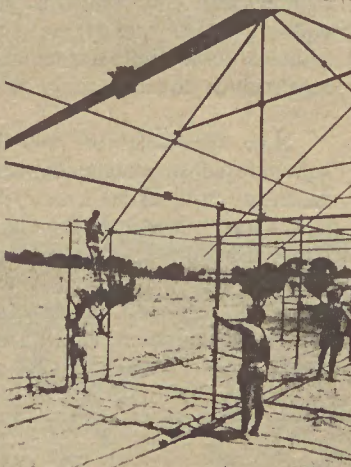
**É
cada vez
mais
premente
derrotar
o PSD**

Nota da Comissão
Política do PCP

Pág. 7

Na festa! / Avante!
Director: António Dias Lourenço
SUPLEMENTO N.º 7
1 de Agosto de 1991
Não pode ser vendido
separadamente

**Temos
um
mês
para acabar
o que falta!**



Carlos Brito na Nicarágua

*Artigo no
próximo número*

Em próximos artigos, o camarada Carlos Brito, da Comissão Política, escreve sobre as visitas à Nicarágua e a Cuba, onde se deslocou recentemente

Agricultura e têxteis

sofrem
incompetências
do Governo

Pág. 17

Carlos Carvalhas Conferência em Madrid

Pág. 14



**O Algarve
visto de perto**

• *artigo de
C. Luís Figueira*

Pág. 16

Os Meios e os fins

O jogo democrático em regimes como o que desde Abril de 74 vigora em Portugal tem regras. Tem também os seus alçapões e certos «jogadores» fazem por vezes batota, em alguns casos subtil, na vulneração das malhas da lei, às vezes uma batota perigosa para a democracia.

Principalmente em tempo de eleições os «batoteiros» deitam mão de todos os recursos para o ludíbrio político dos eleitores.

O governo PSD/Cavaco Silva tem-os revelado em alta escala.

Nesta ponta final da pré-campanha das legislativas em vésperas de ser submetido ao sufrágio popular após quase seis anos consecutivos de gestão sem partilha da máquina do Estado, seria curial que num Governo responsável, a par de uma necessária e corajosa abordagem dos nossos atrasos e desequilíbrios se apresentasse ao país com um projecto reflectido e credível de superação das nossas mazelas sociais, económicas, culturais e regionais, endémicas umas, outras em transes de agravamento.

Para o Governo PSD/Cavaco tudo isso são conceitos destituídos de valor. Só lhe interessa a conquista por todos os meios, mesmo violando as regras do jogo, da maioria absoluta de que nos últimos quatro anos fez um uso contrário aos interesses basilares do povo e do país.

Cavaco Silva prometeu há dias não fazer campanha eleitoral durante as férias. Claro que ninguém o acreditou e ele aí anda com toda a sua corte numa autêntica maratona eleitoral.

A faceta mais peculiar da campanha do Primeiro-Ministro e da sua equipa é a mistificação política dos eleitores, o truque demagógico e eleitoralista para corromper a consciência dos cidadãos mais indecisos, a mobilização abusiva de todos os meios do Estado ao serviço dos seus objectivos eleitorais.

No último número do nosso jornal, na apresentação do Programa Eleitoral do PCP intitulado «Projecto de Futuro para um Portugal Melhor», comentávamos neste espaço o desabafo do PM ao considerar-se «um Primeiro-Ministro com sorte» e documentávamos com números ainda à quem das realidades a fonte externa principal fornecedora dos recursos e suprimentos do «saco azul» do Governo.

Hoje desejaríamos contribuir aqui para a desmontagem da mistificação e dos truques de Cavaco Silva e da sua gente, da sua tese de inelutabilidade da maioria absoluta que fundamentalmente contestamos e estabelecer, ainda que de forma necessariamente resumida, o seu contraste com a seriedade e a profundidade do Programa

Eleitoral do PCP, a força mais representativa da Coligação Democrática Unitária - CDU.

Registemos de passagem que alguns obstáculos de monta, institucionais e políticos, se levantam para a materialização da tese da maioria absoluta do cavaquismo governante. A rejeição por unanimidade na última semana pelo Tribunal Constitucional de duas leis aprovadas pela maioria absoluta do Governo na AR, uma das quais objectivamente antedemocrática - a nova arremetida contra a lei eleitoral das autarquias - mostra que mesmo em áreas maioritariamente influenciadas pelo PSD existe uma meritória resistência às tentativas persistentes de violação da democraticidade das leis eleitorais, consagrada na Constituição.

Cavaco Silva disfarçou mal o amargor da derrota mas é de esperar novas arremetidas, quase certas se de novo os cidadãos menos prevenidos lhe dessem a maioria do voto em Outubro.

Depois de aqui termos quantificado, ainda que parcialmente, os volumosos recursos financeiros oriundos da conjuntura externa favorável a Portugal, é de manifesta utilidade carrear alguns dados, ainda que também necessariamente reduzidos, dos estafados conceitos cavaquistas da «estabilidade política» e do «crescimento económico» do país sob o seu Governo.

Como conciliar o autoconvencimento cavaquista da sua «estabilidade» quando o país acaba de viver tão importantes acções de contestação com a revolta de vastos círculos do campesinato contra a política agrícola do Governo?

No Oeste, no Norte, nas Beiras, no Alto Ribatejo a contestação dos agricultores portugueses assumiu expressões de grande envergadura a que o Governo permaneceu surdo.

E no plano social como conciliar a «estabilidade» com a potente movimentação dos trabalhadores dos Transportes, da Função Pública, do Têxtil, da Saúde, do Ensino, dos sargentos das FAP, dos agentes da PSP e de vários outros sectores nestes últimos dias?

Não é verdade que todo este processo de contestação e luta está na base do recuo do Governo no Conselho de Concertação Social relativamente a sentidas reivindicações de há muito levantadas pelo movimento sindical unitário de que deve destacar-se a vigorosa luta contra o pacote laboral?

De toda esta movimentação os trabalhadores deverão extrair as necessárias lições e ensinamentos políticos para os meses imediatos no uso de formas de luta que atraíam e não alienem a simpatia e a solidariedade das populações nesta fase eleitoral.

E a aberta contestação dos pequenos e médios empresários da indústria têxtil contra o não acautelamento dos seus interesses no quadro da CEE e as suas denúncias de uma política que pode a curto prazo condenar à falência e ao encerramento de-

zenas de empresas e ao desemprego de milhares de trabalhadores em vastas zonas do país?

Serão todas estas acções e lutas «declarações de amor» pela política de Cavaco Silva, pela «estabilidade» cavaquista?

Como conciliar o conceito de «crescimento económico» do Governo com as flagrantes distorções do nosso desenvolvimento económico, com a crescente dependência externa da economia portuguesa, com o agravamento das desigualdades e injustiças sociais vindo a público nos últimos dias?

Que crédito dar à panorâmica cor de rosa da economia portuguesa nas declarações ao «DN» de segunda-feira feitas por Mira Amaral e Faria de Oliveira quando a evidente verdade dos factos os desmente?

Mas de facto há «crescimentos». Devemos apontá-los:

Cresceu por exemplo o nosso défice comercial para valores altamente preocupantes.

O défice acumulado do nosso comércio externo que em 1985 era de 2 300 milhões de contos, saltou em Outubro de 1990 para 5 476,1 milhões a que deve juntar-se os de Novembro e Dezembro em escala ascendente e os do período Janeiro/Maio de 1991, eles, somente, estimados em 595,2 milhões de contos!

Cresceu também o rendimento dos portugueses. Mas com esta particularidade - cresceu muito mais a parte dos lucros e dividendos dos detentores do capital e baixou relativamente a percentagem das remunerações do trabalho.

Estas, que foram em 1985 no montante de 1 652,2 milhões de contos (47 por cento do total), cairam proporcionalmente para 42 por cento em 1989/90 e para 41,2 por cento nos primeiros três meses de 1991!

Quer dizer, num crescimento de 21 por cento dos rendimentos familiares dos portugueses, mais de 60 por cento dos agregados receberam menos de 1 277 contos, 25 por cento desse total menos de 1 000 contos (percentagem que, só no Alentejo, atingiu 76 por cento das famílias!).

Os números dos últimos 10 anos, em que se integram os seis de Governo unipartidário de Cavaco Silva, os lucros e dividendos do capital subiram relativamente às remunerações do trabalho de 20 vezes.

São dados irrefutáveis que mostram que a tese da maioria absoluta do PSD em 6 de Outubro não é inelutável, que é uma tese de pés de barro, e que as hipóteses de uma derrota concludente do cavaquismo governante são uma possibilidade concreta. Disso se devem capacitar os democratas e cidadãos portugueses cientes do progresso do seu país, seguros de que o voto útil na CDU é uma contribuição indispensável para uma necessária alternativa democrática à direita governante.



Álvaro Cunhal, secretário-geral do PCP, acompanhado de Octávio Teixeira, da Comissão Política e cabeça de lista pelo círculo de Setúbal, visitaram vários concelhos do distrito, participando em diversas iniciativas que culminaram no comício em Pinhal Novo, no sábado à noite

RESUMO

24 Quarta-feira

Tribunal Constitucional «chumba» norma introduzida na Lei Eleitoral para as Autarquias que impedia reeleição de presidentes da Câmara para um quarto mandato ■ O Conselho Nacional da CGTP alerta os trabalhadores para o facto de a falta de formação profissional implicar restrições à livre circulação na Europa ■ Aviação israelita bombardeia palestinianos, perto de Damour, no Sul do Líbano, a 15 quilómetros de Beirute ■ O Comité da Commonwealth responsável pela África do Sul adia a decisão sobre o levantamento progressivo das sanções económicas.

25 Quinta-feira

O presidente da Comissão de Direitos, Liberdade e Garantias da Assembleia da República afirma que o novo Código Penal vai proibir a venda de aparelhos de escuta telefónica ■ Governo decide abertura ao sector privado da exploração de transportes aéreos internacionais ■ Gorbatchov apresenta ao plenário do Comité Central do PCUS o novo programa do Partido ■ O primeiro-ministro israelita, Yitzhak Shamir, afirma à televisão que não acredita «num compromisso territorial» nas negociações de paz ■ Descoberto novo planeta exterior ao sistema solar por uma equipa de radioastrónomos da Universidade de Manchester.

26 Sexta-feira

Fogos lavram por toda a Região do Centro, tendo sido destruídos já muitos hectares de floresta ■ Acidente com autocarro da Rodoviária Nacional, de que resultam 33 feridos, deve-se a fadiga do motorista, que tinha cumprido período de descanso inferior ao estabelecido por lei ■ As selecções de Portugal e da Holanda ficam apuradas para a final do Mundial de Hóquei em Patins ■ Forças de segurança do Norte da Croácia estão em estado de alerta máximo, após se terem verificado novos confrontos em Glina ■ O Comité Militar de Salvação Nacional, que governa a Mauritânia, aprova leis que permitem a criação de partidos políticos e apoiam a liberdade de imprensa.

27 Sábado

Portugal vence Mundial de Hóquei em Patins, no Pavilhão Rosa Mota, no Porto ■ Violentos incêndios continuam a consumir zonas florestais no Norte e Centro do país, nomeadamente no Gerês e Estrela ■ PCP considera que o Governo desperdiçou possibilidades de aproximar a agricultura portuguesa dos níveis médios da

Comunidade ■ CGTP defende que todos os trabalhadores portugueses, incluindo os emigrantes, devem ter igualdade de oportunidades no campo da formação profissional ■ O comité de vigilância constitucional da URSS pediu ao presidente da Rússia, Ieltsin, que congele a aplicação do decreto que proíbe as estruturas políticas na administração e nas empresas ■ Prosseguem violentos confrontos na Croácia, apesar do cessar-fogo ordenado pela Presidência federal.

28 Domingo

O dirigente nacional da UDP, Carlos Marques, apela ao PS para que dê «sinais claros à viabilização de uma nova maioria de esquerda» ■ A Comissão Executiva do Partido Ecologista Os Verdes debate possibilidades de intervir de forma autónoma na campanha eleitoral da CDU ■ O Estado-Maior norte-americano informou os seus homólogos britânico e francês sobre novos projectos de bombardeamentos do Iraque, revela o «The New York Times» ■ Nelson Mandela chega a Caracas, terceira etapa da sua viagem à América Latina

29 Segunda-feira

A ASI - Internacional Anti-Escravidão - denuncia à ONU a exploração do trabalho infantil em Portugal ■ Delegações da CGTP e da UGT tiveram encontros na sede do PS ■ Os presidentes da URSS e dos Estados Unidos iniciam cimeira em Moscovo, que terminará com a assinatura do acordo Start ■ A Croácia pede uma reunião de urgência à Presidência federal, para fazer face à situação na região de Banija, onde os confrontos do fim-de-semana causaram dezenas de mortos ■ Oposição sul-africana lança uma campanha de boicote aos comerciantes brancos e às grandes indústrias, visando levar o Executivo à demissão.

30 Terça-feira

O Conselho Permanente de Concertação Social aprova dois acordos, um sobre Política de Formação Profissional e outro sobre Higiene, Saúde e Segurança no Trabalho, por unanimidade; um terceiro acordo, sobre o referencial de inflação, não recolheu o acordo da CGTP ■ A Câmara Municipal de Lisboa aprova os projectos do Hilton e da Universidade Técnica de Lisboa ■ A CIP acusa o Governo de «falta de solidariedade» e de perder oportunidades de desenvolver a economia ■ Começa em Moscovo a cimeira Gorbachev-Bush para assinatura do acordo START ■ Frederik de Klerk anuncia a anulação dos financiamentos secretos aos partidos na África do Sul ■ Pavarotti dá um concerto em Hyde Park.

Avante!

Proletários de todos os países UNI-VOS!

PROPRIEDADE: Partido Comunista Português, Rua Soeiro Pereira Gomes - 1699 - Lisboa CODEX. Tel. 793 62 72

DIRECÇÃO E REDACÇÃO: Rua Soeiro Pereira Gomes - 1699 Lisboa CODEX. Tel. 76 97 25/76 97 22. Telex: 18390 Fax: 795 22 64

ADMINISTRAÇÃO: Editorial «Avante!», SA - Rua de São Bernardo, 14, 2.º - 1200 Lisboa. Capital social: 15 000 000\$00. CRC matriculada: 47059. NIF - 500 090 440

DISTRIBUIÇÃO: PUBLICIDADE ADE's Editorial Avante! - R. S. Bernardo, 14 1200 Lisboa - Telef. (01) 6701937

Alterações de remessa: Até às 17 horas de cada sexta-feira. Fax: 3968793; Telex: 65791; Telef. (01) 6701937

DISTRIBUIÇÃO COMERCIAL INTERPRESS - Sociedade Distribuidora de Jornais e Revistas, Lda, Sector de Distribuição Sede: Rua do Norte, 115, 1.º, 1200 Lisboa. Telef. (01) 342 0784/342 23 49/342 22 04 Delegação Centro: Praceta Dr. Alberto Oliveira, 4, 3000 Coimbra - Telef. (039) 71 35 77 Delegação Norte: R. Monte dos Pisos, 326, Guiães, 4450 Matosinhos Telef. (02) 953 15 66/953 17 49/953 17 50

ASSINATURAS: R. de S. Bernardo, 14 1200 Lisboa - Telef. (01) 6701937

PUBLICIDADE: Rua de S. Bernardo, 14, 1200 Lisboa - Telef. (01) 6701937

Composto e impresso na Heka Portuguesa R. Elias Garcia, 27 Venda Nova - 2700 Amadora Depósito legal nº 205/85

TABELA DE ASSINATURAS

PORTUGAL (CONTINENTE) - 50 números: 4.500\$00; 25 números: 2.325\$00
REGIÕES AUTÓNOMAS - 50 números: 7.707\$50
ESPANHA - 50 números: 7.090\$00
MACAU - 50 números: 11.140\$00
GUINÉ-BISSAU E S. TOMÉ E PRÍNCIPE - 50 números: 12.190\$00
EUROPA (e ARGÉLIA, MARROCOS, TUNÍSIA E TODO O TERRITÓRIO DA URSS) - 50 números: 13.350\$00
EXTRA-EUROPA - 50 números: 16.450\$00

Nome _____
Morada _____ Telef. _____
Código Postal _____
Enviar para Editorial «Avante!» acompanhado do cheque ou vale do correio.

Álvaro Cunhal ENTREVISTA

no regresso de visita ao Oriente



«Encontrámos uma generalizada preocupação com a evolução da situação mundial. Mas também firme decisão de continuar a luta.»

«A» - A viagem à Ásia da delegação do PCP permitiu certamente recolha directa de informações e opiniões de grande importância para a avaliação da situação mundial, das perspectivas da luta pelo socialismo na nova situação mundial, das opiniões, orientações e actividades dos partidos comunistas dos países visitados, das ameaças renovadas do imperialismo. Gostáramos com esta entrevista, não tanto uma grande massa de informações, mas um juízo de resultados e frutos desta iniciativa internacional do nosso Partido.

AC - De acordo. Para começar direi que encontrámos uma generalizada preocupação com a evolução da situação mundial. Mas também firme decisão de continuar a luta. E continuar a luta com confiança e optimismo no melhor sentido desta palavra.

A luta pelo socialismo e a construção da nova sociedade

«A» - Ao regressares da visita ao Oriente disseste que a luta pelo socialismo continua viva nos países visitados. É essa a impressão da delegação do nosso Partido ou também a apreciação dos partidos com os quais vos encontrastes?

AC - OPC da China, o PT da Coreia, o PC do Japão e os PPCC da Índia colocam como seu objectivo a construção da sociedade socialista. No Japão e Índia colocando o socialismo como objectivo futuro da luta presente. Na China e Coreia edificando uma nova sociedade.

«A» - Nessa óptica, como caracteriza a actual situação que se vive na China do ponto de vista político, económico e social?

AC - O PC da China afirma que a China se encontra na fase inicial da construção do socialismo que prevê se prolongue até ao ano 2050. Define o seu programa não como qualquer «modelo», muito menos o que foi o «modelo» nos países do Leste da Europa, mas um socialismo com características chinesas. Na economia, não programam um sistema homogéneo de propriedade pública mas o predomínio desta no desen-

volvimento adequado das outras formações. Pronunciam-se contra a privatização de sectores básicos e mantêm (dizem) o Sector Empresarial do Estado como determinante. Colocam como tarefa central o Programa de Desenvolvimento em 10 anos para o qual terão importante papel investimentos externos e a importação de novas tecnologias. Visitámos junto à grande cidade de Tienjin uma zona de desenvolvimento (TEDDA) com fábricas e empresas com capitais e tecnologias estrangeiros. É uma realização que envolve 268 empresas de capital misto (metade já em funcionamento). Trata-se de uma experiência inserida numa política de desenvolvimento da sociedade socialista. O PC da China pronuncia-se por uma economia de mercado mas salienta que o mercado não é exclusivo do sistema capitalista e que mercado e planificação são factores harmonizáveis e complementares numa economia socialista. Além do mais, o mercado determina de forma crescente os preços, mas o Estado fixa ainda cerca de 50%.

«A» - O socialismo não se pode entender apenas como desenvolvimento económico. O nosso Partido tem insistido em que, tanto como o desenvolvimento económico na base da apropriação colectiva dos principais meios de produção, as vertentes social e política são elementos essenciais de uma sociedade socialista...

AC - É certo. Mas parece-nos que os camaradas chineses têm razão quando dizem que, se a economia socialista não se reforça e desenvolve, não haverá condições para fazer frente ao capitalismo. No plano social, o PC da China adopta o princípio de a cada um segundo o seu trabalho mas admite outras formas de distribuição evitando, segundo dizem, tanto o igualitarismo como a bipolarização. Informáramos de que nas empresas estrangeiras vigoram as leis do trabalho da República Popular da China.

«A» - ... e no plano político ...

AC - ... declaram o propósito do desenvolvimento gradual da democracia política, particularmente através do aperfeiçoamento das assembleias populares, no que dizem ser um quadro de novidade e vivacidade, com garantia simultânea dos direitos dos cidadãos e da estabilidade. Referem a situação da televisão e outros meios de comunicação social instrumentalizados pelo grande capital e partidos governantes nos países capitalistas e declaram que não entregarão esses meios às forças anti-socialistas. Persistem em definir o regime como de ditadura democrática e popular, acrescentando a ideia de que, nos países capitalistas, mesmo nos de democracia burguesa, existe uma efectiva ditadura de classe.

«A» - E o papel do Partido?

AC - É concebido como um pa-

pel dirigente que, na situação actual tem que resistir ao que chamam as três provas: a prova de um partido que está no poder, a prova da reforma e da abertura e a prova face à ofensiva da evolução pacífica para o capitalismo, que constitui, segundo eles, a estratégia do imperialismo contra os países socialistas. No que respeita à primeira prova, dão grande relevo à luta contra a corrupção.

«A» - E na Coreia? Não é certo que existe um regime político onde imperam o culto da personalidade e a sucessão da chefia do Partido e do Estado de pai para filho, sucessão de carácter monárquico? Pode o PCP identificar-se com tais soluções?

AC - Naturalmente que não se identifica. O PCP combate o culto da personalidade e tal sucessão familiar é estranha às nossas concepções. Duas observações é entretanto necessário fazer. A primeira é relativa a enraizadas tradições de sucessão familiar nas chefias dos partidos e dos Estados em vários países da Ásia. Lembre-se a linha Nehru-Indira-Rajiv Gandhi na Índia, Butho no Paquistão, Bandaranaike no Sri Lanka, Aquino nas Filipinas. A segunda observação é relativa às transformações, conquistas e realizações de carácter económico, social, cultural e político.

«A» - A comparação da Coreia do Norte que constrói a so-

ciade socialista e a Coreia do Sul com sistema capitalista, não será favorável a esta última em termos de desenvolvimento?

AC - É necessário lembrar alguns acontecimentos e factos. O primeiro é a guerra de intervenção dos Estados Unidos com poderosos meios militares nos anos 50, assolando e arrasando o país com colossais bombardeamentos - guerra da qual o imperialismo (tal como no Vietname) saiu parcialmente derrotado pois não conseguiu destruir a República Democrática Popular da Coreia. O segundo é que os Estados Unidos mantêm na Coreia do Sul grandes efectivos militares, incluindo armamento nuclear. O terceiro é que as duas Coreias estão divididas por um muro de lado a lado da península (muro de que raramente se fala), muro construído pelos americanos que continuam a recusar-se a abandonar e a derrubar. O quarto é que na Coreia do Sul foi instaurada, e é protegida pelos Estados Unidos e Japão, uma ditadura que reprime com grande brutalidade as movimentações democráticas, designadamente da juventude. O quinto é que os investimentos e desenvolvimento económico da Coreia do Sul em benefício do grande capital assentam na exploração violenta da mão-de-obra barata. Apesar de termos para o socialismo em Portugal um projecto muito diferente do projecto coreano ou do projecto chinês, somos solidários, tal como em relação à China, para com a construção da nova sociedade na República Democrática Popular da Coreia e para com as propostas desta para a reunificação pacífica da sua pátria.

«A» - Numa tal situação, como se interpreta na Coreia do Norte a recente visita de Gorbachov à Coreia do Sul e o estabelecimento de relações da URSS com a Coreia do Sul?

AC - De forma muito crítica, como é natural. Essa visita não é de molde a facilitar uma solução política para a situação existente na Coreia, nomeadamente num processo justo de reunificação.

«A» - Acreditas ser possível a reunificação?

AC - Consideramos justas no essencial as propostas da República Democrática Popular da Coreia e creio que os camaradas têm razão



Álvaro Cunhal, à chegada a Lisboa, quando prestava declarações à imprensa. Na viagem ao Extremo-Oriente, o secretário-geral do PCP foi acompanhado por Albano Nunes, do Secretariado do CC (à direita, na foto), e por Francisco Lopes, da Comissão Política e do Secretariado, que participou na primeira parte da viagem. O camarada Domingos Abrantes, da Comissão Política e do Secretariado do CC, recebeu, em Lisboa, a delegação do PCP

para dizer que não querem que a Coreia do Norte seja engolida pela Coreia do Sul controlada pelos Estados Unidos, tal como a RDA foi anexada pela RFA.

«A» - A pergunta que se coloca naturalmente a muitas pessoas é a de saber se não se estarão repetindo na China e na Coreia algumas daquelas soluções que, no entender do PCP, foram causas das derrotas do socialismo na Europa de Leste.

AC - Não é naturalmente só por si bastante para o esclarecimento da justa questão que colocas, mas é de registar a afirmação de que na construção do socialismo terão em conta as experiências próprias e alheias. Debatesmos largamente esta questão nas conversações realizadas. Os acontecimentos obrigam a redefinir o que se entende por uma sociedade socialista. A vida mostrou que alguns traços que foram considerados fundamentais para tal caracterização não bastam por si só. Houve «modelos» copiados e a vida mostrou que não há «modelo» de socialismo. Tanto na China como na Coreia, as orientações políticas, económicas, ideológicas para a construção do socialismo são diferentes daquelas que o PCP defende para o socialismo em Portugal. Há porém dois aspectos a considerar: um é a rejeição categórica do capitalismo, com uma justa apreciação do seu carácter explorador; outro é a determinação proclamada de construir uma sociedade nova onde seja banida a exploração e as injustiças sociais, uma sociedade concebida tendo como objectivo essencial o bem-estar do povo.

Os acontecimentos e mudanças na Europa de Leste

«A» - Para melhor compreender como se entende a construção do socialismo na China e na Coreia e como os comunistas do Japão e da Índia entendem o socialismo pelo qual lutam, é importante saber como avaliam os acontecimentos e mudanças na Europa de Leste. Examinastes em conjunto essa problemática? Trocaram opiniões sobre as suas causas?

AC - Naturalmente que esses acontecimentos e mudanças foram examinados. Expusemos a nossa opinião e muito particularmente o exame das causas a que procedeu o XIII Congresso (Extraordinário) do nosso Partido. Embora tendo em conta as diversas formas de pressão, influência e conspiração do imperialismo e embora insistindo de há muito no erro de copiar um «modelo» de organização socialista da sociedade, o nosso Partido debruçou-se particularmente sobre as causas internas relativas ao poder dos trabalhadores substituído por um poder distante, centralizado e repressivo, a organização económica excessivamente estatizada e burocratizada, a teoria cristalizada, dogmatizada e incapacitada de dar resposta às novas situações e aos novos fenómenos, uma defeituosa vida interna do Partido com o progressivo afastamento da direcção em relação à base do Partido e o afastamento do Partido no seu conjunto dos trabalhadores e das massas populares.

Não temos a pretensão de termos feito uma análise definitiva dos acontecimentos e mudanças. Mas consideramos que se trata de uma contribuição válida do nosso Partido para a explicação dos acontecimentos e para destes colher experiências e lições.

Álvaro Cunhal no regresso de visita ao Oriente

ENTREVISTA

«A» - Os partidos com os quais realizaram conversações têm a mesma opinião? Concorram com essa análise do PCP?

AC - Em linhas gerais, todos os partidos com os quais nos encontramos vêm esses acontecimentos e mudanças por um ângulo diferente do nosso. Debatesmos largamente esta questão. Nós examinámos sobretudo as causas internas. Eles sublinharam sobretudo as causas externas. Assim o PC da China, embora afirme que não deu ainda uma explicação global das causas, atribui um papel determinante, por um lado, à estratégia do imperialismo para conduzir os países socialistas à evolução pacífica para o capitalismo; por outro lado, ao facto de nesses países os comunistas não terem alcançado o poder pela luta própria, mas pela acção libertadora do Exército Soviético na 2ª Guerra Mundial, à cópia do «modelo» da URSS, ao controlo da URSS sobre esses países e à atitude demissionista de partidos no poder que se descreditaram a si próprios. Os camaradas coreanos sublinham o carácter «importado» do socialismo e a cópia mecânica de soluções e orientações do PCUS. O PC do Japão atribui um papel determinante ao que chama o «hegemonismo soviético».

«A» - Foram esses partidos receptivos à análise do PCP? E foi a nossa delegação receptiva às opiniões dos camaradas?

AC - Da nossa parte insistimos na necessidade de aprofundar sobretudo o exame das causas internas porque a nosso ver são essas as essenciais e aquelas que nos podem dar, a nós comunistas, as mais proveitosas experiências e lições para o projecto de cada partido para a construção da sociedade socialista. As opiniões dos camaradas sobre as causas externas encerram sem dúvida muitas observações e ideias concretas sobre as quais é necessário reflectir mais profundamente. Mas consideramos que as teses avançadas pelo nosso Partido são válidas e cremos que a reflexão sobre elas será útil noutros partidos, designadamente na China e na Coreia, para que não se repitam situações e soluções que estão na base das grandes derrotas do socialismo na Europa de Leste.

«A» - Se admitirmos que tanto na China como na Coreia (e também no Vietname e noutros países) se estariam repetindo certas soluções e métodos que segundo o nosso Partido estiveram na origem das derrocadas no Leste da Europa, poderá vir a dar-se nesses países uma evolução semelhante?

AC - Colhemos a ideia que os camaradas procuram na sua política interna colher os ensinamentos e ao mesmo tempo concentram grande parte das suas atenções na luta contra as pressões e influências externas do imperialismo, que, para o efeito, aproveita a política de abertura, a reforma e a economia de mercado. É do interesse vital para a luta libertadora dos trabalhadores e dos povos que na China e na Coreia (assim como no Vietname e noutros países

asiáticos onde se empreendeu a construção da sociedade socialista) se não venha a dar uma evolução como se produziu nos países socialistas da Europa. Essa é uma das razões para a nossa solidariedade.

«A» - O PCP colhe a experiência dos acontecimentos do Leste da Europa para definir com mais rigor o seu projecto de uma sociedade socialista. Os camaradas asiáticos com que falam estão também tirando tal experiência?

AC - Tanto na China como na Coreia, os camaradas disseram que têm em conta essas experiências. Entre outras directivas apontam formas novas de directa participação popular e desenvolvem um intenso trabalho para ligar mais estreitamente o Partido às massas.

«A» - Qual a atitude desses partidos em relação à «Perestroika» e à evolução da situação na URSS?

AC - Embora com apreciações diferenciadas acerca da situação anterior, todos declaram compreender as decisões do PCUS para empreender um processo renovador e todos assumem uma atitude positiva para com os objectivos inicialmente anunciados da «Perestroika». Mas todos expressam não só opiniões muito críticas em relação a alguns acontecimentos e orientações e designadamente os recuos e cedências políticas e ideológicas no próprio PCUS, como expressam também grande preocupação pela evolução da situação, pela grandeza e gravidade dos problemas criados, pela acção, influência e avanço das forças anti-socialistas que o imperialismo apoia e incita, e pelos perigos reais que se avolumam contra a sociedade socialista. Todos expressam a ideia de que a desagregação e o caos do Estado soviético, a verificar-se, seria um desastre de incalculáveis proporções para toda a Humanidade.

«A» - Quer dizer: no fundamental coincidem com a opinião e as preocupações do PCP?

AC - Sim, em muitos aspectos fundamentais.

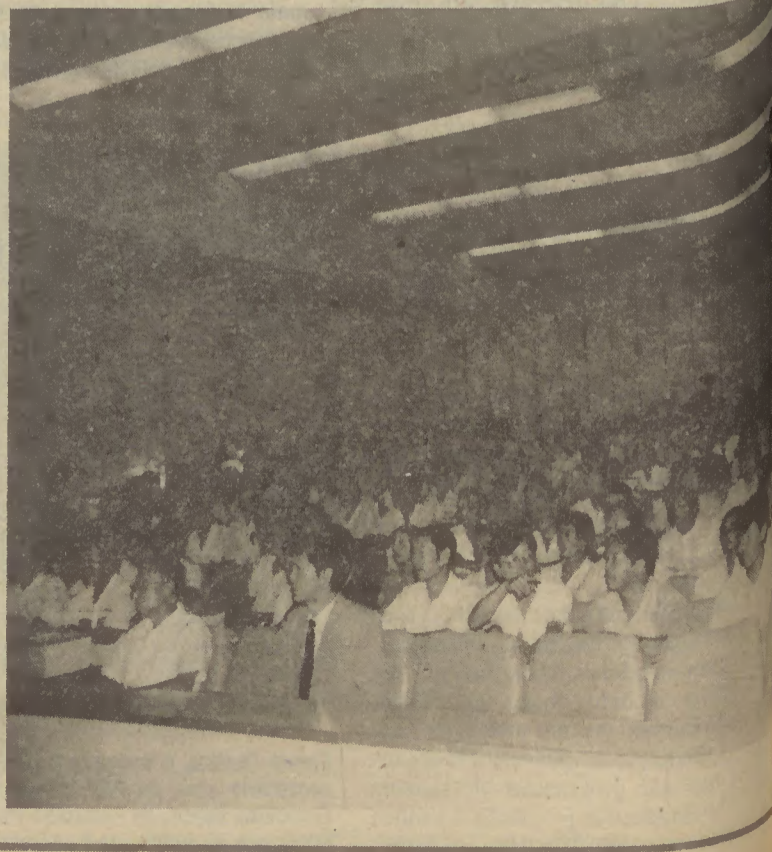
Democracia e pluripartidarismo

«A» - O PCP inscreve a democracia política e nomeadamente o direito de formação de partidos políticos como elementos integrantes da futura sociedade socialista em Portugal. Pelo que acabas de dizer conclui-se que nem todos os partidos comunistas dos países visitados têm idêntica concepção.

AC - Os programas, as opiniões e as posições são diversas. Os partidos indianos e o partido japonês defendem o pluripartidarismo. O PC da China afirma que a democracia é fundamental no socialismo mas orienta-se no sentido do aprofundamento de uma democracia participativa e é contrário à instauração do pluripartidarismo. O pluripartidarismo numa China imensa, repleta de diferenças étnicas, nacionais e regionais significaria, no entender dos camaradas chineses, não



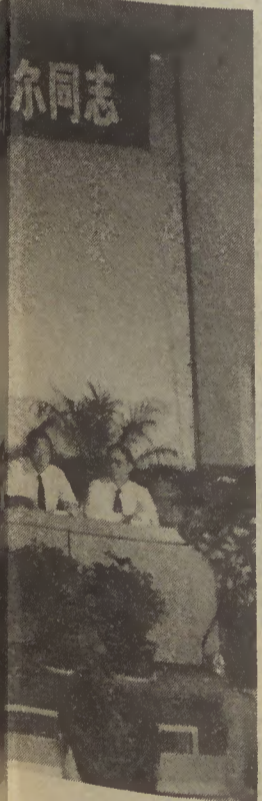
Aspectos da conferência em que a delegação do PCP teve oportunidade de participar, com estudantes chineses



PCP



Encontros das delegações do PCP e do Partido Comunista da China



A delegação do PCP teve a oportunidade de apreciar vários projectos de desenvolvimento em que a China se encontra empenhada



Tienjin. Cidade visitada pela delegação do PCP. Situada numa zona de desenvolvimento com fábricas e empresas com capitais e tecnologias estrangeiros

uma vida democrática, mas a desagregação, o caos, a génese de eventuais ditaduras.

«A» - O PCP condena tal concepção e tal política?....

AC - O PCP aponta o pluripartidarismo como elemento integrante não só de uma democracia avançada em Portugal, como da futura sociedade socialista em Portugal. Mas concebemos outras formas de organização democrática de um Estado. Não compartilhamos da ideia segundo a qual o pluripartidarismo seria a pedra de toque de qualquer sistema democrático em qualquer país. Assim, por exemplo, temos muitas dúvidas em que, em países africanos onde predomina a organização tribal e são muito vivas as rivalidades tribais, a solução democrática da sociedade esteja no pluripartidarismo (sobretudo quando concedido a forças terroristas apoiadas e mantidas pelo imperialismo).

«A» - E quanto à concepção do próprio Partido, do seu papel na sociedade e da sua vida interna?

AC - Os dados publicados indicam que num país que tem cerca de 1300 milhões de habitantes o PC Chinês tem 50 milhões de membros e 3 milhões de organismos. Os camaradas têm noção dos fenómenos negativos que ocorrem e podem ocorrer. A filiação no partido não tanto porque seja um partido comunista, mas porque se encontra no poder; o afastamento das massas; o aproveitamento do poder para obter vantagens pessoais; a corrupção, etc.. Daf o dizerem que o Partido tem de resistir a três provas: à prova de um partido que está no poder, à prova da reforma e da abertura (que facilita a entrada no país de valores ocidentais) e à prova da ofensiva da «evolução pacífica». São bons pontos de partida, mas resta saber como o partido reforça a sua unidade e democracia interna, a sua intervenção, a sua autoridade real e a sua ligação com as massas. Procuram tirar lições dos acontecimentos de Tianamen. Entre elas a ligação do partido com as massas. Falam na necessidade de formar milhões e milhões de continuadores da causa do comunismo. Falam no papel da juventude e em novas orientações. A vida dirá se todos os objectivos são alcançados com êxito. Será de transcendente importância que o sejam.

O capitalismo e a sua natureza exploradora

«A» - O PCP ao contrário de outros partidos continua a apontar o imperialismo como um sistema real explorador e agressivo e a opor-se às ideias de que o capitalismo e não o socialismo está em condições de resolver os graves problemas da Humanidade. Os partidos asiáticos visitados compartilham destas ideias?

AC - Sim, compartilham. Encontrámos nestas questões uma grande coincidência de pontos de vista. Foi frequente ouvir da parte de dirigentes dos partidos visitados que consideram correcta a análise feita pelo PCP da situação internacional, da sua evolução e da natureza e papel do capitalismo.

«A» - Um dos países visitados, o Japão, é um dos países capitalistas mais desenvolvidos do mundo apesar da sua estreita ligação aos Estados Unidos que têm no território japonês a linda soma de 105 bases militares. São notáveis os êxitos do Japão no



A visita à Coreia deu oportunidade de visitar algumas das grandiosas obras realizadas



Encontro entre as delegações do PCP e do Partido Comunista do Japão

apenas com um partido comunista em cada país e mais concretamente com o Partido Comunista digamos tradicional e não com novos partidos comunistas resultantes de cisões?

AC - De facto, a posição do PCP tem sido aquela que referes. Mas de há muitos anos, em relação à Índia defendemos as relações como dois partidos por considerarmos igualmente válida a sua actividade. Isso explica que, quando da preparação da conferência internacional dos partidos comunistas de 1969 o nosso Partido tenha proposto que a título de excepção fossem convidados a participar os dois partidos comunistas indianos. As relações fraternais do nosso Partido com o PC da Índia são de há muitos anos. As relações com o PC da Índia (marxista) têm-se desenvolvido progressivamente e conhecem agora com a nossa visita à Índia um novo e decisivo impulso.

«A» - Estas visitas ao Oriente significam que a Ásia se tornou uma direcção prioritária das actividades e relações internacionais do Partido?

AC - Não. As relações internacionais do nosso Partido são muito diversificadas e abrangem todos os continentes. Mantemos relações próximas e amistosas com vários partidos comunistas da Europa. Estão acordadas com o Partido Comunista da União Soviética para o ano corrente visitas recíprocas de delegações. Mantemos relações de amizade com os partidos da América Latina e ainda há relativamente pouco tempo eu próprio participei em Montevidéu no Congresso do PC do Uruguai. O camarada Carlos Brito esteve apenas há alguns dias em Cuba e participou no Congresso da Frente Sandinista na Nicarágua. O camarada Domingos Lopes participou recentemente no Congresso do ANC na África do Sul. Em correspondência com a linha que traçamos, actuamos para o reforço das relações de amizade e cooperação dos partidos comunistas, assim como com outras forças revolucionárias. Procuramos dar uma contribuição para a recuperação do movimento comunista. Estão mesmo em desenvolvimento relações com partidos que no Leste da Europa mudaram de nome e de programa. A Festa do «Avante!» que se realiza em 6, 7 e 8 de Setembro próximo dará entretanto um quadro surpreendente para muitos, das vastíssimas e sólidas relações de amizade e cooperação do PCP com outros partidos e forças progressistas do mundo.

«A» - Sabendo-se que de uma maneira geral se têm afrouxado no mundo os laços de amizade e cooperação de partidos comunistas e outras forças revolucionárias, o que explica a intensa actividade internacional do PCP?

AC - Duas razões. Uma porque o PCP, partido patriótico que é, é também, como sempre se tem afirmado, um partido consequentemente internacionalista. Outra porque num momento histórico em que a causa da libertação dos trabalhadores e dos povos sofre sérios reveses e corre graves perigos é mais necessária que nunca a solidariedade recíproca dos comunistas, forças revolucionárias e forças progressistas de todos os países. Outros partidos têm, sem dúvida, mais importantes meios para a assumpção de tal posicionamento e o desenvolvimento de tal actividade. O PCP fá-lo com a modéstia das suas possibilidades, mas com a força da sua convicção. Cremos ser uma contribuição útil.

É necessário derrotar este Governo

Nota da Comissão Política do CC do PCP

A Comissão Política apreciou o desenvolvimento da actividade pré-eleitoral da CDU e abordou algumas questões relacionadas com a situação política e social.

1. A evolução da situação e a insistência do Governo do PSD na utilização de métodos e práticas marginais aos princípios democráticos tornam cada vez mais importante e premente a necessidade de derrotar este Governo e esta política nas próximas eleições legislativas.

Através do tempo de antena que todos os dias a RTP lhe oferece reverentemente e colocando o aparelho de Estado ao serviço dos seus interesses e objectivos o Governo de Cavaco Silva intensifica a sua campanha de demagogia e mistificação eleitoralista. O frenetismo inauguracionista e de autovalorização, a manipulação de dados e situações, o oportunismo desenfreado constituem linhas de actuação comprovadoras de uma total ausência de escrúpulos e de um profundo desrespeito e desprezo pela inteligência dos portugueses.

No último fim-de-semana o Governo, pela voz do Primeiro Ministro, procedeu à abusiva e inacreditável apropriação das vitórias obtidas pelas selecções nacionais de futebol júnior e de hóquei em patins. Atribuindo ao seu Governo e à sua política os méritos de êxitos que resultam essencialmente do esforço, da capacidade e do talento, quer dos atletas de ambas as equipas quer das respectivas equipas técnicas - Cavaco Silva deixou claro que não olhará a meios para tentar alcançar os fins que prossegue.

Acreditando que a repetição exaustiva de uma mentira a transforma em verdade, o Governo do PSD persiste na difusão de uma imagem irreal tanto das suas qualidades como dos resultados da sua política. O descontentamento de amplas camadas da população face à política do Governo - traduzido, em muitos casos, em importantes lutas reivindicativas que abrangem os mais diversificados sectores de actividade - constitui a mais concludente resposta e a mais firme rejeição da operação mistificadora do Governo. A realidade, que o Governo tenta ocultar sob o manto cerrado da desresponsabilização e da vaga de promessas a troco do voto nas próximas eleições, ressaltou com grande força através, designadamente, nas lutas dos agricultores e dos trabalhadores dos transportes que nos últimos dias assumiram notável dimensão.

O discurso do Primeiro-Ministro e dos restantes membros do Governo desconhece o fracasso e só sabe imaginar êxitos. Entretanto, mostra a realidade que continuam por resolver e a agravar-se os grandes problemas do povo e do País, que continuam a agravar-se as condições de vida e de trabalho de grande parte dos trabalhadores portugueses.

Entretanto, mostra a realidade, igualmente, que cresce o descontentamento e a vontade de mudança.

Derrotar a direita e criar condições para a concretização de uma alternativa democrática são, assim, objectivos não só necessários mas possíveis de alcançar nas eleições de 6 de Outubro.

2. A Comissão Política procedeu ao balanço da pré-campanha eleitoral da CDU que prossegue por todo o País e valorizou o facto de muitos cidadãos independentes continuarem a manifestar o seu apoio à Coligação Democrática Unitária.

Ultimada a elaboração dos processos respeitantes às listas dos vários círculos eleitorais cuja apresentação em tribunal se inicia hoje mesmo, a Comissão Política confirmou a elevada qualidade da composição das listas da CDU e a sua amplitude unitária.

O resultado do conjunto de iniciativas levadas a cabo nas últimas semanas revela a existência de um ambiente de grande confiança nos resultados eleitorais da CDU e o reconhecimento de que o voto na CDU se apresenta como o melhor e mais seguro caminho para a derrota da direita e para a concretização de uma alternativa democrática ao actual Governo e à sua política.

3. A Comissão Política apreciou o andamento dos trabalhos preparatórios da Festa do «Avante!» e sublinha o significado da participação activa de milhares de militantes e amigos do Partido na sua construção.

A Comissão Política assinala igualmente a importância de o ritmo de vendas das Entradas Permanentes (EP's) estar a ser superior ao do ano passado, o que faz prever uma muito grande afluência nos dias 6, 7 e 8 de Setembro àquela que é, incontestavelmente, a maior iniciativa política, cultural, desportiva e recreativa realizada no nosso País.

Lisboa, 30 de Julho de 1991

A Comissão Política
do Comité Central do
Partido Comunista Português

CDU

A apresentação de Viseu

A CDU apresentou recentemente a sua lista pelo círculo de Viseu às próximas eleições legislativas, numa sessão pública privilegiando a Comunicação Social, realizada na cidade de Viseu e integrando diversos actos de que destacamos um jantar de trabalho com os candidatos e alguns apoiantes, uma deslocação à sede da candidatura e um desfile pela cidade abrilhantado pelos Bombos de S. Martinho de Orgens.

Na Declaração divulgada pela Coligação Democrática Unitária para Viseu pode ler-se:

«A Coligação Eleitoral CDU vai levar por diante uma forte, dinâmica e esclarecedora campanha eleitoral, recusando a política espectáculo, mas privilegiando a análise, a discussão e o debate em conjunto com a população do distrito; através dos contactos a levar a cabo, encontraremos uma resposta imaginativa que seja a expressão da criatividade colectiva.

«A nossa luta política visa assegurar a derrota da direita colocando-a em minoria no Parlamento; alcançar uma maioria democrática; e, ainda, abrir caminho à convergência das forças democráticas.

«Mais do que colocar objectivos numéricos, colocamos no nosso horizonte objectivos políticos, pois com a convicção de partilhar as aspirações do Povo tentaremos encontrar junto dos

trabalhadores um espaço de afirmação dos valores do 25 de Abril, rejeitando os equívocos e defendendo os valores do inconformismo, da clareza, da coerência e da energia transformadora de todos quantos aspiram a uma vida melhor.

«Neste contexto, a nossa candidatura afirma-se pela diferença e pela renovação, assumindo-a com o gosto e a legitimidade política que nos são amplamente reconhecidos.

«Exortamos os trabalhadores e todos os democratas dos mais variados sectores a participar, certos de que nesta campanha da CDU encontrarão um espaço de afirmação de vontades e de convicção; um espaço político de intervenção a favor do distrito que outros, apesar de numerosos, não fizeram, pois sempre se deixaram enredar em papéis de embrulho de iniciativas eleitoralistas.»

Uma lista jovem

A lista de candidatos da CDU — Coligação Democrática Unitária pelo círculo eleitoral de Viseu caracteriza-se pela diversidade socioprofissional, pois dela constam: dois médicos, dois trabalhadores da Função Pública, dois professores, um operário mineiro (desempregado), uma engé-

nheira técnica agrícola, um empresário industrial, um advogado, um guarda-rios, um técnico de telecomunicações, um empregado bancário, um técnico de contas.

A média de idades nesta lista é de 40 anos, tendo o candidato mais jovem 27 anos e o mais idoso 59 anos.

A cobertura geográfica do distrito é também significativa pois da lista fazem parte candidatos dos concelhos de Viseu, Lamego, Tondela, S. Pedro do Sul, Vouzela, Nelas, Moimenta da Beira, S. João da Pesqueira, Oliveira de Frades e Tarouca.

A presença de duas mulheres na lista da CDU é demonstrativa da grande importância atribuída à participação das mulheres na actividade política, apesar dos entraves e dificuldades diariamente ainda colocados pela sociedade.

A lista, do ponto de vista político, mostra claramente a cada vez maior abertura e a unidade consubstanciada no projecto da CDU: na lista há membros do Partido Comunista Português, da Associação Intervenção Democrática — ID, da União Democrática Popular — UDP, para além de vários democratas independentes.

«Característica fundamental de todos os candidatos é a sua profunda inserção social e política na vida do distrito, nas mais variadas áreas (dirigentes sindicais, membros de Comis-

sões de Trabalhadores, eleitos no Poder Local, dirigentes de organizações camponesas e de baldios, dirigentes de organização de juventude, dirigentes ou participantes em associações e projectos culturais e de solidariedade social, dirigentes de movimento com cariz vincadamente popular)», sublinha a CDU de Viseu, que acrescenta:

«Os candidatos da CDU — Coligação Democrática Unitária são homens, mulheres e jovens profundamente ligados ao povo e empenhados na luta por um distrito de progresso, pelos direitos dos trabalhadores, pela democracia, pelo desenvolvimento regional.»

Entretanto no distrito de Viseu várias individualidades manifestaram publicamente o seu apoio às listas CDU.

Alins Maria de Sousa — Enfermeira. Viseu — do PCP.

Aníbal Gonçalo Batista Simões — Advogado. Viseu — independente.

Jaime Gaspar Gralheiro — Advogado, escritor e dramaturgo. S. Pedro do Sul — do PCP.

José Carlos Chã Almeida — Bancário. S. Pedro do Sul. Militante do MDP/CDE. Presidente da Direcção do Grupo Cénico. Membro da Assembleia Municipal de S. Pedro do Sul.

Natalino Silva Ferreira — Industrial. Tarouca — independente.

Seia

Os passeios do ministro

Silva Peneda, ministro do Emprego e da Segurança Social, desloca-se de Lisboa a Seia para ver. Ver o quê? Um acto de assinatura de protocolos entre a Câmara local e entidades públicas regionais! Para não ficar completamente imobilizado perante as câmaras da televisão que fielmente o seguiram, pegou ainda numa tesoura para cortar a fita da inauguração de uma colectividade, posto o que regressou a Lisboa sem reparar numa data de coisas. A Comissão Concelhia de Seia do PCP, no entanto, recordou-lhas, dizendo em comunicado:

«No entanto o concelho de Seia debate-se com graves problemas sociais e económicos cuja responsabilidade se pode assacar ao Governo e ao ministro que agora vem passear em Seia. A crise no sector têxtil (em particular nos lanifícios) não é uma invenção nossa. A grave situação da «Fisel», a insegurança quanto ao seu futuro, a existência de salários em atraso e as situações dramáticas que acarretam aos trabalhadores, são uma realidade bem viva em Seia.»

E continua a perguntar a Concelhia de Seia do PCP: «Que tem de novo o sr. ministro a dizer aos cerca de 1000 operários que labutam na «Fisel»? Que garantias lhes traz (e o seu Governo) quanto à manutenção dos postos de trabalho e à laboração da empresa? E quanto ao pagamento dos salários em atraso e à garantia dos salários futuros? Claro que os ministros têm o salário em dia e ao patronato ofereceram a «estabilidade» do pacote laboral. Quem pode falar de

estabilidade social quando há centenas de pessoas privadas do seu salário?»

Mas «cabe também perguntar que Câmara Municipal é esta que em vez de se mostrar solidária com os trabalhadores da «Fisel» e, até, os estimular a defender os seus postos de trabalho e a empresa, junto do senhor ministro, antes os ameaça e chantagia para que não se manifestem, como aconteceu? Afinal que conceito de democracia é este que a Câmara (através de altos responsáveis), irmanada com o Governo, nos quer impor? Será que a liberdade só é concedida quando se trata de bater palmas e louvar a política do Governo?»

E o comunicado acentua: «Já suspeitávamos de que o bolor de «antigamente» se tinha introduzido na Câmara, sobretudo depois da leitura daquele «convite» à população para vitoriar o ministro que antecedeu este na visita a Seia.»

E, finalmente, o documento conclui:

«Para que o concelho de Seia não morra com uma indigestão de ministros, é necessário tornar evidente o carácter «excursionista» e eleitoralista destas visitas. Se cada ministro levar uma Medalha de Ouro do Concelho (que custa centenas de contos) e a festa e os almoços forem de arromba como até aqui, no fim do ano a dívida da Câmara não será, com certeza, de um milhão e 300 000 contos mas de uns bons milhares mais. Os problemas sociais, esses, continuarão, com toda a certeza, por resolver.»

Setúbal

Saúde está doente

«Nem todas as urgências acabam nos hospitais» — é uma das muitas afirmações do Ministério da Saúde, feita em período pré-eleitoral, que nos entra em casa todos os dias através da televisão como propaganda paga pelo Governo e suportada com o dinheiro dos portugueses.

Por outro lado, também nos chegou a casa um folheto, cujo objectivo final visa informar a população em geral dos serviços de saúde de que dispõe, como os deve utilizar e das várias alternativas.

Tudo isto seria importante e fundamental se a perspectiva fosse proporcionar à população o direito a ser atendida condignamente sempre que precisasse e a usufruir numa rede de equipamentos de saúde que desse resposta à população do concelho de Setúbal e, inclusivamente, que beneficiassem da compra

dos medicamentos prescritos com as devidas comparticipações.

Sempre o PCP tem defendido que, face ao crescimento da população, os equipamentos existentes não dão a resposta necessária aos utentes e, daí, a necessidade de longas filas de espera, formadas mesmo de madrugada, para a obtenção de uma consulta.

O estado de degradação e de inoperacionalidade de várias extensões de saúde no concelho é também preocupante. Lembremo-nos apenas da Extensão de Saúde de Santo Ovídio — Faralhão.

Só há bem pouco tempo decidiu a Administração Regional de Saúde prolongar o período de atendimento em algumas extensões de saúde — são os tais CATUS — de que fala agora o ministro na televisão, antes das eleições, mas que não foram devidamente publicitados na altura,

e cuja eficácia tem sido duvidosa. Conclusão: os serviços não eram utilizados como deviam e todas as pessoas que precisavam de assistência dirigiam-se à Urgência do Hospital Distrital de Setúbal — também ela a «rebetar pelas costuras».

Num concelho com a importância deste, e também porque é capital do distrito, só agora existe um Serviço de Atendimento Permanente — é o tal SAP, de que fala o ministro na propaganda da televisão e no tal folheto, que por acaso anunciou o «evento» antes dele ser uma realidade.

Há muito que o PCP reclamou a criação e o pleno funcionamento de um tal serviço. É preciso, no entanto, dotá-lo dos meios humanos e técnicos indispensáveis e acautelá-lo que a triagem dos doentes não venha a ser mais

um «tampão» que deixe de garantir de forma enviesada aquilo que, sendo até hoje mau, não venha a ser bem pior.

Há que encarar de forma séria e global o problema da saúde no concelho.

Se considerarmos a incapacidade dos vários ministros da Saúde em planificar respostas adequadas aos legítimos anseios da população, nomeadamente não adequando o Sistema ao Serviço Nacional de Saúde, agora «substituído» pela contestada Lei de Bases de Saúde, ainda por regulamentar, e se tivermos em conta a incapacidade de gestão aos vários níveis, quer da Administração Regional de Saúde, quer da Administração do Hospital Distrital de Setúbal, percebe-se bem e conclui-se claramente que a saúde no concelho está doente.

TLP/Porto

«Só vence quem luta»

O apelo à unidade dos trabalhadores e ao reforço da sua intervenção activa e a dinamização das Organizações Representativas (ORT), para defesa e garantia dos seus direitos, é expresso, em comunicado, pela célula dos TLP/Porto do PCP.

Segundo denunciam os comunistas desta célula, «a desestabilização da empresa e a divisão dos trabalhadores, criando o caos com a publicação das listagens para atrasar ainda mais a sua aplicação e não pôr em prática o Acordo de Empresa (AE) que assinou», são os eixos fundamentais da actuação do Conselho de Gerência dos TLP para facilitar a privatização desejada pelo Governo.

A organização comunista da empresa acusa de «manobrismo» o CG, ao ir retendo o dinheiro dos trabalhadores e misturando cada vez mais o AE/90 com as negociações do AE/91.

«A nomeação de todos os ex-assistentes e equiparados à categoria 1, à data da publicação do acordo (1 de Novembro de 90) e a promoção à categoria imediata, a partir da mesma data, de todos os ex-electrotécnicos e equiparados» são exigências expressas no comunicado dos trabalhadores comunistas dos TLP/Porto, que alertam ainda para a «política de redução de efectivos», que denuncia o objectivo, por parte do poder, de «entrega da empresa ao grande capital nas melhores condições».

O comunicado dos comunistas afirma que «nenhum trabalhador pode ser pressionado, com mais ou menos verniz, a abdicar do seu posto de trabalho». O resto, diz, é uma decisão que cabe a cada um.

Porto – Programa «Ciência» em «diálogo com o PCP»

Realizou-se a semana passada, no Auditório da Reitoria da Universidade do Porto, o debate sobre o Programa «Ciência» e o panorama da Investigação e Desenvolvimento (I & D), integrado na série «Diálogos com o PCP» e promovido pela Direcção do Sector Intelectual do Porto do partido.

Na Mesa registou-se a presença dos professores Armando Castro e Mariano Gago, do investigador Frederico Carvalho e do engenheiro Franklin Pereira, que moderou o debate.

«Deficiências institucionais e de debate na sociedade portuguesa» foram apontadas pelo professor Mariano Gago, o primeiro interveniente, que centrou a sua intervenção, «atendendo ao facto de ser quase certa a reaplicação dos fundos estruturais», na perspectiva do lançamento de

pistas de resposta à questão: «Que lições deste primeiro embate?»

Mariano Gago, que criticou o facto de programas de investigação serem suprimidos porque «só há dinheiro para cimento armado e bolseiros» e salientou o défice sobre a situação científica portuguesa em comparação com outros países, defendeu a necessidade da «presença portuguesa para que negociações futuras de novos fundos estruturais não sejam tão desastrosas».

Num país com uma projecção económica e social tão pequena como a nossa e que nunca será comparável com a RFA ou os EUA, Armando Castro defendeu uma investigação científica claramente orientada «para uma política que tenha em vista o desenvolvimento económico e social do País».

Armando Castro afirmou

ainda que os desenvolvimentos científico-tecnológico e económico-social são hoje indissociáveis e salientou o «carácter necessário das ciências humanas na globalidade nacional», para concluir que «se não podemos ambicionar ser um país de ponta, temos direito a ocupar um lugar digno».

Frederico Carvalho realçou a preocupação do Partido Comunista com as questões da Ciência e da I & D, o que justificou com a existência, no quadro partidário, de uma Comissão para esse estudo, com as várias iniciativas levadas a cabo e com as quatro páginas que, no programa eleitoral, abordam a Ciência e Tecnologia.

A justificar a relativamente pequena importância da «Ciência», o investigador disse que os 50 ou 52 milhões, para quatro anos,

do programa, «é uma verba que já está atrás do Centro Cultural de Belém»...

A intervenção de Frederico Carvalho centrou-se numa análise comparativa detalhada e amplamente documentada das carências portuguesas em termos de recursos humanos e financeiros e afirmou que, em matéria de recursos humanos, Portugal precisaria de multiplicar por quatro a sua média para atingir a europeia.

O debate, que se prolongou até cerca da meia-noite, contou com a presença de cerca de uma centena de pessoas ligadas às questões em análise, algumas das quais expuseram as suas preocupações quanto às perspectivas científicas para o País.

Necessariamente polémico, o debate foi consensual num aspecto: ninguém concorda com o «Programa Ciência».

Com Luís Sá à frente CDU apresenta candidatos do Porto

A CDU-Porto entregou anteontem, às 15 horas, a lista candidata pelo círculo eleitoral do Porto no Palácio da Justiça. Na ocasião os candidatos presentes, o cabeça de lista Luís Sá, Raul Castro, da Associação Intervenção Democrática, Rosa Dias, José Paulo Serralheiro, independente, proposto pelo PEV e dois representantes da UDP, na impossibilidade dos seus candidatos estarem presentes, acompanhados pelo mandatário da lista, Avelino Gonçalves, apresentaram cumprimentos ao Juiz de turno no 1.º Juízo.

Luís Sá, cabeça de lista da CDU no Porto, fez uma curta declaração à Comunicação Social, onde chamou a atenção para o facto de a lista CDU ter «dez candidatos que não são membros do PCP, dos quais três são independentes, três são indicados pela ID, dois pelo PEV e outros dois pela UDP, enquanto as listas do PS, PSD e CDS são monopartidárias. Este facto não é alheio às lutas por posições e pelo poder que se verificaram nesses partidos e ao clima de confronto e polémica que rodeou a sua elaboração, em contraste com o debate sereno e construtivo e a ampla auscultação que precederam a preparação da lista da CDU».

«A CDU afirma-se e alarga-se como espaço plural para o diálogo e a acção comum dos democratas portugueses e um instrumento privilegiado para a sua intervenção política com vista à alternativa de-

mocrática que o País reclama.» E mais adiante:

«Sublinhamos a presença de destacados dirigentes do movimento operário e sindical: 11, quer de sindicatos operários, quer de sindicatos de intelectuais e de serviços. A crise do Vale do Ave e do sector têxtil, pelo impacto que têm no tecido social do Distrito, justificam uma referência à presença, na lista da CDU, de sindicalistas que se têm distinguido na defesa dos trabalhadores da têxtil. Note-se que a lista do PS não inclui um só operário, o mesmo acontecendo com a do PSD. A lista da CDU dá expressão e continuidade à vasta movimentação social que se tem oposto e resistido à ofensiva do Governo do PSD contra os direitos dos trabalhadores.»

«Tem um significado especial — afirmou mais adiante Luís Sá — que a lista da CDU integre onze mulheres, enquanto a do PS tem apenas cinco e a do PSD uma, por sinal em 40.º lugar. A idade média da lista é de 43 anos, havendo cinco candidatos com menos de 30 anos.

«Estes dois últimos aspectos traduzem a preocupação da CDU com a situação e os problemas que afectam quer os jovens quer as mulheres e a importância que atribuímos à satisfação das suas necessidades na política alternativa que defendemos e propomos, em correspondência com o papel que desempenham na sociedade portuguesa», concluiu.

A luta em Castelo Branco

No distrito de Castelo Branco a luta política e social tem vindo, também ali, a desmentir a propalada «paz social» que o Governo nos quer impingir neste período de pré-campanha eleitoral. Respinguemos apenas alguns exemplos recentes: greve na Mina da Panasqueira contra o pacote laboral, com uma adesão de 80%; diversas jornadas de luta no mês de Junho também contra o pacote laboral (nos lanifícios, nos trabalhadores da Administração Local da Sertã, Belmonte, Covilhã, Fundão, Vila Velha

de Ródão, Castelo Branco, e da Função Pública nos centros de Saúde do Fundão, Castelo Branco, Covilhã, nos Hospitais de Castelo Branco e Covilhã, nas escolas de Vila Velha de Ródão, Tortosendo, Amato Lusitano, etc).

De assinalar igualmente o Encontro distrital de dirigentes e delegados sindicais realizado em Junho em Castelo Branco, onde cerca de 100 participantes dirigiram fortes críticas ao Governo.

Diversas iniciativas unitárias marcaram ainda a

actividade política no distrito, nomeadamente um grande convívio dos têxteis em Castelejo, Fundão, um plenário das assembleias de freguesia do concelho da Covilhã para análise da situação de crise nos lanifícios do concelho, a corrida do 6.º Grande Prémio da Serra da Estrela, promovido pela Junta CDU em Cortes do Meio, que igualmente organizou uma Feira de Artesanato.

Quanto à pré-campanha eleitoral da CDU, já se realizou, como se sabe, o Encontro

Distrital de apresentação de candidatos da Coligação Democrática Unitária, na Covilhã, onde estiveram presentes, além de membros da DORCB do PCP, os candidatos, membros regionais do PEV e da UDPe os dirigentes da UDP, Carlos Marques, e do PCP, Victor Dias, que falaram no Encontro. Realizou-se igualmente um convívio no CT de Castelo Branco, um concurso de pesca em Vila Velha de Ródão e numerosos convívios e confraternizações onde têm participado os candidatos da CDU.

Atalaia • Amora • Seixal 6, 7 e 8 Setembro 91

EP
ENTRADA PERMANENTE

JÁ ESTÁ
Á VENDA

Nas Sedes
do PCP
em todo
o País



TRABALHADORES

Enfermeiros tentam evitar novas greves

Os enfermeiros protestaram a semana passada junto à residência oficial do chefe do Governo em Lisboa. Algumas dezenas de profissionais, segundo a Lusa, efectuaram uma vigília no local entre as 17 e 30 e as 24 horas de 24 do corrente. O motivo principal desta forma de luta é o «processo negocial relativo à revisão da carreira de enfermagem».

O Sindicato dos Enfer-

meiros Portugueses (SEP) dizia à Imprensa, no dia anterior à vigília, que essa revisão se iniciou em 31 de Outubro do ano passado, tendo terminado em 25 de Junho findo. Embora se tenham estabelecido consensos «em torno de alguns aspectos importantes para os enfermeiros», há várias questões, segundo o SEP, que «o Ministério da Saúde se recusou a resolver».

Entre elas o Sindicato

destaca reformas aos 30 anos de serviço, independentemente da idade; os enfermeiros com formação básica deverão atingir vencimento igual ao do topo da carreira técnica; os de formação pós-básica devem atingir vencimento igual ao do topo da carreira técnica superior; regime de exclusividade; contagem de tempo de serviço aos enfermeiros contratados a prazo certo.

Para que estas reivindicações sejam satisfeitas deve ser publicada a nova carreira de enfermagem com as alterações negociadas com o Ministério da Saúde e deve ser aberto um novo processo de negociações.

O SEP pretende evitar a radicalização da luta, isto é, o recurso a novas greves ou a outras formas de luta mais radicais que a vigília efectuada em frente à residência do Primeiro-Ministro na semana passada.



A Seagete encerra e despede

Mais uma empresa que anuncia um despedimento colectivo.

Segunda-feira passada, sabia-se em Palmela que a Seagete anunciara o encerramento e mandara informar de um despedimento colectivo 100 trabalhadores.

Segundo a informação que nos chegou da Comissão Concelhia de Palmela do PCP, é mais uma situação dramática que se vive naquela zona.

«Um despedimento colectivo, refere a nota da Concelhia, só é possível com a concordância do Governo. E,

pela informação dada, tudo leva a concluir que já está tudo preparado com o ministro do Emprego — só os atingidos não sabiam de nada».

Comenta a nota:

«O Governo do PSD apregoa aos quatro ventos que quase não há desemprego, que há estabilidade, que se vive no "paraíso". Ainda há poucos dias, vários ministros vieram a Palmela, quando da assinatura do projecto Ford-VW, propagandear que ia acabar o desemprego na região.

«Apesar do silenciamento de alguma comunicação

social — prossegue a nota — vai-se conhecendo todos os dias que uma coisa é a propaganda do Governo e outra é a realidade do país.

«Por todo o lado sucedem-se as lutas dos trabalhadores, dos agricultores, das populações para resolverem os problemas que têm.

«O Governo apregoa a estabilidade, mas a sua política gera instabilidade na vida dos portugueses, como está agora a suceder com os trabalhadores da Seagete», lembra ainda a nota da Concelhia de Palmela do PCP, que faz um apelo «a todos os trabalhadores da empresa para que lutem pelo direito ao emprego».

A Portucel gasta mais de 3,5 milhões de contos em despedimentos

Indemnizações e encargos com a Segurança Social devidos por despedimentos na Portucel atingem os 3 milhões e 600 mil contos, afirma a Federação Portuguesa dos Sindicatos das Indústrias de Celulose, Papel, Gráfica e Imprensa.

Esta verba refere-se a 314 trabalhadores despedidos por «mútuo acordo» no período de Janeiro a Maio deste ano.

Em comunicado de 18 de Julho findo, o Conselho Nacional daquela Federação sublinhava que até final do mesmo mês «o número de

trabalhadores despedidos poderá atingir os 500».

Segundo a mesma fonte, a média de idades dos trabalhadores «despedidos voluntariamente» ronda os 54 anos. A média de antiguidade na empresa é da ordem dos 25 anos.

As indemnizações somaram um milhão e meio de contos. O restante é devido à Segurança Social, acrescenta a Federação.

A mesma destaca que a estratégia de redução de efectivos «prender-se-á com a criação de condições estru-

rais que facilitem a privatização em conjunto» da Portucel.

Prevê ainda a Federação que esse estado de coisas será acompanhado de «ameaças de desmatelamento e desarticulação dos diversos serviços, centros e unidades fabris que hoje constituem um todo único ao serviço da empresa».

No entender da Federação, o Governo é o responsável por esse plano, no interesse das multinacionais do sector.

VÁRIA

A Covina pode fornecer a totalidade dos vidros para o projecto Ford/Volkswagen. Segundo a Comissão de Trabalhadores da Covina, a fábrica de Santa Iria de Azóia está em condições de «dar resposta em tempo útil ao alargamento das instalações, investimentos em novos equipamentos, formação profissional e aprovação de protótipos», de modo a, sem desmembramento, vir a ser naquela localidade a fornecedora total de vidros para o citado projecto industrial, sem necessidade de investir «cerca de seis milhões de contos numa nova unidade fabril na região de Setúbal», perspectiva que a CT assinala como tendo vindo a público recentemente.

Desemprego de 130 trabalhadores dependente da Câmara de Matosinhos. A direcção do Sindicato dos Trabalhadores Metalúrgicos do Porto repudia a actuação desta Câmara que pretende encerrar as instalações da empresa Inapal. A atitude, que o Sindicato afirma ser da responsabilidade da autarquia, deve ser substituída por uma solução que não prejudique os trabalhadores nem os próprios moradores da zona com os quais o Sindicato se solidariza.

Guardas florestais querem ser ouvidos. A cumprir-se o que foi agendado, deve ter-se realizado anteontem uma reunião do grupo de trabalho dos guardas florestais, que funciona no âmbito da Federação Nacional dos Sindicatos da Função Pública. Os guardas, que pretendem ser recebidos pelo secretário de Estado da Agricultura, para o que têm desenvolvido esforços, defendem várias reivindicações por satisfazer e podem vir a adoptar formas de luta.

Por um correcto financiamento do LNEC. «O recente episódio da ponte ferroviária sobre o Douro veio publicamente mostrar a debilidade institucional do Laboratório Nacional de Engenharia Civil», afirma a CT daquele serviço público. A Comissão de Trabalhadores do LNEC, que levanta algumas suposições legítimas sobre o que pode vir a acontecer naquele e noutros casos de obras públicas em que não intervém, reclama «um correcto financiamento que dê ao LNEC independência económica e um maior envolvimento nas grandes obras de engenharia civil».

Subsídios a empresas em Setúbal Sindicatos denunciam novo escândalo

O coordenador da União de Sindicatos de Setúbal, Rui Paixão, considerou «escandaloso» o facto de empresas receberem verbas para a criação de postos de trabalho e depois encerrarem.

Em conferência de imprensa na sede da USS, Rui Paixão referiu que a empresa «Iola» despediu 52 trabalhadores após receber subsídio para a criação de postos de trabalho, o mesmo acontecendo com a «Iva» que despediu 50 trabalhadores depois de ter recebido verbas do SIBR Sistema de Incentivos de Base Regional.

«A UMM/Movauto recebeu 220 000 contos de subsídios aprovados em 1988 para a criação de 303 postos de trabalho. Em vez disso chegou apenas a ter mais 20 trabalhadores contratados a prazo, que já foram despe-

didos», acrescentou.

O sindicalista referiu ainda que a empresa «Gefa» despediu 312 trabalhadores após receber verbas do SIBR e que a «Helly Hansen», que se comprometera a criar 252 postos de trabalho com subsídio que recebeu do SIBR, «não admitiu um único trabalhador».

Por sua vez, a «Tronitec» recebeu 440 000 contos de subsídios para criação de 215 postos de trabalho, mas «vai admitir apenas 126» trabalhadores, disse Rui Paixão.

O sindicalista considerou tratar-se de «uma situação tão escandalosa como a que sucedeu com as verbas do Fundo Social Europeu», acrescentando que «não existe fiscalização e o IAPMEI (Instituto de Apoio às Pequenas e Médias Empresas e ao Investimento), que

atribui os subsídios, não liga às denúncias». «Já levámos o caso à Alta Autoridade contra a Corrupção, pois a situação está a redundar em escândalo sem que ninguém lhe ponha cobro», frisou.

Na conferência de Imprensa, em que estiveram presentes os dirigentes sindicais Manuel Pisco, José Manuel Silva e Ercília Talhadas, foi ainda feito um balanço da situação laboral no distrito de Setúbal.

Segundo a USS, «no primeiro trimestre de 1991, a taxa de desemprego era de 12,4 por cento, duas vezes superior à média nacional e a percentagem de contratos a prazo continuava a crescer (mais 3,4 por cento desde 1987)».

«Verifica-se uma redução muito lenta dos desempregados inscritos nos centros de emprego, agravando-se

o peso relativo aos desempregados registados na península de Setúbal, em relação ao total nacional que era de 11 por cento em 1986 e de 12,1 por cento no final de 1990», foi referido na conferência de Imprensa.

Em documento entregue aos jornalistas, a USS refere que «entre 1986 e 1990 a redução do desemprego registado no país foi de 4,96 por cento ao ano, enquanto na península de Setúbal essa redução foi de 2,49 por cento ao ano».

Ao falar da situação laboral no distrito, Rui Paixão salientou, nomeadamente, que «a Timex, SGM, Sado Internacional e Previgal, além de encerrarem, devem milhares de contos aos trabalhadores e a «Clerigo» está em laboração, mas com 20 000 contos de salários em atraso a 40 trabalhadores».

Palestinianos exigem uma real representação

«É incontestável que, depois da queda do muro de Berlim, a 9 de Novembro de 1989, se abriu uma nova era na história do mundo. O mundo de hoje deve ser transformado e é necessária uma nova ordem internacional. Mas esta nova ordem internacional não se deverá basear na opressão e humilhação de uns e a insolente dominação de outros». São palavras do Prémio Nobel de ciências económicas, Maurice Allais, num artigo seu publicado no «Figaro Magazine» e particularmente virado para a questão candente do pós-guerra do Golfo.

Dois grandes questões, interligadas, marcam hoje a situação no Médio Oriente, e de facto toda a cena política internacional - a dramática situação do povo iraquiano e o futuro dos palestinianos.

Neste último período têm-se multiplicado contactos para a realização de uma Conferência para o Médio Oriente. Contactos entretanto marcados por profundas ambiguidades pois são bem diversos os interesses das partes envolvidas.

Israel tem vindo a resistir sistematicamente a uma verdadeira representação palestiniana, tomando ainda, o que é particularmente grave, medidas práticas de ocupação territorial que podem invalidar soluções políticas que entretanto se venha a avançar no sentido de finalmente garantir aos palestinianos o direito a uma pátria.

Concretamente, Israel está a acelerar as construções nos territórios ocupados e planeia instalar nos próximos meses cerca de 4000 unidades pré-fabricadas.

São factos e números divulgados pelo grupo pacifista israelita «Paz Agora», e inscritos num documento do Ministério da Habitação.

Aliás, o ministro da Habitação, Ariel Sharon, afirmou publicamente, por mais de uma vez, que irá expandir as actividades de colonização (hoje mundialmente condenadas, pelo menos em palavras), considerando ser essa a melhor forma de bloquear quaisquer «concessões» israelitas em futuras conversações de paz.

Por seu lado o governo israelita abriu um departa-

mento oficial na Margem Ocidental do Jordão para registar individualmente propriedades situadas nos territórios ocupados. As casas e terrenos dos mais de 100 mil judeus que se mudaram para os territórios ocupados eram até aqui registadas como propriedade do governo.

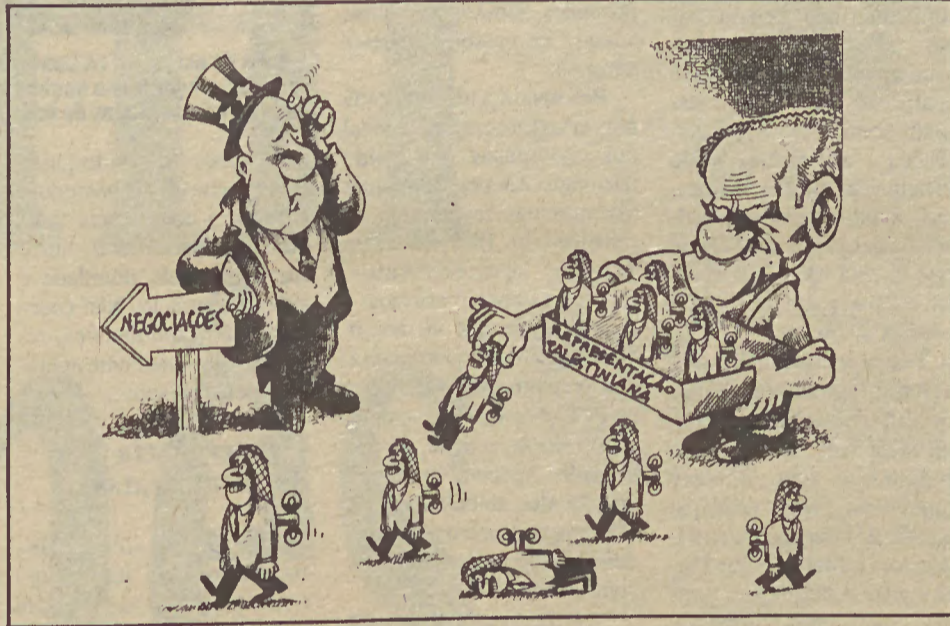
Note-se que, de acordo com declarações do deputado israelita de esquerda, Dedi Zucker, os palestinianos já perderam o controlo de mais de 50% da Margem Ocidental e da Faixa de Gaza, tendo os israelitas confiscado as terras ou impedido os palestinianos de as usarem.

Numa recente tomada de posição pública sobre a actual evolução da situação, no que se refere aos direitos do povo palestiniano, a direcção da OLP dirigiu um apelo à

cimeira soviético-americana para «apresentar garantias internacionais» que «asseguem que o objectivo da conferência» em preparação «é a retirada total de Israel dos territórios ocupados, incluindo de Jerusalém, e a autodeterminação do povo palestiniano».

No documento da OLP reafirma-se a necessidade de participação de uma delegação palestiniana, composta por elementos dos territórios ocupados «e da diáspora, e prioritariamente de representantes de Jerusalém».

«É a OLP que fixará a composição da delegação palestiniana, e não aceitará nenhuma intervenção israelita, seja de que forma for», acrescenta a direcção palestiniana.



Golfo

Povo iraquiano continua a pagar custos da guerra

A situação no Golfo Pérsico - de que o povo iraquiano é uma das maiores vítimas - parece girar hoje num quadro de ameaças e promessas.

Novas ameaças de intervenção militar por parte dos Estados Unidos (contando aliás com o apoio de vários países da NATO), com declarações do presidente Bush nesse sentido, enquanto o general que dirigiu a guerra aérea contra o Iraque, Charles Horner, afirmava que, se a Casa Branca o ordenar, os aviões norte-americanos podem arrasar todos os centros de pesquisa atómica conhecidos em território iraquiano.

Promessas de um aligeiramento do embargo, na sequência do relatório apresentado pelo príncipe Sadruddin Aga Khan, coordenador da ajuda humanitária da ONU no Golfo, e que concretamente alertou para o risco de

fomes generalizadas no Iraque, daqui até ao Outono.

Assim, e tal como no decurso da guerra, continua a ser o povo iraquiano a pagar todos os custos. Quer da política do governo do Iraque, quer das pretensões de domínio por parte de Washington.

A guerra e o pós-guerra estão a ter custos tremendos, que muitos se esforçam por calar. Daí a importância de denúncias como a avançada por Maurice Allais, Prémio Nobel de Economia, e que aqui parcialmente reproduzimos.

«A guerra do Golfo só acarretou perdas mínimas para as forças coligadas ao lado dos Estados Unidos - sublinha Maurice Allais - daí as análises triunfalistas, e na verdade infantis, no Ocidente. Entretanto, o balanço de conjunto desta guerra é bem diferente(...). É um imenso desastre para uma

grande parte do Médio Oriente, e uma derrota moral para os países ocidentais pelas suas responsabilidades neste desastre.

«(...) Um processo cumulativo de responsabilidades partilhadas por todos os países implicados levou milhões de pessoas a desgraças e sofrimentos indescritíveis (...). A responsabilidade dos Estados Unidos tal como a do Iraque é muito pesada, mas a responsabilidade do mais forte é sem dúvida moralmente maior que a do mais fraco. Infligir hoje enormes sofrimentos a milhões de iraquianos através da manutenção do embargo, para desestabilizar Saddam Hussein, também não é uma política razoável.

«É preciso reconhecer hoje que a guerra não resolveu nenhum dos problemas da região. Se o poderio militar iraquiano foi destruído, a

coesão política do Iraque foi fortemente ameaçada, e o equilíbrio político-militar entre a Síria, o Iraque e o Irão praticamente deixou de existir. Consumou-se uma anexação de facto do Líbano pela Síria (...). Agitou-se uma questão nacional, a dos curdos, e hoje ninguém poderá ainda prever quais serão as consequências efectivas. A questão palestiniana e o conflito israelo-árabe agravaram-se (...) A pretensa nova ordem mundial reduz-se de facto, no Médio Oriente, à reconstituição do statu quo, com o reforço da dominação americana(...).

«Só compromissos razoáveis» entre os interesses dos países e povos envolvidos, «todos igualmente respeitáveis, poderão criar as condições para um futuro pacífico e próspero para todas as partes interessadas», conclui Maurice Allais.

START

Na Cimeira realizada em Moscovo, dias 30 e 31, os presidentes soviético e norte-americano manifestaram a sua intenção de abrir uma era de cooperação. Mikhail Gorbachov e George Bush afirmaram a sua vontade de fundamentarem as relações soviético-americanas, não na base da confrontação militar, mas na cooperação económica e em matéria de segurança, uma escolha que o presidente soviético espera «irreversível».

Evocando o Tratado START sobre a redução dos arsenais nucleares estratégicos, assinado quarta-feira, Gorbachov afirmou que o mesmo assinala «a irreversibilidade das alterações fundamentais para melhor no desenvolvimento do mundo».

COREIA

A República Popular Democrática da Coreia propôs a criação de uma zona desnuclearizada na Península Coreana antes de 1992.

A Coreia do Norte e a Coreia do Sul «deviam iniciar negociações sobre todas as questões práticas e legais visando fazer da Península Coreana uma zona desnuclearizada, e adoptar uma declaração conjunta antes do final de 1992», disse o ministro norte-coreano dos Negócios Estrangeiros.

Esta declaração conjunta deverá incluir nomeadamente a interdição para as duas Coreias de «desenvolver, testar e possuir armas nucleares».

Uma vez o acordo concluído, os Estados Unidos, a União Soviética e a China garantiriam o estatuto desnuclearizado da Península, retirando todas as suas armas nucleares da zona.

MARROCOS

Diversas organizações políticas, sindicais e humanitárias reúnem-se este sábado em Casablanca com o objectivo de criar um comité nacional para a libertação dos presos políticos. A proposta foi apresentada pela Confederação Democrática do Trabalho, no mês passado, através de uma carta dirigida às organizações políticas, sindicais e de direitos humanos. O governo marroquino não reconhece a existência de presos políticos, apesar das organizações humanitárias marroquinas e internacionais de defesa dos direitos humanos denunciarem a existência de várias centenas.

GUATEMALA

O governo e o movimento guerrilheiro da Guatemala subscreveram um acordo para conseguir a democratização do seu país, informou o bispo Rodolfo Quezada, mediador do diálogo de paz.

O bispo informou ainda que os representantes da Unidade Revolucionária Nacional Guatemalteca (URNG) e do governo de Jorge Serrano discutem agora a situação dos direitos humanos no país.

PCUS

O Comité Central do PCUS debateu o projecto do novo programa do PCUS, intitulado «Socialismo, democracia, progresso», que engloba cinco capítulos: 1º Os nossos princípios; 2º As lições da História; 3º Os objectivos próximos; 4º Que interesses são defendidos pelo Partido?; 5º Defendemos um Partido de acção política.

O programa «denuncia incondicionalmente os crimes do estalinismo, que resultaram na morte e prejudicaram o destino de milhões» de pessoas.

O documento defende os valores do «socialismo humano e democrático», dizendo que para a URSS isso significa «remover as estruturas autoritárias e ultrapassar as deformações do socialismo».

No projecto, o PCUS é apresentado como «o partido das reformas democráticas, o partido das liberdades políticas e económicas, o partido da justiça social e dos valores humanos».

JUGOSLÁVIA

O governo federal elaborou um projecto de acordo entre todas as partes jugoslavas que deverá garantir a gestão do país durante a moratória de três meses sobre os efeitos das declarações de independência da Croácia e da Eslovénia. O projecto, que as seis Repúblicas serão convidadas a subscrever, retoma os princípios da Declaração de Brioni, sobre a regularização pacífica da crise jugoslava, firmada em 7 de Julho.

Apela-se no documento para o termo dos conflitos armados e das hostilidades em todo o território jugoslavo, ao mesmo tempo que se determina a suspensão da aplicação de todos os actos de secessão, de dissociação, ou de alteração de fronteiras.

O governo exige que se ponha termo à criação de novas formações armadas paramilitares e o desarmamento e desmobilização das formações armadas não regulares.

O projecto aponta para a realização de conversações sobre o futuro do país, contemplando também a criação de um orçamento federal para o financiamento das funções comuns da Federação: defesa, segurança, prevenção de conflitos inter-étnicos, repressão do terrorismo e política externa.

«É possível derrotar a direita»

«Temos a convicção de que é possível derrotar a direita. Uma convicção que assenta na força e na justeza das nossas propostas, no nosso entusiasmo, na ligação aos trabalhadores, no balanço do nosso serviço ao povo e à Pátria. Cabe agora a cada um chamar a si esta tarefa: com a sua experiência, com o seu caso, a sua voz, intervir nesta batalha para derrotar a direita, conseguir a convergência dos democratas, criar a base institucional para formar um governo que dê resposta aos problemas nacionais».

Proferidas em Sarilhos Pequenos, freguesia do concelho da Moita, perante uma pequena multidão que encheu o largo General Humberto Delgado, estas palavras sintetizam de algum modo uma das principais linhas de força da mensagem deixada pelo secretário-geral do PCP, no último sábado, na sua deslocação a alguns concelhos norte da Península de Setúbal.

Assumindo um significado particular, já que se tratava da sua primeira visita oficial àquela freguesia de fortíssima implantação comunista, a passagem do líder do PCP pelo local foi rodeada de um ambiente de autêntica festa, com as habituais manifestações de carinho e apoio a multiplicarem-se à sua chegada, entre beijos e abraços, num movimento de quase atropelo, só serenado, quando, rompida que foi a custo a mole humana, subiu ao improvisado palanque que serviu de tribuna ao comício.

Atentamente escutado pelos presentes - de onde sobressaíam pelo seu elevado número as mulheres - que depois o acompanharam ao Centro de Trabalho do PCP para um Moscatel em sua honra, Álvaro Cunhal retomou aqui algumas das ideias que desenvolvera em anteriores intervenções proferidas noutros locais durante a manhã e princípio da tarde.

As opções e o carácter

nefasto da política seguida pelo Executivo de Cavaco Silva foram então chamados para primeiro plano, sendo recordados a propósito o processo de privatizações em curso, inserido em sua opinião num processo de restauração monopolista, o pacote laboral e as medidas nele incluídas visando a liquidação de direitos essenciais dos trabalhadores e os ataques contra direitos e liberdades da democracia política e contra o poder local democrático.

Um apelo para que se realize até às eleições um grande trabalho de convencimento por parte dos militantes comunistas e simpatizantes no sentido de mostrar «que as nossas propostas correspondem aos mais profundos interesses, direitos e aspirações do povo» respondendo simultaneamente «aos problemas essenciais do País», foi também deixado por Álvaro Cunhal, antes de recordar as profundas e sólidas raízes do PCP nos trabalhadores e no povo, razão primeira, afinal, da sua força e da sua confiança no futuro.

Mas se a passagem por esta localidade constituiu um dos momentos altos da jornada do último sábado, outros houve, ao longo do dia, para os quais importa chamar a atenção, pelo que representaram de «teste», passe o termo, à dinâmica desde já em curso com vista à importante batalha eleitoral que se aproxima.

E se é certo que só por si estas iniciativas são ainda

naturalmente insuficientes para aferir com rigor do grau de mobilização e empenho das organizações e muito menos para fazer qualquer previsão de natureza eleitoral - tanto mais que um longo caminho de esclarecimento há ainda a percorrer - parece ser justo destacar, no caso vertente, quer pela elevada participação popular nas iniciativas, quer pelo entusiasmo evidenciados, que existem boas razões para encarar com renovada confiança os desafios que se nos colocam pela frente.

Ouvir as populações

Confiança que de resto foi uma tônica dominante nesta jornada que, sendo de esclarecimento, não deixou por isso de constituir, simultaneamente, um ensejo para identificar problemas, auscultar opiniões, ouvir reclamações e aspirações. Nesta participação directa das pessoas, a todo o momento estimulada pelo secretário-geral do PCP, terá residido porventura em boa parte o êxito das próprias iniciativas.

Assim aconteceu, por exemplo, logo pela manhã, no encontro realizado nas instalações da Junta de Freguesia do Samouco, após um breve comício no Largo principal seguido de uma visita ao mercado local, encontro que reuniu eleitos autárquicos, representantes de colectividades e outros estruturas e movimentos sociais.

Dada a natureza do encon-

tro e decorrendo este num «edifício representativo do Portugal democrático», como fez questão de assinalar o dirigente comunista, acompanhado durante toda a visita por Octávio Teixeira, cabeça de lista pela CDU às próximas legislativas, e por Manuel Reis, da DORS, foram naturalmente de incidência na problemática do poder local os temas que concitaram a atenção dos presentes. Tal não impediu, porém, que outros assuntos fossem chamados à colação, acabando Álvaro Cunhal - depois de uma intervenção inicial onde se referiu também aos problemas da juventude, dos reformados e das mulheres - por se deter, em resposta a uma pergunta colocada por um dos presentes, numa breve análise ao que se passou no Leste europeu.

Refutando a ideia lançada por certas forças de que o ideal dos comunistas tenha sido derrotado, e depois de apontar algumas das razões que na opinião do PCP levaram àqueles acontecimentos, Álvaro Cunhal reafirmou a convicção de que «o nosso ideal está vivo», recordando a este respeito que o projecto do PCP esteve desde sempre subordinado ao ideal de «liberdade», assente «na intervenção dos trabalhadores», «sempre ouvindo o povo, em defesa do bem estar e das suas condições de vida».

«Os partidos comunistas têm boas razões para se afirmar comunistas» enfatizou, observando de seguida que



Num café-bar, de seu nome Pelourinho, em Alcochete, acompanhado por Miguel Boieiro, presidente da Câmara e pelos candidatos jovens nas listas da CDU, Álvaro Cunhal encontrou-se com a juventude local, numa conversa informal, sem exclusões temáticas, fluindo durante mais de uma hora ao sabor das dúvidas e interrogações de cada um



Depois de um jantar no Centro de Trabalho, em Sarilhos Grandes, a hora foi de acção política, num comício que juntou mais de três centenas de pessoas

«não somos um partido que se envergonhe do seu passado». «Temos a consciência tranquila. Foi uma vida de luta e sacrifícios pela liberdade e pela democracia. Não cedemos. Não capitulamos», rematou, vibrantemente aplaudido pelos presentes.

Convergência dos democratas

Do poder local democrático e do seu importante papel na defesa das populações se falou também na segunda etapa da visita, mais concretamente em S. Francisco, freguesia do concelho de Alcochete, onde a delegação foi recebida pelo respectivo presidente, eleito nas listas do PS. Percorridas as magníficas instalações do edifício, concluído em 1989, por iniciativa da Câmara, numa obra que ultrapassou os 11 mil contos e para o qual o contributo do Governo não excedeu os dois mil contos, foi tempo para uma breve troca de impressões no salão da Junta de Freguesia

Dirigindo-se aos presentes, Álvaro Cunhal realçou o

papel do poder local democrático, inquirindo-os depois sobre as razões que impedem os democratas de se entenderem. Numa freguesia de maioria socialista e depois de ter acabado de visitar uma de maioria comunista, a questão afigurava-se oportuna. Pegando no mote, em sua opinião pertinente, já que estava a falar «numa casa do poder local», o dirigente do PCP teceu algumas considerações sobre o tema, acabando por deixar um apelo veemente à convergência dos democratas que dê base institucional a um governo que, ao contrário do actual, a quem acusou de tutelar e retirar competências aos municípios, valorize e garanta um apoio efectivo ao poder local.

Após uma breve visita à Sociedade Recreativa de S. Francisco, foi tempo para o almoço, que a hora a isso já aconselhava, acto a que se associaram em animada confraternização e convívio cerca de uma centena de apoiantes. No final, ocasião ainda para breves palavras alusivas ao momento político, as pri-



Percorrendo o belo centro histórico de Alcochete, em obras de recuperação e restauro



Em S. Francisco, onde foi recebido na Junta de Freguesia pelo respectivo presidente, eleito nas listas do PS, Álvaro Cunhal realçou a importância da convergência entre os democratas para derrotar a direita e assegurar uma alternativa institucional



Uma recepção apoteótica esperava o secretário-geral do PCP nesta sua primeira visita à freguesia de Sarilhos Pequenos

Na festa!

Avante!

Director

António Dias Lourenço

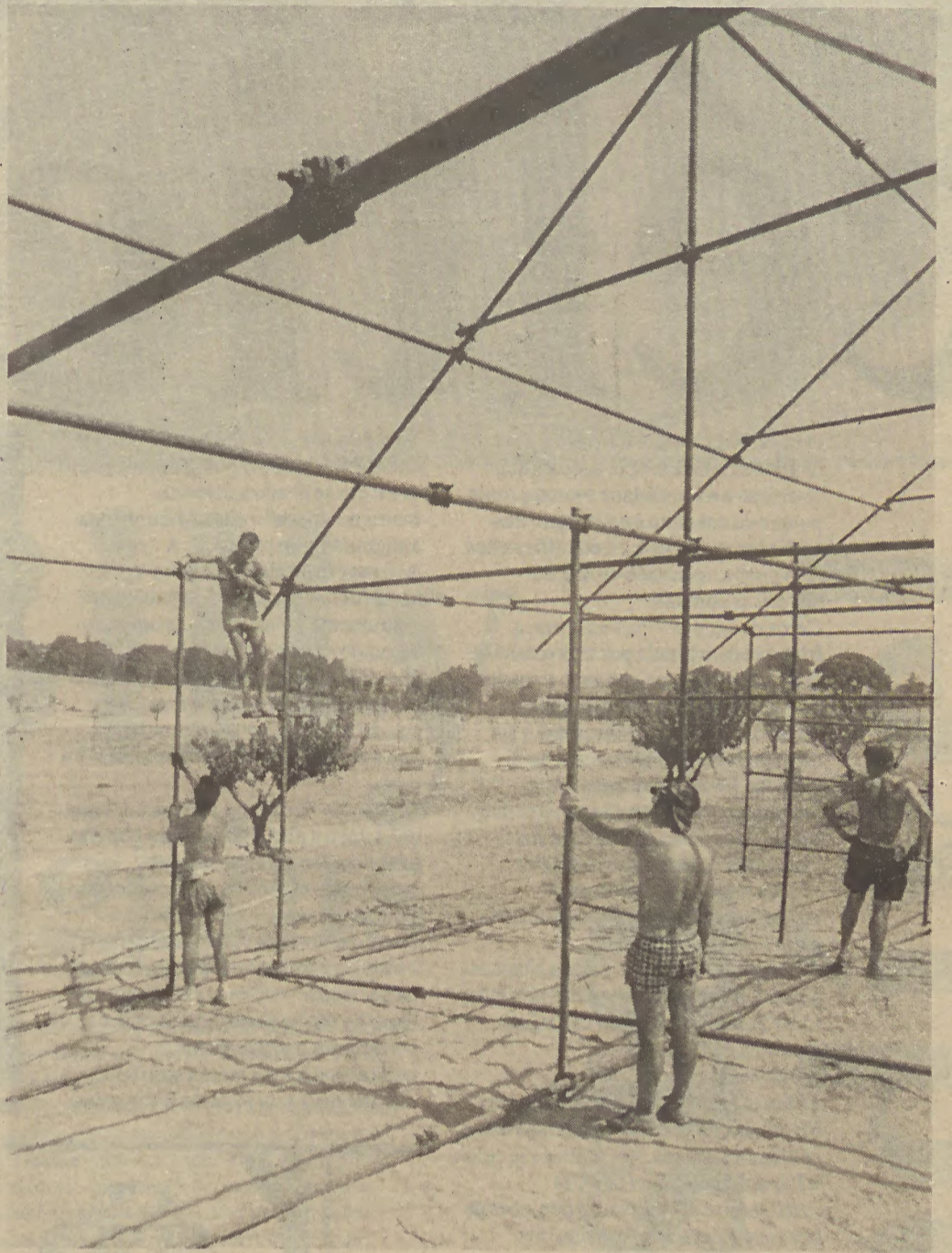
SUPLEMENTO N.º 7

1 de Agosto de 1991

Não pode ser vendido
separadamente

AMORA-SEIXAL • 6, 7 e 8 SETEMBRO

Temos
um
mês
para acabar
o que falta!



A harpa céltica na Festa

O intercâmbio entre os músicos folk da Irlanda e da Escócia acompanha com toda a naturalidade os numerosos pontos de contacto que existem nas tradições musicais e coreográficas dos dois povos, resultado de origens históricas comuns.

Cerca do século V da nossa era, a Irlanda era habitada por tribos celtas e que, embora pouco contacto tivessem tido com os ocupantes romanos da vizinha Inglaterra, começaram a ser cristianizados por influência de S. Patrício, jovem de origem bretã inicialmente raptado da sua terra natal por uma incursão de marinheiros irlandeses. Libertado, voltaria a França onde viria a professar, regressando depois à Irlanda de que seria o primeiro bispo.

A partir desta época a cultura irlandesa adquire características muito próprias, fruto da interpenetração das raízes culturais célticas e de uma religiosidade que não surgira associada a um ocupante estrangeiro. Mercê das lutas entre as diversas tribos célticas da Irlanda, no início do século VI (é indicada a data de 502) verificam-se sucessivas expedições de celtas cristianizados da tribo dos pictos para a Escócia, onde se instalaram, dando origem ao primeiro reino escocês, Dalriada.

Do ponto de vista da raiz céltica e cristã verifica-se assim que são idênticas as origens culturais de irlandeses e escoceses. A evolução histórica foi, porém, substancialmente diversa, uma vez que a integração da Escócia no Reino Unido, passando embora por períodos de lutas intensas, acabou numa situação bem diferente da ocupação caracteristicamente colonial a que a Irlanda foi sujeita até ao nosso século.

Os instrumentos e a música

Nestas condições, para falar de música escocesa é essencial começar por falar de música irlandesa, é na Irlanda que se encontram todas as raízes. E a verdade é que a própria gaita de foles, universalmente associada a escoceses de saio, é um instrumento celta que chegou às Highlands escocesas vinda da Irlanda, onde já se usava e se continuou a usar.

Mas se a gaita de foles ficou indissociavelmente ligada à Escócia, o instrumento verdadeiramente emblemático da música irlandesa - se se quiser, mesmo da música céltica - é a harpa que constitui, aliás, o símbolo nacional da Irlanda.

Como sempre sucede em questões de nomenclatura, há razoável polémica em torno da harpa céltica, mas pode afirmar-se que existem essencialmente dois tipos: a designada por *cruit* e a designada por *clarsach* (mais exactamente, deve escrever-se *cláirseach*).

Segundo uns, a diferença é de carácter exclusivamente cronológico: o termo *cruit* era aplicado a diversos instrumentos de cordas da Europa da antiguidade, ao passo que a designação de *clarsach* surge apenas no século XIV e para designar um instrumento já inteiramente definido. Segundo outros, contudo, nomeadamente na Escócia a primeira designação refere-se a harpas com encordoamento em arame, ao passo que a das segundas é feito de cabelo ou crina.

Seja como for, a harpa ocupa um lugar de primeiro plano na tradição popular irlandesa, atribuindo-se à sua sonoridade efeitos de mágica sedução. Utilizando-a essencialmente como instrumento de acompanhamento de canto, os harpistas ocupavam contudo na sociedade medieval da Irlanda um lugar de maior destaque que os seus congéneres trovadorescos continentais. Para tanto contribuíam claramente a raiz pagã do instrumento



Savourna Stevenson



Gravura do século XVI de uma festa irlandesa. À direita, um harpista

e o peculiar entrelaçar de tradições cristãs e pagãs que o processo de cristianização irlandês gerou. O harpista não era apenas um músico, ambulante, dispunha de um prestígio em que se mesclava alguma religiosidade.

E esta importância levaria a que a famosa *Brian Boru Harp*, uma harpa actualmente conservada no Trinity College de Dublin, tenha servido de modelo à que se pode ver nas moedas e outros símbolos oficiais da actual República da Irlanda.

Solidariedade cultural

A defesa do património cultural popular constituiu desde sempre uma forma de resistência passiva a situações de dominação ou opressão. A história da Humanidade



A mais antiga imagem conhecida de uma harpa céltica: uma placa metálica do relicário de Moedoc, do século XI

enche-se de criações artísticas cujo culto por uma identidade própria revela um protesto contra o orgulho impositivo da cultura da classe dominante.

O caso irlandês - e muito especialmente da música irlandesa - é dos mais fulgurantes da história da cultura europeia, gerada num dos mais dolorosos processos de repressão e libertação da História.

A pujança cultural do folclore irlandês repercutiu-se naturalmente na Escócia onde, pese embora as diferentes situações, igualmente se procurou a afirmação de uma identidade nacional como protesto contra o centralismo britânico e londrino, contra a situação de região periférica, fonte de matérias-primas (as minas escocesas) a que foi votada no desenvolvimento industrial da Grã-Bretanha.

Paralelamente, a grande emigração irlandesa para os Estados Unidos da América fornecendo durante o século XIX a maioria da mão-de-obra da indústria norte-americana juntou profundamente, no cadinho da vida quotidiana no novo continente, o recordado folclore da Irlanda natal com as novas condições de vida - e de luta. É sobre as melodias das canções tradicionais irlandesas que se irão fixar as letras das canções de luta do movimento sindical norte-americano, as *union songs* dos sindicalizados na Industrial Workers of the World de onde saíram quase todos os quadros que fariam nascer o Partido Comunista dos Estados Unidos.

A música popular americana trouxe da Irlanda e da Escócia quase tudo - as melodias, os violinos, os bandolins - mas, curiosamente, não trouxe nem harpas, nem gaitas de foles. Instrumentos mais simples, menos versáteis, ficaram agarrados às suas terras, imagem mesmo daquela religiosidade telúrica e pagã que parece não os querer deixar abandonar os campos verdes da Irlanda ou as montanhas nevadas da Escócia.

Mas esta viagem da música irlandesa aos EUA devolveu uma coisa: o interesse pela música popular que a geração de Pete Seeger, Woody Guthrie, Alan Lomax (sempre eles!) desencadeara na década de 30. O *revival folk* dos anos 60 desencadeou na Irlanda e na Escócia (tal como, aliás, na Bretanha, em Espanha, em Portugal, na Grécia, na Alemanha...) um renovado e juvenil interesse pelo património musical popular.

Os «Fairport Convention» foram pioneiros e nada tem de casual que tenha sido o seu *leader* Dave Swarbrick que, há poucos anos, deu a mão a uma jovem escocesa chamada Savorina Stevenson que se apaixonara pela harpa céltica e que estará na Atalaia na próxima Festa do «Avante!» tocando uma harpa de que se dizia que encantava os homens por ser o som dos longos cabelos das deusas.



Billy Higgins

Reconhecer um instrumentista pelo seu estilo apenas através da audição de, por exemplo, um disco é proeza que revela conhecimentos assinaláveis da parte de quem ouve e qualidades igualmente assinaláveis da parte de quem toca. Em todo o caso, aceita-se com facilidade que instrumentos claramente vocacionados para um papel solista - um piano, um violino, um saxofone - exactamente pela sua riqueza proporcionam variedades de estilo que fazem os grandes executantes. Mas quando se fala de um instrumento que fundamentalmente **acompanha**? Um instrumento cujo papel, por determinante que seja na arquitectura musical, se queda num segundo plano sobre o qual se destacam o (ou os) solista?

Ora de **Billy Higgins**, o baterista que na próxima Festa acompanhará o pianista Cedar Walton, se pode dizer - e toda a gente concorda desde S. Francisco até Lisboa! - que é senhor de um estilo inconfundível. E, o que é mais importante, é exactamente a extraordinária técnica de **acompanhamento** de Higgins que o torna imediatamente reconhecível.

Billy Higgins, nascido em Los Angeles em 1936, começou a trabalhar nas orquestras de *rhythm and blues*, duras escolas de ritmo marcado e agressivo.

Desde os anos 50 até hoje, Higgins tocou com praticamente todos os grandes nomes do jazz contemporâneo: Don Cherry, Dexter Gordon, Ornette Coleman, John Coltrane, Art Farmer, Jackie McLean, Herbie Hancock, Art Pepper, Sonny Rollins. Para todos foi a preciosa base rítmica, mas uma base com personalidade que se impôs face à devoradora presença de Coltrane, passou o período *free* de Rollins, que seduz o solista impenitente que é o catalão Tete Montoliu.

Dizem os técnicos que para além de uma técnica impecável, o que torna Billy Higgins inconfundível é a sua marcação de tempo no prato de ritmo, com uma ressonância obtida por uma pancada de cristalina clareza. Este *drive* é ainda servido por uma capacidade de estimulante diálogo com os outros instrumentos que explicam porquê Higgins é acima de tudo um *free lancer*: todos os músicos de jazz sem excepção o procuram como acompanhante.

É com o pianista Cedar Walton que Higgins tem mantido um trabalho mais regular, o que constitui um dos fenómenos mais curiosos da cena jazzística actual. É que Cedar Walton é ele próprio justamente considerado como um acompanhante de eleição! A particular empatia entre Walton e Higgins não nasce assim da normal complementaridade entre um solista e um acompanhante, é antes fruto de uma soma de dois músicos considerados acompanhantes, mas cujo resultado é uma sonoridade inimitável, um diálogo de uma vivacidade, de uma harmonia e de um ritmo apaixonantes.

Billy Higgins, o homem da batida inconfundível na Atalaia. Em Setembro.

O baterista inconfundível



Avante! teatro



6.^a feira
GRUPO DE TEATRO
A SERPENTE

Peça

A ILHA

Sábado
Manhã
GRUPO DE TEATRO
DE PORTALEGRE

Peça

A MOEDA

Tarde
GRUPO DE TEATRO
DE PORTALEGRE

Peça

UMA NUVEM
SOBRE A CAMA

Domingo
Manhã
MARIONETAS
DE LISBOA
Peça

O AUTO DA ÍNDIA

Noite
A BARRACA
Peça

LIBERDADE
EM BREMENN

Noite
GRUPO DE TEATRO
MEIA PRETA
Peça
CENAS DA COMÉDIA
DELARTE



Tripas à moda do Porto ... e não só

Os restaurantes e bares da zona do Porto têm fama de serem daqueles onde mais copiosa e cuidadosamente se come na Festa. Aliás, afirmam os camaradas do Norte, isso prende-se com as tradições portuenses de bem comer...

Este ano, a ementa da DORP é novamente vasta e sugestiva. Ele são as tripas à moda do Porto, ele são enchidos, ele são broas - enfim, um nunca mais acabar de coisas boas, devidamente regadas com vinho verde.

Para ilustrar tudo isto, os camaradas do Porto enviaram para o suplemento da Festa um texto esclarecedor do que «ameaçam» fazer aos apetites que surjam na Atalaia: trata-se de um excerto do livro «Tradições Populares do Porto», de Hélder Pacheco, dedicado exactamente à culinária portuense. E que afirma o seguinte:

«**Q**uem se deita sem ceia, toda a noite rabeia», diz um provérbio. A relação entre aquilo que se come, as maneiras inventadas para a confecção dos alimentos e a cultura local são indelévels. A culinária e a doçaria, além de *artes* de qualquer região ou país, são, por isso, factores indispensáveis à compreensão dos hábitos e pensamentos das respectivas populações. A arte de comer é proverbial no Porto. Comer *bem* foi e ainda é, aqui, sinónimo de comer *bem feito* e em *quantidade* (assim, quando o tripeiro diz «como bem», introduz uma certa margem de ambiguidade na conversa). «O comer» — como se diz nos bairros — puxavente (leia-se salgado, temperado, condimentado), *regado* e abundante, eis os parâmetros que deram forma às tradições da mesa tripeira. Na doçaria é o mesmo: muito doce, *gorda*, frita, ovos em barda. De «reventar um cristão».

Receber estranhos com deferência é ritual reservado às visitas a quem se abrem as portas; recedê-las à mesa é conceder-lhes as delícias de uma refeição (ainda que as posses não abundem) pesada. De empanturrar. Se pudesse, o portuense comia do bom e do melhor. Com largo consumo de arroz, batatas, carnes e molhos gordurentos; sem muitos peixes na actualidade (que não no passado, em que o seu consumo era maior), nem legumes cruz (que «a alface é prós grilos», como dizia a minha avó). Ainda hoje, na época da crise económica e da

transição para a comida estúpida e normalizada, o *comer caseiro* é valor grado da personalidade portuense.

Ritual com normas e hábitos, a arte de cozinhar era e é, no Porto, factor dominante do seu *universo*: criatividade, passatempo, competição e marca de presença. Cozinhar (e comer) é tradição, herança, forma de (con)viver, comunidade. Afirmção. Leite de Vasconcelos dizia que, outrora, na cidade, quando alguém, convidado para comer em casa estranha dobrava o guardanapo no fim, dava sinal de não querer voltar, desagradado com a comida.

O comer tripeiro é, se possível, ampliado ao longo do ano. Obedece a épocas, situações e convenções. Comemora-se, comendo. Festejando-se, comendo. Homenageia-se, comendo. E — evidentemente — bebendo. («No Entrudo, empaturrava-se de orelheira e chispe, enfarruscava-se; no S. João, era o carneiro e, nos magustos, castanhas assadas»). Não há, no Porto, acontecimento pessoal, boda, encontro de amigos ou passeio, sem farta comezaina e melhor manjar. Pese embora o consumismo *estandarizado* que também invadiu a nossa cozinha. Pesem as faltas de dinheiro, de tempo e disposição, os portuenses não mudaram muito, («...comiam chispe com feijão, bebiam vinho verde e sofriam do estômago»). As histórias das comidas e dos cozinhados são a história de um passado-presente indissociável da cidade e da sua gente.

As artes e a filatelia no Pavilhão Central

No pavilhão central da Festa, de novo a filatelia estará este ano presente. À semelhança do que sucedeu o ano passado, o pavilhão dedicado à filatelia compreenderá duas grandes áreas: uma dedicada à troca, compra e venda de selos e outra dedicada a exposições filatélicas.

O «mercado» filatélico da Festa do «Avante!» entrou já no calendário de numerosos amadores e (ao que consta...) significativas transacções têm ali sido realizadas!

Começando como uma iniciativa de alguns filatelistas da Organização Regional de Lisboa e habitualmente integrada no pavilhão da Função Pública, a área dedicada à filatelia foi crescendo e exibindo, além da sua área comercial, exposições temáticas que foram acompanhando grandes temas da Festa.

Foi exactamente a partir das exposições temáticas que, em 1990, a filatelia «saltou» para o Pavilhão Central, ganhando maior amplitude.

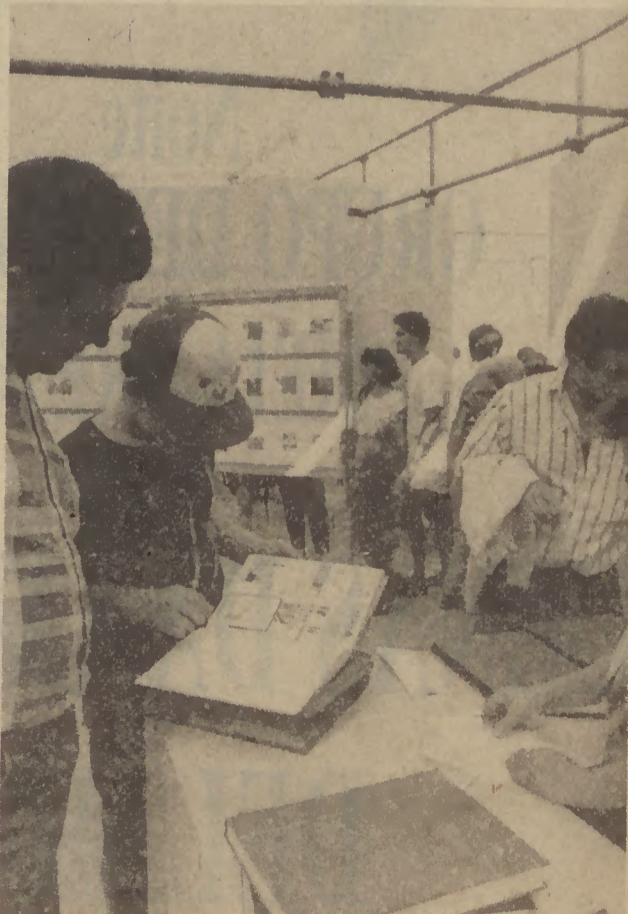
Para este ano de novo se prevê a apresentação de exposições temáticas, nomeadamente uma expressamente preparada para a Festa: o tema «Artes» na filatelia portuguesa, ligado com a realização da VII Bienal da Festa.

Realizar-se-á igualmente uma mostra de todas as emissões filatélicas nacionais desde a instauração da República até aos nossos dias.

Para além de visitar o *stand* da filatelia, os filatelistas têm outras possibilidades de participar. Assim, se tiver selos que deseje oferecer para serem comercializados na Festa, revertendo os resultados da sua venda para fundos do Partido, pode entrar em contacto com:

Filatelia - Festa do «Avante!»
Av. António Serpa, 26 - 2º
1000 LISBOA

E sugestões são sempre bem-vindas!



Damas

No passado dia 20 de Julho, em Almada, uma das mais populares modalidades do programa desportivo da Festa do «Avante!» teve um dia grande.

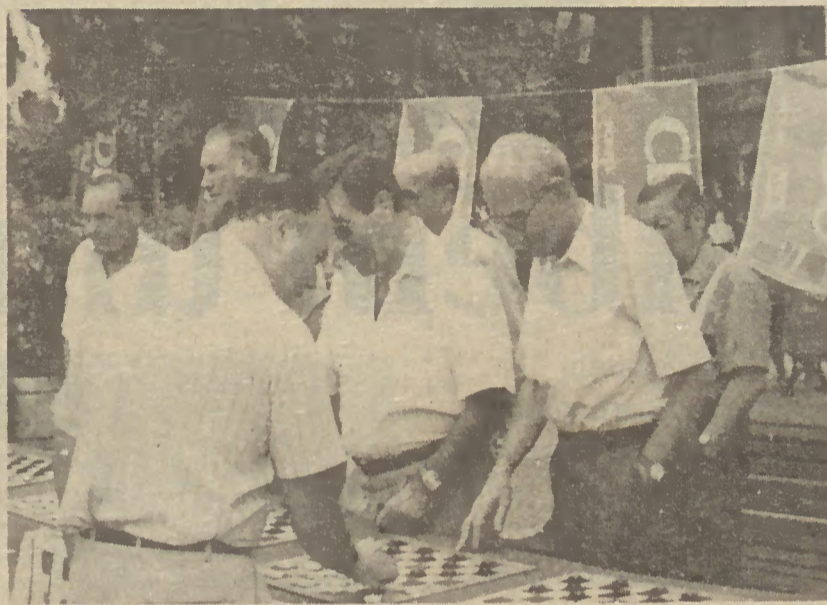
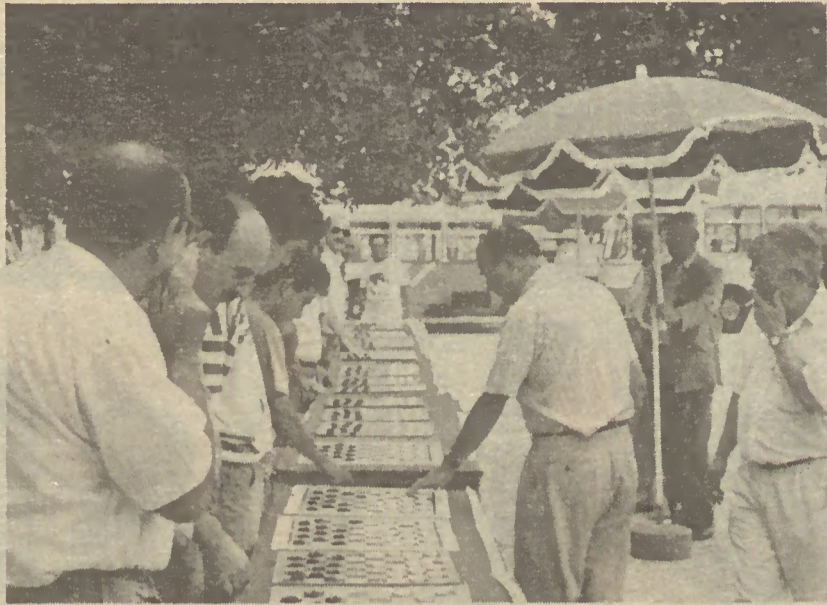
Ao ar livre, perante a curiosidade de centenas e centenas de transeuntes (que olharam, comentaram, deram opinião...), realizou-se uma simultânea de damas que opôs Medalha da Silva a um enorme número de adversários, entre os quais figuravam nomes conhecidos da modalidade.

Como as fotografias ilustram, a simultânea realizou-se em plena rua, constituindo a iniciativa uma excelente acção de propaganda da Festa.

Medalha da Silva apenas sofreu seis empates, ganhando todas as outras partidas.

A participação de alguns jovens desmentiu os receios de quebra na popularidade do jogo, tal como a presença de uma jogadora contrariou a imagem de um jogo tradicionalmente jogado quase exclusivamente por homens.

Agora é afiar o talento para o mês que vem - e treinar intensamente! Os tabuleiros e as peças lá estarão.



Feira da Ladra na Festa

Já não é o que era... Dantes ainda se podiam lá comprar umas coisas - agora...»

«Pois é. Agora é só roupa, plásticos...»

«Apesar de tudo, ainda no outro dia lá comprei uma moldura velha com piada»

«Mas já não tem grande graça...»

«O que é novo é a malta nova que lá aparece a vender coisas...»

«Mas as velharias, o ferro velho, já não há...»

O que é isto?... Pois está mesmo a ver-se: é uma conversa de lisboetas sobre a Feira da Ladra... Pode ser tudo verdade, mas na Organização Regional de Lisboa, na Festa, ir-se-á organizar uma Feira da Ladra na Atalaia, seguramente em proporções mais reduzidas que as do Campo de Santa Clara, mas cumprindo a função que fez a celebridade das trocas que ali se realizam todas as terças e sábados: desfazerem-se uns do que é velho e já lhes não interessa e descobrirem outros o que,

sendo velho embora, lhes interessa muito! Os camaradas da DORL fizeram vários apelos, parece que em todos os Centros de Trabalho da área de Lisboa têm vindo a dar entrada objectos dos mais bizarros... Jarrinhas de vidro *art deco* do tempo da outra senhora, molduras de desconhecidos e bigodudos antepassados, caldeiras e panelas em estado vário de conservação, peças e motores de funções bastante incertas, chocalhos expatriados da sua rural função para a cidade suficientemente barulhenta para os tornar silenciosos, fatiotas e farpelas várias a requererem indizível coragem para de novo serem envergadas, terrinas (com uma ou outra moça, confessamos...) inadequadas para os actuais caldos... Tudo isto será arrolado, devidamente apreçado e posto à venda na... Feira da Ladra da Festa do «Avante!». Donde, se tiver alguns tarecos em casa que não saiba o que lhes fazer - o destino está traçado. Contactar a Comissão da Festa da DORL e o tareco adquire uma felina dignidade de objecto que pode render uns dinheiros!

Futebol de salão em Gouveia

No decorrer de um baile realizado no passado sábado em Nespereira, culminou a Fase Concelhia de Gouveia do Torneio de Futebol de Salão Festa «Avante!» 91, com a entrega dos troféus às equipas melhor classificadas, bem como do prémio disciplina e do melhor marcador.

Como já vem sendo tradição neste Torneio, os jogos decorreram com grande entusiasmo e determinação dos atletas em campo, proporcionando momentos de salutar competição desportiva.

Acabou por se classificar em primeiro lugar a equipa representante do «Café Arcada» que, contou por vitórias todos os jogos realizados. Conquistou por isso, o direito a disputar a Poule Distrital, com as equipas vencedoras dos outros Torneios concelhios. Neste Torneio de Gouveia, classificaram-se nos segundo, terceiro e quarto lugares respectivamente: Mini-Mercado Sebastião; «O Pipo»; Betão Armado. O Prémio Disciplina foi igualmente ganho pela equipa do Café Arcada.

Corrida da Festa

uma corrida — e também uma festa!

A corrida da Festa do «Avante!» adquiriu um cunho muito particular enquanto prova desportiva - eis um facto que ano a ano se comprova.

Iniciativa que reúne milhares de participantes, a corrida, tal como outras provas de idênticas características, para além do puro exercício físico praticado, constitui um acto social duplamente relevante: por um lado, a participação massiva faz dela inevitavelmente um factor de divulgação do atletismo, mais esclarecedor que centenas e centenas de palavras; por outro, mais do que uma prova competitiva, mais do que a busca de um resultado, o que a corrida acima de tudo proporciona é um convívio que tem o desporto como pretexto.

No caso da Corrida da Festa este último aspecto torna-se ainda mais relevante, na medida em que ela surge associada, é parte de um vasto programa que é, antes de mais nada, um programa de encontros, um programa de convívio social. E que, naturalmente, envolve todas as vertentes da vida em sociedade, da gastronomia ao desporto, do espectáculo à simples conversa em torno de uma mesa.

É significativo que nos depoimentos de figuras destacadas do Desporto que o «Avante!» tem vindo a recolher e a publicar este aspecto do convívio, do encontro social que representa a Corrida da Festa seja sublinhado. É uma visão vasta e larga do Desporto, uma visão profundamente ligada ao Homem, à sua vida, a todo o seu quotidiano.



Como homem do atletismo, apoio todas as iniciativas em benefício da modalidade. Estarei presente com a minha participação. Como tem acontecido em anos anteriores, o convívio desportivo tem sido um dos pontos essenciais da prova do «Avante!». Faço votos para que no futuro chame a si os maiores valores nacionais.

Rafael Marques
Atleta (fez parte da equipa de Carlos Lopes, Fernando Mamede, Aniceto Simões no Sporting Clube de Portugal), professor de educação física e treinador do Maratona Clube de Portugal

A corrida da Festa do «Avante!» trata-se de uma grande manifestação da Cultura Física, tendo vindo a contar de edição em edição com o apoio crescente das massas populares. Trata-se sem dúvida de uma grande festa do atletismo popular.

Joaquim Neves
Professor de educação física



As provas populares são boas na medida em que encontramos muita gente e fazemos novos amigos e a prova disso é a corrida da Festa do «Avante!» que é um grande convívio especial.

À parte isso, chamamos novos adeptos para a modalidade, independentemente da sua idade. Chamo a atenção para que as pessoas e as crianças não façam as provas sem estarem de acordo com as suas capacidades físicas.

Como ex-atleta do SLB (maratonista), gostaria de desejar à organização êxitos para a sua prova.



Ex-maratonista (o seu melhor tempo, conseguido na Suíça em 1954, foi de 2h 28m 45s), está ligado à modalidade desde sempre, fazendo hoje parte da equipa de treinadores que dão apoio ao desenvolvimento do atletismo em Lisboa, no quadro da actividade do Pelouro de Turismo da CML



do distrito de Setúbal



Os problemas do associativismo foram um dos temas em foco no encontro que reuniu na Galeria Municipal, no Montijo, mais de uma centena de representantes de colectividades, comissões de moradores e movimento de emigrantes

meiras das quais couberam a Armando Crispim, membro da UDP, de quem se ouviram expressões de congratulação pelo acordo celebrado entre o seu partido e o PCP, interpretado como um gesto de grande importância na busca de «novos caminhos para derrotar a direita».

Antecedido por Octávio Teixeira, que pôs a tónica da sua intervenção na desmontagem do que tem sido o pretense «sucesso» da política governamental, Álvaro Cunhal salientou por sua vez a importância do projecto CDU e da validade das suas

do abrangentes, de início, as questões colocadas rapidamente deram lugar a outras com sabor mais juvenil. Álvaro Cunhal, acompanhado por três jovens candidatos CDU pelo distrito (José Morais, Arnaldo Fernandes e Ana Cristina) a todas respondeu, deixando no final um apelo aos jovens - «jovens que conhecem melhor do que ninguém o que querem», as palavras são suas - para que intervenham com a sua «experiência em concreto, para que falem das suas aspirações, digam o que pensam da sociedade e da vida.» «Não é

cia, acabassem por polarizar a atenção do encontro, sem dúvida marcado pela vivacidade do debate, muitas outras questões vieram a lume, suscitando o interesse do auditório. Foi o caso do problema relacionado com as reformas dos emigrantes e ex-emigrantes, cujos valores excepcionalmente baixos pagos pelo Estado português

Entusiasmo e confiança foram notas dominantes no comício em Pinhal Novo, um dos momentos altos da Festa Amiga



No decorrer do almoço, realizado em S. Francisco, Octávio Teixeira expôs as razões da sua confiança no reforço eleitoral da CDU

têm originado algumas movimentações dos nossos compatriotas; das condições em que a Caixa Geral de Depósitos está a conceder empréstimos aos moradores do Bairro conhecido por «Pica Pau Amarelo»; ou ainda das condições deploráveis em que vivem os habitantes do Bairro da Caneira, a aguardarem por realojamento.

Confiança assenta na obra realizada

A reafirmação da confiança dos candidatos da CDU pelo distrito de Setúbal no resultado das próximas legislativas foi uma nota dominante nas breves intervenções produzidas pelo camarada Octávio Teixeira, cabeça de lista por este círculo eleitoral, no decorrer da visita em que acompanhou o secretário-geral do PCP a alguns concelhos da margem sul do Tejo.

Assim aconteceu, por exemplo, no comício em Pinhal Novo, acto promovido pela organização local do Partido que assinalou um dos momentos altos da Festa Amiga, durante o qual Octávio Teixeira expôs da tribuna, perante muitas centenas de pessoas, as razões de tal optimismo.

Uma confiança que em sua opinião assenta, no fundamental, como tratou de sublinhar, nos factos e na realidade vivida nos últimos anos, cujo balanço aponta indiscutivelmente para uma acção do PCP e da CDU em defesa dos interesses das populações sem paralelo em qualquer dos restantes partidos.

Os números, a este respeito, seja nas autarquias ou na Assembleia da República, seja nas colectividades populares, no movimento sindical unitário ou nas comissões de trabalhadores, não deixam margem para dúvidas, prevalecendo em qualquer dos casos o trabalho sério e abnegado, as propostas concretas e a obra feita.

A intervenção dos deputados comunistas na AR, para citar um dos exemplos referidos pelo dirigente comunista, é, neste domínio, paradigmática: desde os requerimentos às propostas orçamentais e aos projectos de lei o seu trabalho ultrapassa e em muito tudo o que fizeram juntos todos os outros eleitos pelo distrito.

E se o valor e mérito deste trabalho deve ser extensivo à acção das autarquias dirigidas por comunistas, favoravelmente reconhecida pela generalidade da população, apesar da asfixia financeira imposta pelo Governo, já deste não se pode dizer o mesmo, uma vez que, lembrou-o Octávio Teixeira, à população do distrito de Setúbal o Executivo liderado por Cavaco Silva apenas tem para apresentar «promessas e demagogia eleitoralista», sendo notória a ausência de qualquer obra que se veja.

Desta outra realidade que nega a imagem de «sucesso» que o Governo quer dar de si próprio se encarregou de falar também Octávio Teixeira, citando a propósito a área dos transportes e comunicações, com «carências gritantes quer nas ligações dentro do distrito quer nas ligações com Lisboa», cuja única obra mais visível foi a de retirar o separador central da Ponte 25 de Abril.

Quanto ao «anel rodoviário entre os concelhos de

Almada, Seixal, Barreiro, Montijo, Moita e Alcochete, à via alternativa ao congestionado troço Corroios/Cova da Piedade ou à rede ferroviária suburbana que liga as duas margens do Tejo - enfatizou Octávio Teixeira - continuam à espera de melhores dias e de um governo com uma política diferente».

Referenciados pelo cabeça de lista da CDU pelo distrito às próximas legislativas como exemplos do fracasso da política governamental foram ainda a degradação do parque habitacional no distrito e o agravamento das carências de habitação, a carência de médicos e enfermeiros nos centros de saúde, a deficiente qualidade do ensino nas escolas preparatórias e secundárias em resultado da sua superlotação e do facto de quase metade dos professores não serem profissionalizados.

Aludindo ao crescimento económico verificado no distrito, que o Governo quer apresentar como obra sua, Octávio Teixeira reequacionou a questão nos seus verdadeiros termos, esclarecendo que ao contrário da acção governativa - esta sim negativa para esse crescimento ao boicotar e desmantelar empresas públicas e ao não realizar as obras da sua responsabilidade previstas na OID da Península de Setúbal - o que verdadeiramente contribuiu para esse crescimento foi a «qualidade da força de trabalho existente, os investimentos das autarquias locais, a seriedade, competência e dinamismo que os empresários encontraram nos autarcas da CDU e os subsídios comunitários».

Um crescimento económico, «aliás demasiado concentrado em poucos sectores de actividade», que, no entanto, como de resto sucedeu no resto do País, «não foi acompanhado do desenvolvimento social», chamou a atenção Octávio Teixeira, assinalando a propósito que nos novos postos de trabalho «a regra passou a ser a do emprego precário», com milhares de trabalhadores com vínculo permanente a serem despedidos e substituídos por trabalhadores com contratos a prazo ou «recibo verde», enquanto a taxa de desemprego no distrito continua com valores muito elevados, qualquer coisa como duas vezes superior à média nacional.

«É fundamentalmente no confronto entre a política e prática do Governo - contrárias aos interesses das populações - e a acção concreta dos eleitos comunistas nas Autarquias e na Assembleia da República - ao serviço dos interesses dos trabalhadores, dos jovens, dos idosos, das famílias portuguesas - é nesse confronto e no juízo que dele farão os eleitores que assenta a nossa confiança no reforço eleitoral da CDU em 6 de Outubro», concluiu Octávio Teixeira.



Na Praça da República, no Samouco, um comício assinalou a primeira etapa desta deslocação de Álvaro Cunhal e Octávio Teixeira a alguns concelhos do distrito de Setúbal

propostas, propostas que, frisou, respondem em todos os domínios aos problemas essenciais do País.

um pedido de confiança da juventude em nós. É a afirmação da nossa confiança na juventude», concluiu.

Confiança na juventude

Um encontro com características algo diferentes do habitual, embora já experimentadas noutras organizações, teve ainda lugar ao princípio da tarde, na bela vila de Alcochete. Tratou-se de um encontro entre o secretário-geral do PCP e jovens locais, facto que não teria nada de inédito não fora o caso de a sua realização ter ocorrido num agradável café-bar, «Pelourinho» de seu nome, magnificamente situado à beira rio.

Nun ambiente que se pretendeu informal, a conversa foi correndo entre perguntas e respostas, sem exclusões temáticas, fluindo ao sabor das dúvidas e interrogações de cada um. Talvez demasia-

Escola de formação democrática

Representantes de colectividades, comissões de moradores, estruturas de reformados, movimento dos emigrantes e sindicatos constituíam a vasta e heterogénea assembleia que enchia por completo o vasto salão da Galeria Municipal, no Montijo, edifício onde igualmente está instalada a Comissão de Festas que anualmente prepara os festejos de

S. Pedro, motivo de atracção para milhares de forasteiros.

Embora as questões ligadas ao movimento associativo, numa terra onde este tem longas e sólidas tradições, como atestam as suas 58 associações, algumas delas com mais de um século de existên-

Carlos Carvalhas na Universidade Complutense

«A esquerda face ao novo ciclo histórico»

(...) O tema que nos é proposto, na sua complexidade, apresenta duas noções e duas realidades que necessitarão de uma reflexão ulterior uma vez que encerram interpretações, concepções e avaliações diferentes.

Perante a necessidade de ser breve queria, no entanto, deixar expresso duas anotações prévias.

A primeira é que em Portugal temos avaliado a natureza de uma política (esquerda, direita) não pelo nome dos partidos que a concretizam ou pela sua auto-afirmação, mas pelo seu conteúdo. A segunda é que «o novo ciclo histórico» decorrente dos acontecimentos verificados nos últimos anos, nomeadamente nos países da Europa Central e de Leste não significa, nem invalida que os povos e as forças do progresso deixem de ter por projecto a construção de uma nova sociedade onde seja banida a exploração do homem pelo homem.

Naturalmente que tão profundos abalos colocam às forças progressistas muitas questões. Para onde vai o mundo? Não significarão tais acontecimentos, como dizem alguns, o fracasso total e definitivo na construção da sociedade socialista? O capitalismo deixou de ser capitalismo, mudou de natureza? A força de trabalho deixou de ser uma mercadoria? Deixou de haver imperialismo?

Respondemos negativamente a estas questões, sem deixar de ter em conta que a evolução do mundo torna necessárias novas relações de cooperação entre todos os países seja qual for o seu sistema social. Elas decorrem, em termos objectivos, da internacionalização das economias e dos processos de integração, da preservação e defesa da paz como objectivo central da humanidade e da necessidade de se dar resposta aos chamados problemas globais. Mas isto não significa que tenham desaparecido as relações de dominação e opressão, as relações neo-colonialistas e de exploração - assistimos até às tentativas de hegemonia mundial por parte dos EUA -, pelo que a luta dos trabalhadores e dos povos do mundo continua e continuará.

(...) Relativamente ao meu Partido e à luta pelo futuro socialista do meu País, estes acontecimentos reforçam aspectos que temos por essenciais: o poder efectivo e não formal do povo, a democracia política e as liberdades e direitos dos cidadãos como parte integrante do sistema; estruturas económicas assentes na propriedade social dos sectores básicos, mas incluindo estruturas económicas diversificadas e descentralizadas, a democracia interna do Partido e o desenvolvimento criativo da teoria.

A teoria, a democracia e as responsabilidades sociais do Estado

Não é com a cristalização e dogmatização de conceitos e princípios, a estagnação teórica traduzida na repetição dos clássicos, na citação de textos entendidos como verdades eternas que se dá resposta às novas questões.

Considerámos mesmo no nosso último Congresso (Extraordinário) que uma das causas de erros e de situações verificadas no processo de construção da sociedade socialista se situou na dogmatização e instrumentalização do marxismo-leninismo para justificar práticas ultrapassadas, aberrantes ou especulações desligadas da vida conduzindo à sua vulgarização apologetica e à incapacidade de conhecer com rigor e espírito didáctico importantes domínios da realidade incluindo significativos aspectos do socialismo e do capitalismo.

Esta questão está vinculada também à forma como equacionamos o próprio conceito de democracia. No nosso projecto para Portugal de uma democracia avançada no limiar do século XXI, a liberdade e a democracia política, económica, social e cultural são elementos inseparáveis. E consideramos que a democracia política, intimamente articulada com a democracia económica e social, possui um valor intrínseco pelo que é necessário salvaguardá-la e assegurá-la como elemento integrante e inalienável da sociedade portuguesa. Para a direita, a democracia política resume-se à sua vertente representativa e de partidos, reduzindo ao mínimo a sua vertente participativa, ao rotativismo, às engenharias bipolarizadoras.

Na delimitação da fronteira com a direita o conteúdo real da liberdade terá de ser uma questão central. Trata-se de verificar se à sua proclamação jurídica nos textos constitucionais corresponde uma possibilidade efectiva da sua execução prática. Trata-se, por outro lado, de enriquecer o catálogo de direitos, liberdades e garantias, tendo em conta novas realidades, novas tecnologias, novos problemas que têm que ser enfrentados e resolvidos.

Afirmamos com clareza que a liberdade é um fim em si mesmo, que pode e deve ser alargada, e que a sociedade pela qual lutamos deve ter como finalidade essencial alargar o conteúdo e a possibilidade real do seu exercício, a todos os níveis, desde o plano global, ao trabalho, à residência e ao lazer. A responsabilidade do Estado face aos direitos sociais tem sido objecto de uma ofensiva ideológica das forças conservadoras e reaccionárias em todos os domínios, deformando inclusivamente as posições dos comunistas.

(...) Os conservadores liberais são contrários à intervenção do Estado em relação às suas funções sociais, mas não às intervenções que facilitem ou promovam, por qualquer maneira, a concentração e a centralização de capitais.

(...) A consideração de uma esquerda implica também que esta continue a incluir na sua ordem programática as grandes causas e as grandes reformas, do ensino, da saúde, da justiça, da administração pública, da segurança social. As forças democráticas devem assumir o protagonismo da defesa empenhada dos novos direitos e do debate e aprofundamento dos novos temas que hoje atravessam a sociedade, até porque são elas que estão em condições de lhe dar resposta efectiva.

(...) Pela nossa parte assumimos-nos também como protagonistas da valorização e dignificação de quem trabalha, da defesa e promoção dos direitos dos trabalhadores e das suas organizações representativas, do incentivo à sua participação activa e criadora em todas as esferas da sociedade.

A propriedade social das empresas básicas e estratégicas

Uma outra questão que é hoje também objecto de polémica, diz respeito à atitude perante os meios de produção.

Em Portugal, no processo da Revolução de Abril, no seu proces-

so original, acidentado, pleno de contradições na arrumação das forças de classe e no sistema de alianças sociais e políticas, «a conquista e instauração das liberdades, dos direitos dos cidadãos e de um regime de democracia política foi, inseparável da liquidação do poder económico e político dos grupos monopolistas e dos latifundiários...». «Não se tratou de medidas voluntaristas pretendendo «queimar etapas» da revolução sem ter em conta a realidade nacional. Nas condições existentes e perante a conspiração e a sabotagem (...) as grandes reformas estruturais não só criaram uma base nova e promissora para o desenvolvimento económico e social como foram necessárias para a defesa das liberdades e da democracia nascente.»

O objectivo estratégico da propriedade social dos principais meios de produção, e sublinho principais, isto é, de empresas básicas e estratégicas criando um sector público determinante e eficiente, com uma forte lógica empresarial e de grupo, numa socie-

No passado dia 24 de Julho, o camarada Carlos Carvalhas, secretário-geral adjunto do PCP, proferiu uma conferência na Universidade Complutense, em Madrid, subordinada ao tema «A Esquerda face ao novo ciclo histórico». Após precisar o entendimento do PCP sobre o conteúdo dos conceitos implícitos e das deformações a que dão azo, Carlos Carvalhas desenvolveu a sua conferência em quatro partes: «A teoria, a democracia e as responsabilidades sociais do Estado», «A propriedade social das empresas públicas e estratégicas», «A transnacionalização das economias e a cooperação das forças progressistas» e «A unidade e afirmação dos comunistas».

dade democrática, com o poder controlado, fiscalizado, numa economia descentralizada, comportando diversas formas de propriedade, continua a ser uma condição essencial para o progresso social, para a criação de sociedades em que o poder económico esteja submetido ao poder político e em que a solidariedade, a cooperação e a participação das populações sejam valores dominantes.

As experiências históricas dos países da Europa Central e de Leste mostram, no entanto, que a propriedade social dos principais meios de produção, não conduz só por si ao progresso económico e social, não garante, por si só, o desenvolvimento de novas relações de produção, nem elimina todos os aspectos negativos da consciência humana acumulados durante séculos. Mas sem essa condição, o «socialismo», por muito atraentes que sejam as suas roupagens teóricas e a sua retórica, ficará unicamente na imaginação e nos belos discursos dos seus criadores. O grande capital e o seu egoísmo de acumulação, o seu poder económico e financeiro, as suas ligações e posições na sociedade, o seu domínio nos grandes meios de comunicação, frustrará a maioria das políticas sociais, as medidas conducentes a transformar o crescimento em desenvolvimento com a sua vertente social, ambiental e de equilíbrio regional (...). A luta pelas liberdades, a luta pelo aprofundamento da democracia, torna-se necessariamente uma luta pela conquista por novos direitos e potencialidades de intervenção no campo económico, político, cultural, a todos os escalões da sociedade. Para isso, parece-nos essencial não se perder de vista a questão central da natureza da propriedade e da gestão das empresas básicas e estratégicas. Aquelas conquistas, numa sociedade dominada pelo poder do dinheiro e pelo negociadismo serão sempre limitadas. E por isso a história está cheia de exemplos de partidos socialistas e sociais-democratas que, tendo pedido aos povos a maioria absoluta para realizar os seus programas, acabaram, depois de eleitos, por os meter na gaveta, gerirem o capital e aceitarem o «poder do dinheiro», nomeadamente para suporte das suas campanhas eleitorais que são cada vez mais caras. O resultado tem sido um rotativismo sem alternativa, frustrando as expectativas de muitos milhares de cidadãos e das camadas mais desfavorecidas da sociedade, uma alternância em que mudam as caras mas que no essencial tudo fica na mesma, com o descrédito da «esquerda», da «classe política» e das instituições democráticas, traduzido num crescente distanciamento, alheamento, desencanto popular, abstencionismo eleitoral e ressurgimento da extrema direita. O caso português evidencia com clareza que um forte e dinâmico sector empresarial do Estado, num país comunitário com uma economia das mais débeis, pode ser também um meio eficaz de conservar avanços fundamentais da economia ao serviço de uma verdadeira estratégia de desenvolvimento e não só de crescimento, num momento em que (na CEE) será necessária uma capacidade de intervenção e controlo acrescido em face do Mercado Único e da União Económica e Monetária. As experiências históricas mostram os limites e os aspectos negativos das estatizações gerais da economia e mostram que a transformação do «meu» pessoal no «nosso» colectivo não é coisa simples. Mesmo a propriedade social dos principais meios de produção é condição necessária mas não suficiente.

(...) Creio pois que nesta «nova fase histórica», a defesa de uma economia mista, que não seja o resultado da apropriação colectiva dos prejuízos - nacionalização das empresas que dão prejuízos pagos pelo dinheiro dos contribuintes, dos trabalhadores - e da privatização dos lucros, mas que contenha um sector público determinante e eficiente em coordenação e apoio do sector privado, constituído por empresas de variada dimensão e por um sector cooperativo, inseridas numa estratégia de desenvolvimento, é e continua a ser um valor de esquerda.

(...) A eficácia não é um atributo da direita. Atributo da direita é a eficácia da acumulação assente nos baixos salários, na insegurança, precarização do emprego, na acentuação das desigualdades.

(...) Naturalmente que aquilo a que alguns chamam o «sucesso» do capitalismo e que se circunscreve aos países do «Norte», garantindo a relativa prosperidade de muitas camadas dessas sociedades, não está desligada da imensa riqueza acumulada ontem pelo colonialismo, e hoje, pelos processos neo-coloniais. (...)

Transnacionalização das economias e a cooperação das forças progressistas

Uma outra questão que hoje está também no centro dos debates neste «novo ciclo histórico» é a de saber qual a posição quanto à internacionalização da economia e a mundialização das actividades face ao conjunto de factores que testemunham a sua intensificação e a integração tanto das sociedades dos países do «centro» como as «periferias» no sistema global.

Julgo terem razão os que afirmam que hoje o discurso dominante tira, a partir daqueles factos, duas conclusões erigidas em dogma: a primeira é que a única saída é a adaptação face à transnacionalização que é incontornável e que deve ser aceite; a segunda é que uma adaptação e ajustamento activo é possível com êxito tanto para os países com desenvolvimento médio como para os do «Terceiro Mundo», citando-se em abono da tese entre outros «dragões», a Coreia do Sul. Mas quem for mais ao fundo e analisar o conteúdo do PIB, o conteúdo nacional das exportações, a distribuição do rendimento, as condições sociais, ajuizar-se-á do valor dos exemplos.

Problematizando. A questão que se coloca é esta: pode-se ou não manter e afirmar a construção de uma autonomia nacional face a certas exigências da transnacionalização ou a contradição é tal que nada mais resta do que a dissolução da realidade nacional na mundialização, na economia mundial?

Duas respostas são possíveis, com conteúdos sociais diferentes e mesmo conflituais. Aos que opinam pela dissolução vale a pena recordar três questões.

Em primeiro lugar, a «troca desigual», as dependências e as dominações não são figuras de retórica; em segundo lugar, continua a ser verdadeiro o juízo de que o que é bom para a General Motors poderá ser bom para os EUA mas não o será, por exemplo, necessariamente para Portugal e para a Espanha; em terceiro lugar a afirmação de que é imparável a evolução das economias nacionais em internacionais e a sua posterior integração na economia mundial, é contraditada desde logo pelos exemplos das economias dominantes dos EUA, Japão, RFA que não serão «zonas geográficas» da economia mundial em construção, mas que são e serão economias «nacionais».

Depois é de facto verdade que as classes dirigentes dizem sim à transnacionalização, mas muito simplesmente porque são em termos de rendimentos e de poderes as beneficiárias, ao contrário das classes populares, como o atesta com clareza, a situação do Terceiro Mundo.

Isto para concluir que os fenómenos da internacionalização das economias, da mundialização das actividades e os fenómenos da integração, tornam mais possível e necessário edificar bases económicas nacionais sólidas, preservar avanços fundamentais, não entregar o essencial da estratégia de desenvolvimento a centros de decisão externos, sempre centralizadores e afastados dos povos e lutar pela coordenação das políticas nacionais e sua complementarização, pela descentralização, pela coesão económica e social e pela democratização das instituições internacionais.

A mundialização da economia não retira actualidade e importância à luta em cada país pela coesão económica e social. Este continua a ser o local onde a democracia e a participação dos cidadãos, até pela sua proximidade, se torna mais executável. As lutas e as acções no plano nacional continuarão a ser fundamentais para a transformação social, sem negar a importância da luta pela regulação macroeconómica ao serviço dos povos a nível comunitário e internacional.

(...) A «construção europeia» que deve englobar a Europa inteira está também estreitamente ligada às questões da paz e do desarmamento que devem ser colocadas no primeiro plano. Defendemos uma segurança colectiva que ultrapasse a lógica dos blocos e uma «nova ordem política mundial» baseada não na «pax americana», mas no respeito das nações iguais, livres, soberanas e independentes.

(...) A integração coloca uma outra questão, que é a da solidariedade, cooperação e convergência na acção das forças da esquerda e da procura de formas organizativas de cooperação nomeadamente no movimento operário.

(...) É por isso cada vez mais importante a cooperação efectiva e operativa entre as forças sociais e políticas de progresso que não se podem contentar com gestos rituais de solidariedade. (...)

A unidade e a afirmação dos comunistas

Os acontecimentos destes últimos anos obrigam os comunistas a questionarem muita coisa neste «novo ciclo histórico». No meu Partido fazemo-lo. Mas é justo reafirmar que o PCP há muito que rejeitou a validade de «modelos» do socialismo e muito menos de um «modelo» único, como também a experiência mostra, nomeadamente na revolução portuguesa, que a sua elaboração teórica e a sua actividade prática (tendo em conta os aspectos negativos e positivos de outros partidos) se baseia no exame concreto da realidade portuguesa.

Esta experiência mostra-nos, por exemplo, que a unidade e a sua ampliação se opera mantendo e afirmando a nossa identidade, e não dissolvendo-a em coligações ou frentes. Que é mantendo e afirmando a nossa identidade que melhor temos concretizado a unidade e a convergência das forças democráticas, o respeito do nosso povo e dos nossos adversários.

Não se vê que seja através da diluição na social-democracia, ou num neo-pacifismo, ou ainda num arco-íris de movimentos sociais e culturais fragmentários, que os comunistas darão um grande impulso ao movimento transformador. (...)

É também nossa convicção que o ideal comunista não está morto nem moribundo, «integrando aspirações, sonhos, utopias por vezes milenárias, ideais modernos de liberdade, democracia, igualdade, justiça, fraternidade, solidariedade e paz e a experiência e a confiança revolucionária do proletariado em luta contra o capitalismo e na construção da nova sociedade - o ideal comunista é um projecto para o futuro mas é também um movimento de crítica, de luta e de transformação do presente». (...)

Estórias alentejanas

Aconteceu em Barrancos

■ Miguel Urbano Rodrigues

Não conheço povo entre o qual a vocação da fraternidade seja tão espontânea como o barranquenho.

Existe em Barrancos uma harmonia quase mágica entre o casario e os moradores. Pode-se escrever sobre o encanto embruxado daquele lugar da fronteira alentejana; mas para uma aproximação ao entendimento com os barranquenhos é preciso ir até lá.

Descer a Barrancos tornou-se para mim certeza de que volto mais confiante, aliviado de penas, com uma tempestade de ideias a soltar-me a imaginação, rejuvenescendo-me.

É natural que tenha a memória povoada de coisas e situações que ali vi, escutei e senti.

Talvez a mais inesperada tenha sido a confiança ouvida há meia dúzia de anos de Armando Santraill Torres, então embaixador de Cuba em Portugal.

No Monte da Coutadinha, ao tempo na posse da Unidade de Exploração de Trabalhadores — assim se chamava — daquela fronteira tínhamos comido um ensopado de borrego cozinhado a fogo lento sob a sábia regência do Sebastião, bombeiro quando necessário e emérito contador de estórias a qualquer hora. Vínhamos de Noudar, o castelo inimaginável, encastado na esplêndida solidão dos montados do Ardila. Trazíamos dentro o som dos rebanhos e a luz e o mistério das ruínas do burgo medieval que subiam do ervaçal, semeadas entre panos de muralhas, cisternas e uma igreja esventrada. O cenário envolvente, o chaparral onde pastava uma vacada, empurrava para um estado de paz interior.

Regado o café com um bagaço de Pias, os trabalhadores começaram a cantar à espanhola e à alentejana. Carmen, a mulher do embaixador, tem uma voz belíssima. Quando, tocada pelo ambiente, entrou no canto fez-se um silêncio inabitual em convívios como aquele. Era uma ária cubana tradicional.

A atmosfera mudou e aqueceu. O entusiasmo destravou as línguas, rompeu as últimas barreiras que continham o caudal do rio da fraternidade.

O pessoal da Unidade começou a fazer perguntas sobre Cuba. Muitas. Sobre a Reforma Agrária da «terra de vocemecês», sobre a história recente e distante da Ilha.

Um dos trabalhadores falou pelos companheiros: «De política percebemos pouco ou nada. Mas a nossa ideia — assim se exprimiu — é a mesma em Portugal ou em qualquer parte do mundo. É por isso que respeitamos a revolução cubana e admiramos Fidel Castro. Ele está com a gente!»

Cantou-se ainda por largo tempo. Carmen não foi autorizada a sair das canções de Cuba; eles misturaram as modas

alentejanas com coisas andaluzas. Houve também «flamenco», a cargo do António Guerra, o presidente da Câmara.

Nessa noite, em Moura, Armando Torres — um intelectual que defendeu como advogado os revolucionários do «Granma», e foi Procurador da República e ministro da Justiça de Cuba — fez-me a confidência a que aludi acima:

«Vivi hoje o dia mais feliz desde que cheguei a Portugal. Sabes, habitualmente falta intimidade quando visito uma cidade ou uma simples aldeia. É quase inevitável. Sou recebido muito bem, mas como diplomata. Identificam sempre em mim um embaixador. Aqui, para os trabalhadores barranquenhos fui durante uma hora o Armando; até por tu me trataram. À minha mulher ordenavam-lhe, com carinho: «Carmen canta mais uma, das cubanas». Deram-lhe palmadas nos ombros para a felicitar... Nunca mais esquecerei Barrancos!»

Para o povo de Barrancos trouxe os comovidos abraços de Carmen e Armando quando no ano passado os visitei na sua casa de Havana.

*
* *

Dois Natais passados em Barrancos ficaram para mim ligados a outras recordações inapagáveis.

Na tarde de 24 de Dezembro quando, escancaradas as portas da Igreja, é acesa na Praça da vila a grande fogueira onde os troncos de azinho vão arder até à manhã seguinte, principia a mais fraterna e aberta das festas colectivas natalinas do País.

Reformados

Em aldeias encostadas à fronteira, como Ficalho, Sobral da Adiça, Santo Aleixo e outras fala-se muito da diferença entre a situação dos reformados em Portugal e Espanha.

Os moradores conversam com gente do Rosal, de Cortegana, de Valência de Mombuey e tiram conclusões.

«Não porque o governo de Felipe Gonzalez seja lá aquela coisa» — desabafava comigo um meloeiro da Amareleja — «mas a verdade é que respeita mais os idosos. Dizem que o rendimento dos espanhóis é o dobro do dos portugueses, mas as pensões de reforma deles são seis vezes maiores que as nossas. Como pode um homem viver com 14 contos de reforma?...»

Nas aldeias do Alentejo os reformados constituem hoje a maioria da população. Em certos povoados de Mértola, nas casas e ruas, somente se vê gente idosa e crianças cujos pais emigraram.

É claro que a RTP não mostra imagens da vida quotidiana nessas terras misérrimas e esquecidas; teme os efeitos que a descoberta da degradação da vida produz sempre na consciência social.

Sei o que é aquilo. Tenho aliás participado em muitos encontros, no meu distrito, com reformados. O que mais me impressionou foi talvez o da Salvada, em Beja.

Na Casa do Povo estavam reunidas, entre homens e mulheres, umas 60 pessoas. Na mesa apenas o Ciriaco — um deficiente, velho revolucionário, que é uma força da natureza — e eu. Ele discorreu longamente e com saber sobre os problemas dos reformados. Na minha intervenção, depois, tentei abrir portas para o mundo, relacionando o permanente e o transitório, para desembocar na crítica da política pequena, egoísta e hipócrita do actual Governo e do seu partido.

Enquanto conversávamos lembrei-me de um encontro com o povo da aldeia naquela mesma sala, que então encantava os olhos pelo arranjo e decoração. Foi há uns dez anos, antes que a estratégia de destruição das Casas do Povo (a este retiradas) a transformasse numa quase ruína. Hoje o tecto apodreceu e ameaça cair. O edifício apareceu-me como vitrina da política a duas velocidades de Cavaco, que ele desmente por palavras e aprofunda com actos.

Naquela tarde, na Salvada, quando o Ciriaco e eu nos calámos, eles e elas começaram a deitar para fora muita mágoa, muita queixa, muito sofrimento. As reivindicações brotavam em cascata, escorrendo como capítulos de estórias tristes. Juntos esboçaram o quadro deprimente em que se desenvolve a existência numa freguesia rural onde os idosos se dão conta de que o Governo PSD deles se lembra apenas quando se aproximam eleições. O geral e o particular, o nacional e o local misturaram-se no inventário dos casos, na teia das perguntas e das respostas que imprimiu ao diálogo calor humano. As insuficiências no terreno da saúde, as mazelas do ensino (muitos criam netos), a discriminação no uso do transporte ferroviário e, obsessiva, a questão das reformas encheram hora e meia de debate.

Outro tema: como esclarecer os que ainda se deixam iludir pelo discurso oficial e pela propaganda da RTP?

Prevaleceu a opinião de que é «convencendo, usando a cabeça com os argumentos da verdade, sem azedume, sem críticas pessoais» que se deve discutir com aqueles que na última eleição se deixaram «enganar pelos rebuçados oferecidos pelo Governo» — um governo que gasta milhões de contos para tornar a vida cada vez mais fácil à sua gente, mas se recusou (através do PSD) a dar mais cinco contos aos reformados, como pretendia o Partido Comunista.

Nas duas Sociedades (havia uma dos Ricos e outra dos Pobres, mas com o 25 de Abril ambas se tornaram do povo), no quartel dos Bombeiros, em cada casa, a começar pela do presidente da Câmara, a mesa está posta com o que de melhor se pode oferecer. E é renovada, hora a hora.

Nas ruas dança-se ao som da zambona, em cordões que se encontram na Praça e dão a volta à fogueira. Cantando sempre.

Naquele Natal, gelado pelas temperaturas e escaldante pelo entusiasmo, entrei em tantas casas para petiscar e molhar os lábios em vinhos alentejanos, que me perdi na conta. O meu amigo António Duarte, de Viana, que estava a descobrir Barrancos, sentia-se noutra planeta. «Isto é sonho», repetia. Em busca do presidente da Câmara fomos encontrá-lo à roda de uma mesa, em festa de baptizado. Logo ali se armou discussão a propósito de duas modas famosas: o Castelo de Noudar, barranquenha da gema, e o Almoreve. Descemos e subimos pela história do canto alentejano até que alguém sugeriu que se consultasse o historiador não oficial de Barrancos, o meu amigo Lopes, homem de poucos títulos e muita sabedoria. Foi um regalo saborear-lhe a conversa, diante de outra mesa, igualmente farta e bem posta. De música e poesia, talvez por ser autoridade em ambas, não quis falar naquela noite. Apoiado pelo Cristina — um velho agricultor que se exprime no mais castiço barranquenho, mas fala também castelhano com sotaque de Sevilha — o Lopes preferiu evocar o tempo em que a vontade discricionária de duas famílias de agrários tinha força de lei em Barrancos.

«Quem dizia mal do Governo do Estado Novo não tinha trabalho» — explicou o Lopes. «Andava sempre com pides e bufos nas canelas».

E logo achou necessário esclarecer: «Olhe que eu não sou comunista embora os meus melhores amigos sejam do seu partido. Mas nunca suportei o fascismo».

Escondi por cá muito espanhol republicano fugido dos franquistas. E como não me dobravam fiz a única coisa que um homem decente podia fazer nas minhas condições para ganhar a vida honestamente: tornei-me contrabandista. Posso dizer que foi durante muitos anos a minha profissão. Matei a fome a muita gente dos dois lados da fronteira e eles nunca me apanharam...»

Olhou então em volta e, com uma expressão bem séria no rosto enrugado, dirigiu-se a um convidado, o alcaide de Encinasola, a vila espanhola vizinha de Barrancos: «Está aqui o D. Justo, homem de muito respeito, que pode ser testemunha de que ganhei a vida como contrabandista honrado durante mais de vinte anos».



O Algarve visto de perto

A imagem externa que o Algarve continua a disfrutar, de região onde a vida é agradável e fácil relacionada com a amenidade do clima e as belezas naturais que integra, associada ao cosmopolitismo presente em algumas zonas do litoral, produto da actividade turística, tem tanto de artificial como o slogan que o PSD desde há muito escolheu para classificar o Algarve como uma região de sucesso.

Uma observação atenta da realidade regional conduz-nos rapidamente a resultados diferentes. De facto, a região continua a viver num quadro marcado por profundas fragilidades no tecido produtivo, por retrocesso importantes em significativas áreas da actividade económica, por fortes assimetrias inter-regionais, pelo alargamento do fosso das desigualdades sociais e das oportunidades que cada um dispõe para garantir uma vida estável e digna. Tudo somado dá realmente um Algarve longe da região de sucesso e de vida fácil que o PSD prometeu e continua a afirmar existir.

Gerido por soluções avulso, desincerdas de uma visão e de uma política global e integrada de desenvolvimento, sem projecto e sem plano, o Algarve continua a aguardar soluções de fundo que resolva os problemas reais existentes e tornem o dia-a-dia de quem vive na região e tem como fonte de rendimento exclusivamente o produto do seu trabalho, um lugar onde de facto se torne agradável viver.

Algarve sem projecto e sem soluções

Os departamentos desconcentrados do Poder Central nos quais pontifica a toda poderosa Comissão de Coordenação Regional, já brindaram a região com vários Planos, diversas Operações Integradas, para além de várias comissões específicas para responder a outros tantos específicos problemas. Resultados não se conhecem. Sabe-se, entretanto, que só 4% dos Fundos Comunitários foram aplicados no Algarve e que as duas OID têm uma taxa de concretização que não ultrapassa os 6%.

São vários os departamentos e outras tantas as Reservas instituídas. É uma extensa teia de influências e confluências de interesse que para além de tornarem a vida do simples cidadão, que tem de recorrer aos seus serviços, num autêntico inferno e num desperdício de tempo e dinheiro. Extensões da governamentalização, nelas se jogam favores, dos quais só tiram partido aqueles que tendo poder económico também têm influência nos corredores do Poder Central.

Com a transição do processo de plena integração na CEE a chegar vertiginosamente ao seu termo, e a realidade do Mercado Único à porta, não se produziram mudanças estruturais na economia algarvia que permitam encarar o futuro com tranquilidade. O Algarve mantém no Turismo e nos serviços a sua principal actividade. A agricultura que dispõe de excepcionais condições naturais para progredir, sobretudo no domínio dos hortofrutícolas, permanece entregue a si própria. Não se conhecem projectos e apoios à necessária reconversão dos pomares de citrinos, como não existe nenhuma linha de trabalho viradas para uma especialização produtiva que tirando partido das nossas potencialidades nos colocasse em condições de enfrentar a concorrência de parceiros fortes e melhor organizados.

Nas pescas, a reconversão da frota é projecto adiado, prevalecendo a política do abate de embarcações sem alternativa. O peso das medidas de fiscalização movidas em relação à pesca artesanal, apontam para a asfixia deste sector. Num quadro em que a diminuição do volume de capturas se continua a acentuar e os recursos pesqueiros estão longe de estarem estudados, inventariados e defendidos.

A indústria, como se sabe, tem vindo a reduzir drasticamente o seu peso no seio da economia regional. Há mesmo alguns sábios bem colocados em departamentos governamentais, senhores de toda a ciência e na posse de soluções marcadas pela maior das modernidades que já descobriram que a região não tem vocação industrial.

O facto da indústria transformadora já ter tido um peso significativo na região deve-se provavelmente a um seríssimo desvio ideológico marcado por forte expressão autoflageladora a banir da história do Algarve.

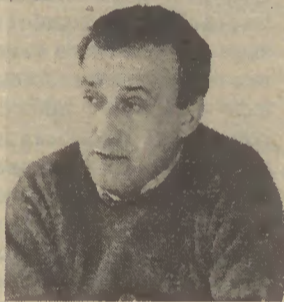
Em relação ao turismo, que se confirma como a mais importante actividade económica da região, é necessário dizer com clareza que as opções no terreno estão

viradas, sobretudo, para o imobiliário turístico encerrando contradições e fragilidades, já hoje expressas na crise que atravessa a construção civil, em muito associada a este sector, e nos problemas que estão a ser criados com o excessivo peso de uma oferta de alojamento desvalorizada e desorganizada, da qual a região em pouco beneficia.

No Algarve de sucesso do slogan pepedista, crescem os serviços e as actividades especulativas. Aumentam as assimetrias entre o litoral e a serra. Restringem-se as opções de trabalho e de projecto de vida. Nesta região com trabalho e empresas sazonais, a mobilidade e instabilidade dos postos de trabalho é uma constante. Se é certo que vai havendo trabalho, não é menos verdade que a região não dispõe de soluções que possam oferecer e garantir estabilidade, segurança, a quem pretende, legitimamente, de forma honrada, aspirar a uma carreira profissional digna e segura.

É certo que muitos ganharam dinheiro fácil. Acumularam-se fortunas rapidamente. Os resultados obtidos permitiram distribuir por mais uns quantos umas tantas migalhas. Há dinheiro em circulação que dá para alguns fazerem uma vida fácil. Alguns negócios no Algarve, ligados à especulação imobiliária, continuarão a dar gordos proventos. Sobretudo quando se pode tornar a Lei e se disfruta de amizades bem colocadas nas várias instâncias de poder laranja.

Sim, porque isso de cumprir a Lei, preservar a paisagem, respeitar os recursos, proteger o ambiente, pagar impostos é para «a população». Não é campo ou preocupação que possa tomar o precioso tempo daqueles que agora de forma moderna se chamam empresários de sucesso, gestores modelo, pessoas de visão alargada,



CARLOS LUÍS FIGUEIRA

Membro da Comissão Executiva Nacional do CC

Com o aproximar das eleições, a demagogia começa a subir de tom. Promete-se o que nunca se cumpriu

numa só palavra — inteligências! Ou dito de outra maneira, mas sempre na linha da modernidade, que pertencem ao JET-SET, público ou privado, parece que tanto faz. Assim é.

Mas, tudo isto é artificial, não tem segurança, não constitui um projecto de desenvolvimento económico que a região e o País necessitam.

Para além disso, neste País e neste Algarve não anda toda a gente em carros de alta cilindrada. Poucos habitam em moderníssimas urbanizações, com entradas e elevadores a cheirar a perfume Cacharel, povoados de Lilis e Fófós a vestir cuecas coloridas da Benneton, com um imaginário de sonhos de grandeza, preocupados com a curta viagem que vão fazer a Macau ou Hong Kong para comprar o último grito constituído por um micro ar condicionado para usar no sovaquinho e uma trela electrónica que reage — estica e encolhe — à medida das necessidades fisiológicas do bicho.

Os algarvios não têm sequer como aspiração imediata ter um BMWzito. Há necessidades mais prementes para satisfazer. Vêm-se aflitos para ter uma casa decente e esmifram-se para pagar a prestação da que compraram. Vivem preocupados com os serviços de saúde pública que funciona mal. Com a educação dos filhos. Com o emprego que desejavam mais seguro. Com um projecto de vida que a estabilidade instável do consumismo cavaquista não lhes garantiu.

Os tentáculos do Poder Central

Fruto do autoritarismo e de um projecto que tem como objectivo alterar profundamente as características do Poder Local democrático, diminuindo poderes e esvasiando competências, as relações entre o Governo do PSD e o Poder autárquico têm vindo a assumir um clima de conflito permanente.



O famigerado Plano Regional de Ordenamento do Território (PROTAL) assume-se como uma peça fundamental dessa estratégia e cada vez mais se afirma como um instrumento de protecção dos interesses dos grandes especuladores imobiliários.

As obras realizadas em infra-estruturas, apoiadas por vultuosos fundos comunitários, sendo importantes, correm o risco de se transformar em acelerado meio de dependência externa, porque desincerdas de um Plano de Desenvolvimento regional. Encurtam caminho para uma maior penetração de mercadorias e capitais dos nossos mais próximos parceiros do mercado comum.

Sem uma rede de transportes adequada à realidade regional o traçado da Via do Infante, imposto às populações e servindo outros interesses que não os do desenvolvimento regional, é bem o espelho do que não se deve fazer.

Produto das alianças que o PS concretizou com a direita ao longo dos anos, coube ao PSD, na partilha de poder na região, a gestão da Comissão de Coordenação Regional. Há portanto 11 anos que este Partido domina uma estrutura por onde têm passado e passam as opções tomadas no plano económico e social em relação ao Algarve e a atribuição dos fundos comunitários.

Honrando o slogan cavaquista, para a CRR no Algarve tudo vai bem. Problemas não existem, mesmo pequenos que sejam, numa auto-glorificação levada ao extremo por zelosos funcionários do Poder instituído. Revêm-se no chefe. Seguem-lhe as pisadas do autoritarismo e da arrogância. Imitam-lhe gestos e os tiques faciais do discurso. São hoje uma cortina espessa, ocultando o conhecimento da realidade e indisponíveis para quem queira intervir na realidade regional.

As propostas do PCP para a região

Desde há muito que nos batemos por alternativas diferentes em relação ao desenvolvimento regional. Erguemos, em muitos aspectos e em diversas alturas, um conjunto de propostas claras no sentido de resolver os principais estrangulamentos, fragilidades e assimetrias que a realidade regional comporta.

Hoje, perante as preocupações que a situação actual suscita, algumas das nossas propostas são defendidas e assumidas por amplas forças sociais e empresariais. Ganha força e apoio a ideia do Algarve necessitar de um verdadeiro plano de desenvolvimento integrado que tendo no turismo uma importante alavanca a este se associem políticas sectoriais viradas para a agricultura, as pescas e a indústria transformadora. A principal medida

EM FOCO

Agricultura e têxteis

sofrem incompetência do Governo

O Governo mostra-se incapaz de criar condições para vencer as vulnerabilidades estruturais da agricultura portuguesa em contexto de progressiva integração na Política Agrícola Comum (PAC) e não toma medidas para reestruturar a indústria têxtil - afirmou o eurodeputado comunista Joaquim Miranda, em conferência de imprensa realizada na passada sexta-feira, na Assembleia da República.

Na iniciativa, em que participaram também os deputados Sérgio Ribeiro e Barros Moura, foram divulgadas as posições e actividades dos representantes do PCP no Parlamento Europeu relativamente à situação na agricultura e à crise no sector têxtil. Uma matéria particularmente em foco com as recentes manifestações dos agricultores contra a política do Governo e com o termo do Acordo Multifibras, ontem registado.

Uma matéria, também, de há muito nas preocupações dos deputados do PCP no PE, que ainda no início de Julho reuniram em Braga o Grupo «Coligação de Esquerda» do PE, em que estão integrados, para analisar a reforma da PAC, a regionalização, a crise do sector têxtil, seu significado e suas incidências no Vale do Ave.

Na opinião dos deputados comunistas, os primeiros 5 anos do período de transição - que deveriam aproximar a agricultura portuguesa dos níveis médios da Comunidade - foram desperdiçados.

Segundo Joaquim Miranda, o Governo «aceitou condições de passagem à 2ª etapa do período de transição que não acautelam os interesses dos agricultores nem favorecem o desenvolvimento da agricultura portuguesa». As principais vítimas desse processo foram as pequenas e médias explorações agrícolas, a braços com «os elevados custos de certos factores de produção (como as tarifas da energia e as altas taxas de juro), que retiram à agricultura portuguesa condições mínimas de competitividade».

A situação é agravada pela existência de circuitos de comercialização distorcidos que favorecem o parasitismo de intermediários, donde resulta, por um lado, a manutenção de preços altos para o consumidor mesmo quando se regista redução de preços no produtor e, por outro lado, uma manifesta incapacidade dos produtores para suportarem reduções nos seus preços de produção.

Incapacidade governativa

As responsabilidades fundamentais pela grave situação criada na agricultura cabem ao Governo - acusam os deputados comunistas - salientando que o executivo «se mostra incapaz de criar condições para vencer as vulnerabilidades estruturais da agricultura portuguesa em contexto de progressiva integração na Política Agrícola Comum (PAC)».

Essa incapacidade do Governo é tanto mais grave quando se sabe que estão em curso as negociações CEE-EUA sobre a agricultura no âmbito do GATT e em debate as propostas de reforma da PAC, que «compõem um quadro em que se exige especial atenção aos interesses próprios do desenvolvimento da agricultura portuguesa».

Não se trata, fez notar Joaquim Miranda, de rejeitar a reforma da PAC, mas sim de questionar a reforma em curso.

Como foi dito na conferência de imprensa, «a PAC tem de ser reformada com urgência», pois ela só por si absorve mais de 50% do Orçamento da CEE, embora só 20% dos agricultores sejam beneficiados e mais de 70% das despesas sejam concentradas em apenas 4 países.

É justamente porque consideram a PAC como «uma fonte de agravamento das desigualdades», que os deputados do PCP no PE defendem que ela «deverá ser reformada de modo a tornar-se num efectivo instrumento de coesão económica e social».

Ora, como salientou Joaquim Miranda, «a proposta apresentada pela Comissão, particularmente no que respeita aos preços, às restrições da produção de certos produtos e aos incentivos ao abandono de terras («set-aside») e se aplicada a todas as agriculturas, contraria por completo aquele objectivo, sendo por isso inaceitável».

Sendo a agricultura portuguesa profundamente diferente das suas congéneres da França, Alemanha, Bélgica ou Holanda, deve ter um tratamento diferenciado. As explorações agrícolas portuguesas não podem ser sujeitas às limitações que são justificáveis para as explorações intensivas dos países do Norte, especialmente responsáveis pelos excedentes.

Consideram assim os eurodeputados comunistas que o «Governo assumiria pesadíssimas responsabilidades perante o futuro da agricultura portuguesa se aceitasse os termos da reforma proposta pela Comissão e se, em qualquer reforma, não acautelasse o reconhecimento da especificidade da agricultura portuguesa e apoios especiais para o

seu desenvolvimento em condições de integração».

Para os deputados do PCP, «a reforma não deverá ser encarada numa perspectiva defensiva, mas sim como decisiva oportunidade de inflectir a PAC no sentido da coesão económica e social na Comunidade e, no plano internacional, do apoio aos países em vias de desenvolvimento».

Foi nesse sentido que os deputados do PCP, na sequência das suas anteriores iniciativas neste domínio nomeadamente no contexto das negociações para a passagem à 2ª fase do período de transição, anunciaram a apresentação de uma proposta de resolução no Parlamento Europeu, definindo, por um lado, os princípios de uma reforma da PAC ajustada às necessidades do reforço da coesão económica e social e enunciando, por outro lado, os termos em que deverá ser reconhecida a especificidade da agricultura portuguesa, com vista ao seu desenvolvimento.

Crise no sector têxtil

Para os eurodeputados do PCP reveste-se igualmente da maior gravidade a situação de crise que o sector têxtil atravessa, em particular no Vale do Ave. Também aí é igualmente evidente a «ausência de medidas no sentido da reestruturação da indústria têxtil, reestruturação (constante!) que o ministro da Indústria assimila a *empresas a abrir e a fechar*», como não deixou de ser referido na conferência de imprensa.

Tal como foi sublinhado, o termo do Acordo Multifibras, no passado dia 31 de Julho, «dá ainda maior acuidade à questão e, na ausência de disposições adequadas de transição e de salvaguarda, no quadro da gradual integração nas regras do GATT, constituirá dificuldades acrescidas e maior instabilidade para o sector e para a economia portuguesa».

Consideram os deputados do PCP que também a aproximação do fim do PEDIP - apesar da sua inadequação à indústria têxtil - torna oportuna, e exige, a negociação de apoios específicos para a indústria têxtil portuguesa.

Acontece porém que o posicionamento do Governo, recusando reconhecer a situação de crise, não contribuiu em nada para a resolução do problema. Para os eurodeputados do PCP, «tal posicionamento se, por um lado, o isola relativamente a organizações sindicais, empresariais e a autarquias, por outro lado, e fundamentalmente, serve para «justificar» a sua passividade face à grave situação que o sector atravessa, quer no plano interno, quer no plano comunitário».

Uma tal postura - foi denunciado na conferência de imprensa - não impediu no entanto o Governo de apregoar, «de forma voluntariamente ambígua», um programa de 750 milhões de contos para um período de 15 anos. Um programa que não se sabe como se concretizará, qual a parcela a financiar pela Comunidade, qual a participação do Estado e das empresas.

Os eurodeputados acusam ainda o Governo de ter «escamoteado o facto de, por manifesta incapacidade negociadora, se ter deixado ultrapassar por outros governos que, ao proporem um programa global comunitário de apoio ao sector têxtil, não só apanharam o comboio como tomaram a condução da locomotiva», com evidente prejuízo para o reconhecimento da gravidade e da especificidade da situação portuguesa.

Bem distinta tem sido a postura dos deputados do PCP, que na sua actividade no Parlamento Europeu se têm batido pela «definição de orientações e pela disponibilização de meios que permitam modernizar e reestruturar o sector têxtil».

Ainda em Junho, na sessão plenária do PE, apresentaram uma proposta de resolução em que, nomeadamente: se solicitava a prorrogação do Acordo Multifibras até ao final das negociações do Uruguay Round; se sublinhava a importância da inclusão de uma cláusula social mínima, nomeadamente no que se refere ao «trabalho infantil», nos países terceiros e em Portugal; se reafirmava o período de 15 anos como duração mínima para aplicação, em casos particulares, de programas específicos de modernização e reestruturação do sector.

Como foi referido na conferência de imprensa a que nos vimos reportando, «no mesmo sentido se orientam as propostas de emendas que os deputados do PCP apresentaram ao relatório sobre os têxteis que está em discussão, em sede da Comissão Económica do PE, e que resultou de sua anterior iniciativa, e em que, entre outros aspectos, relevam a importância da vertente regional, defendem a participação de eleitos locais e regionais (se os houvesse em Portugal...) na análise e tomadas de decisão, e incluem a proposta de promoção de um programa agrícola de dinamização das fibras têxteis naturais».

Trata-se, como diria a propósito o eurodeputado Sérgio Ribeiro, de trabalhar para um desenvolvimento integrado sobre todos os aspectos, em que a valorização da agricultura contribua para desenvolver o sector têxtil.



defendida no último Congresso de Turismo do Algarve foi justamente a necessidade de rapidamente erguer um Plano de Turismo para a região. É uma proposta que o PCP defende há 8 anos.

A necessidade por nós desde há muito colocada de acelerar a instituição da região administrativa do Algarve como estrutura indispensável para promover o desenvolvimento regional, tem hoje uma maior compreensão e um apoio inequívoco.

A necessidade de uma forte votação na CDU

Com o aproximar das eleições legislativas de Outubro, a demagogia e as promessas começam a subir de tom. Promete-se o que nunca se cumpriu.

Se cabem as maiores responsabilidades pela situação ao Governo do PSD, não podemos deixar de referir as que também cabem ao PS. Por aquilo que não fez na luta contra esta política e pelas alianças que concretizou com a direita. PS que detem na região a Presidência de 12 das 16 Câmaras. Cabem-lhe inegáveis responsabilidades nos principais desmandos urbanísticos pelos quais o Algarve também é tristemente conhecido. PS que em relação às grandes opções regionais não tem um projecto diferente do PSD. PS que perante as intromissões grosseiras praticadas pelo Poder Central se comportou de forma subserviente alheando-se de posições do combate a esta política. PS que hoje corre ao Poder pelo poder e que ao insistir, igualmente no Algarve, na alternância e na bipolarização, leva com isso a água ao moinho do PSD.

Pelo que temos feito, pela maneira como sempre assumimos a luta em defesa das populações, pelo modo responsável com que erguemos as nossas propostas em relação à região, pelo trabalho e a obra que desenvolvemos no Poder Local que exercemos no Algarve, pela influência política e social que disfrutamos em importantes sectores da população da região, pelo papel desempenhado pelo deputado que elegemos na AR em defesa do Algarve, estamos confiantes num bom resultado eleitoral.

O País e a região necessitam de quem seriamente os defenda. Reforçar a votação na CDU contribuindo decisivamente não só para derrotar a direita mas também para abrir caminho a um Governo e uma política democrática é o que nos propomos alcançar. Daqui, desta terra e deste mar ao sul. Para que também seja possível fazer do ano de 1992 o ano da criação da Região Administrativa do Algarve.

PONTOS CARDEAIS

Gazetilha

Sondagens

Uma contagem
de mil pessoas, já se vê
é uma sondagem.
Ganha o PSD...

Trabalhadores, agricultores
de um Portugal descontente.
Então, meus senhores,
há lá sondagem mais eloquente?...

Sugestão

Se precisares de uma habitação
Faz-te ministro. É boa ocasião!

Slogan do PSD

Democracia de sucesso?

Slogan mal expresso
ou talvez mal impresso.

Democracia por ingresso
democracia de regresso...

Democracia de abcesso.

A ceia sem asseio

— Grato por aceitarem o convite.
Vamos a isto. E bom apetite!

O anfitrião sentou-se. E com desvelo
como que por encanto
à mesa logo se sentaram o Mello
o Espírito Santo
o grupo BPI
e até o presidente estremecido
do Banco de Macau
bem conhecido
por não ter cacau,
pois também ele se sentou ali.

— Venham os frangos melhores!
(O anfitrião para a copa as ordens deu)
E agora, meus senhores,
toca a avançar e cada qual ao seu!

Pau de figueira, trinta dinheiros
façam o vosso jogo, cangalheiros!

Fábula

Bem vestido, chegou
o lobo à capoeira.
Discursou
com meiguice.
Salvou
uma espécie de imundície
pelos cantos da boca tesoureira.
E disse:

— Há muito que fazer.
Esta é a verdade.
Na condição de haver
a estabilidade
que nos últimos anos tendes cá.
Essa estabilidade, cé muá!
Votai em mim.
Assim
como da outra vez aconteceu.
De voto
em voto, eu
à vossa felicidade me devoto!

Ó franganagem!
Ó galinhagem!
(o fabulista diz com gravidade)
Esta «estabilidade»
vos convém?

Vejam bem, vejam bem!

■ IGNOTUS SUM

Incrível!



Viva a Cultura!

Afinal o Centro Cultural de Belém também presta contas. Não que o edifício seja «inteligente» ao ponto de convocar conferências de Imprensa, mas porque uma denominada Sociedade de Gestão e Investimento Imobiliário (SGII) - limitada à construção do empreendimento - diz coisas e apresenta números. Nestes últimos, os milhões de contos dançam com uma agilidade de fazer inveja ao Circo Chen e demonstram, à mais elementar tabuada, que a Sociedade está a extravasar incalculáveis milhões sobre o orçamento previsto na base de contas impecavelmente calculadas.

Emergindo dos cálculos debitados e das contas rigorosamente descontadas, o SGII surge, entretanto, com uma informação esplendorosa: a da conclusão que, em 1990, obteve «um resultado líquido de exercício igual a zero». Um brilharete destes não se via por cá desde os Descobrimentos, e que se pode resumir assim: apesar de o Centro Cultural de Belém já ter ultrapassado em muitos (mas muitos) milhões de contos o orçamento previsto, as contas batem tão certas que ninguém gastou um tostão a

mais ou a menos.
São as vantagens de termos um Governo culto.

Os primos

A notícia caiu como uma bomba nos noticiários internacionais: o presidente francês François Mitterrand e a Rainha de Inglaterra, Isabel II, afinal são... primos! A descoberta coube à interessante publicação «Burk's Peerage» e após aturadas investigações pela árvore genealógica acima do presidente francês, iniciadas logo no início do seu primeiro mandato, em 1981.

Mas o prodígio não acaba aqui: a fenomenal revista descobriu igualmente que o presidente norte-americano George Bush é também primo da rainha (concretamente, em 13º grau), o mesmo acontecendo ao ex-presidente e ex-actor Ronald Reagan (que por acaso tinha o nome de Regan, que é um bocado mais plebeu, mas isso foi antes de ser presidente e primo da rainha).

Pelo que, das duas uma: ou a Rainha se cala e admite, assim, que a família real britânica tem passado a história na bandalheira com os plebeus, ou põe os pontos nos iis e manda a «Burk's Peerage» chamar pai a outro.

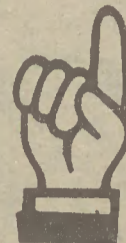
Cavaco, o Desportista

O Primeiro-Ministro Cavaco Silva concluiu há dias em Navais, na Póvoa de Varzim, que «este é o ano de todas as vitórias». A viril conclusão - que, pela analogia, coloca, para já, Cavaco Silva de braço dado com o general Schwartzkopf à mesa do triunfo na guerra do Golfo - foi solidamente fundamentada pelo governante através das recentes vitórias obtidas pelas selecções de futebol júnior e de hóquei em patins nos respectivos campeonatos mundiais, feitos lusitanos que o chefe do Executivo fez, naturalmente, resultar da sua acção governativa, pois toda a gente sabe que, sem o Governo, estas equipas nacionais dificilmente ultrapassariam a fase dos treinos.

Demonstrando rara sensibilidade, o Primeiro-Ministro espargiu, entretanto, pela assistência um pouco da magnificência governamental, louvando várias vezes «a humildade e a simplicidade do povo das aldeias».

Trata-se de um raciocínio que, pelo menos, esclarece o à-vontade com que o político de Boliqueime até já ganha campeonatos do Mundo.

frases da Semana



«Alberto João Jardim «inquiriu os populares se não se lembravam que, de três em três meses cá estava o Alberto João a fazer eleições e lá toda a gente tinha que se levantar cedo para ir votar, enquanto se passava a vida a gastar um dinheirão em papel e cartazes e em todas essas coisas que se usam nas eleições». «Agora o país sossegou»...»

☞ Alberto João Jardim, «Jornal de O Dia», 29.7.91

«As bolsas portuguesas reduzem-se hoje à Dívida Pública»

☞ «DN», 30.7.91

«Elias «mete na ordem» gestores públicos»

☞ Título de primeira página do «DN», 30.7.91

«Alguns quadros informáticos do BESCL foram destacados para uma empresa de «software» do Grupo Espírito Santo — a ESDI-Espírito Santo Data Informática —, cerca de um ano antes da privatização do banco»

☞ «Público», 29.7.91

«Hitler queria raptar o Papa Pio XII»

☞ Título do «Público», 29.7.91

«Cavaco quer «ano de todas as vitórias»»

☞ Título do «Público», 29.7.91

«De facto, uma apreciação independente e desapaixonada permite-nos concluir que o turismo ainda não entrou na cultura política, nem na cultura económica, nem nas prioridades do ensino e da investigação»

☞ José Vitorino, presidente da Confederação dos Empresários do Algarve, «Público», 30.7.91



X FESTA DA TERRA E DO MAR

2, 3 e 4 de AGOSTO
CASTELO DE SINES



PROGRAMA SEXTA FEIRA 2/AGOSTO

21.00 HORAS
Abertura da Festa

Com a Presença de **CARLOS HUMBERTO**
Membro da Direcção Regional do Partido
Participação da Banda da Sociedade Musical
União Recreio Sport Siniense.

21.30 HORAS
Grupo Coral Amigos da Boa Vontade de Sines

23.00 HORAS
Espectáculo com o Grupo:

«ESSA ENTENTE»

No restaurante e bar, serão servidos os tradicionais pratos regionais: caldeirada, feijoada de buzios, chocos fritos etc.

SABOREI A NOSSA GASTRONOMIA
AO SOM DE MÚSICA AGRADÁVEL

SÁBADO 3/AGOSTO

15.00 HORAS
Colóquio sobre Pescas e Desenvolvimento
com a participação de:
ROGÉRIO BRITO
Deputado do PCP na AR

21.30 HORAS
Intervenção Política com a Presença de um
Membro da Direcção Nacional do Partido

22.00 HORAS
Grande Noite do Fado, com o Cantor
CARLOS DO CARMO

23.00 HORAS
Actuação do Teatro Amador de Sines
Convívio do fado Amador com a Participação de Dezenas
de Fadistas Amadores

No Bar será servida a tradicional sopa de peixe

DOMINGO 4/AGOSTO

17.00 HORAS
Colóquio sobre Saúde com a Participação dos Médicos:
SÉRGIO MARTINS, FERNANDO VASCO,
MANUEL COELHO

21.00 HORAS
Entrega dos Prémios das Provas Desportivas

22.00 HORAS
Actuação dos Grupos
OS MINEIROS DE ALJUSTREL
GRUPO MUSICAL DO PINHEIRO DA CRUZ

23.00 HORAS
Espectáculo de Encerramento da Festa com a Cantora
LUIA BASTO E A SUA BANDA

FESTA DA TERRA E DO MAR, UM CONTRIBUTO
PARA A MUDANÇA DEMOCRÁTICA
NAS PRÓXIMAS ELEIÇÕES LEGISLATIVAS



FESTA DO SOL E DO MAR

sexta, sábado e domingo

Costa da Caparica

Espectáculos todas as noites:
Grupos «Trigais do Alentejo» e «Nós» na sexta-feira
Grupo musical «Asas de África» no sábado
Fados no domingo

Comício no domingo às 21.00
com Francisco Lopes

Exposições
Bancas de livros e artesanato
Jogos Populares

No sábado:

Festa do PCP em Apelação

Tarde cultural com um grupo musical
Às 18.00: intervenção de **António Abreu**

Às 21.30, no CT: **Fado de Abril**

Noite Jovem no Vitória

Esta semana o Encontro das sextas-feiras no Terraço do Vitória é dedicada aos jovens. É a **Noite Jovem com a CDU**, que terá a presença dos Candidatos Jovens por Lisboa **Anabela Feliciano e Elmina Lopes** e a do camarada **António Abreu**. A animação vai ser obra de todos os presentes, liderados pelo grupo **Tusalusa**, vencedor do Festival da Canção Juvenil da Festa do Avante 1991.

Casebres FESTA DA ALEGRIA

Sábado e domingo

Com a participação do candidato CDU
Sérgio Martins

Na noite de sábado:
Música popular portuguesa com **Toni Costa**
Baile com o duo musical **Irmãos Caeiro**

na noite de domingo:
Folclore - **Rancho Folclórico «Os Rurais»**
e **Rancho Folclórico Regional de Palhota e Venda do Alcaide**.
Baile

S. Pedro da Cova Festa da Unidade

sábado e domingo
no Pinhal junto ao Campo de Futebol da Mó

Sábado:
21.30 - Fados e Guitarradas. Video gigante

Domingo:
15.00 - Folclore: Grupos «Ecos da Terra» e «Rodaviva»

Comício com intervenções dos candidatos da CDU
António Luís Pimenta Dias
José António (Chalana)
Vitor Ranita
Tômbola • Bar/restaurante

Actividades no distrito de Setúbal

- Sessão de esclarecimento na Casa dos Moradores dos Brejos do **Assa/Palmela**, com a participação de **Eduardo Pereira** e do candidato **Edgar Pereira**.

Domingo às 21.30.

- Almoço-convívio na **Quinta da Carranca/Palmela**, com os candidatos **Edgar Pereira** e **Arnaldo Fernandes**. Sábado às 13.00.

- Almoço-convívio de mulheres em **Melides/Grândola**, com a participação de **Conceição Morais**.

Domingo às 13.00.

- Festa popular em **Ermidas**. Sábado. Intervenção de **Rogério Brito**, às 21.30.

- Festa popular em **S. Domingos da Serra/Santiago do Cacém**. Sábado. Intervenção de **Rogério Brito** às 21.00.

Reunião dos Transportes

Na próxima terça-feira, com início às 19.00, realiza-se no Centro de Trabalho da Av. António Serpa uma Reunião de Militantes do Sector dos Transportes da ORL.

Convívios PCP/CDU no concelho de Cascais

S. Domingos de Rana

A Comissão de Freguesia do PCP promove no domingo um convívio e sessão de debate especialmente dedicado às mulheres com a participação do camarada **José Casanova**. O convívio tem início às 16.00 e realiza-se no salão do Centro de Trabalho de Tires.

No sábado o convívio é em **Talaíde** - a partir das 16.00, com a participação de um candidato e de um vereador da CDU.

Também no sábado, à tarde, o vereador da CDU **Carlos Sota** participa numa acção de esclarecimento e informação junto dos moradores de **Caparide**.

Cascais

A Comissão de Freguesia de Cascais retoma uma iniciativa de anos anteriores organizando no **Retiro CDU** (pátio do CT de Cascais) jornadas de convívio ao fim de semana.

Neste sábado, ao fim da tarde, poderá ouvir-se ali **Fado Vadio**, havendo como sempre sardinhada e outros petiscos.

Participa um candidato da CDU às próximas eleições legislativas.



Convívio em Alcabideche

Domingo
a partir das 15h
junto ao Centro de Trabalho.

Participação de **António Andrez**

Sábado

FESTA JOVEM na Quinta do Conde (Rua 6)



Fadistas amadores de Costa da Caparica
Rancho folclórico • Simultânea de Damas
Jogos • Kermesse • Bar

Participação de **José Morais**,
Candidato Jovem da CDU

Televisão

Quinta, 1

Canal 1

09.00 Bom Dia
11.45 Caça ao Tesouro
12.00 Culinária
12.10 Top Model
13.00 Jornal da Tarde
13.30 Deixem-nos Viver
14.00 O Império de Carson
14.50 Festival de Moscovo III
15.50 A Vida Continua...
16.40 O Ás da Polícia
17.10 Brinca Brincando
18.40 Roda da Sorte
19.30 Telejornal
20.10 Desenhos Animados
20.25 Sassá Mutema
21.30 Eternos Novatos
22.00 Os Culpados
22.50 Crônicas do Sobrenatural
23.25 24 Horas
23.45 Remate
24.00 Mar a Mar

Canal 2

12.00 Primeiro Jornal
12.05 A Força Astral
12.30 Curso de Inglês
12.45 Jerry Lewis Show
13.35 Filhos e Filhas
14.00 Jornal das Duas
14.30 Agora Escolha!
15.50 Nos Caminhos de James Cook
16.10 O Homem da Carabina
16.35 Recreio do 2
17.05 A Vida é Dura
17.50 Clip-Club
18.45 Direito de Amar
19.40 Via Rápida
19.50 Homem Rico, Homem Pobre
20.50 Nome de Rua
21.00 Jornal das Nove
21.30 Dramazine
22.55 A Dança da Morte
(ver «Filmes na TV»)

Sexta, 2

Canal 1

09.00 Bom Dia
11.45 Caça ao Tesouro
12.00 Culinária
12.15 Top Model
13.00 Jornal da Tarde
13.30 À Descoberta do Mundo
14.00 O Império de Carson
14.50 Festival de Moscovo IV
15.50 A Vida Continua...
16.40 O Ás da Polícia
17.10 Brinca Brincando
18.40 Roda da Sorte
19.30 Telejornal
20.10 Desenhos Animados
20.25 Sassá Mutema
21.25 Desgraças de um Cidadino
(ver «Filmes na TV»)
23.25 Cheers, Aquele Bar
23.55 24 Horas
00.15 Remate
00.25 Chapadão de Bugre

Canal 2

12.00 Notícias
12.05 Universo Juvenil
12.30 Curso de Inglês
12.45 O Caminho das Estrelas II
13.30 Filhos e Filhas
14.00 Jornal das Duas
14.30 Agora Escolha!
15.45 O Século dos Cirurgiões
16.20 As Aventuras de Black Beauty
16.35 Recreio do 2
17.05 Os Burlescos
17.50 Clip-Club
18.45 Direito de Amar
19.40 Via Rápida
19.50 Circo
20.00 Nunca Mais é Sábado
21.00 Jornal das Nove
21.30 Desejo
22.15 Rotações
23.45 Derrick

Sábado, 3

Canal 1

09.00 À Mão de Semear
09.25 Canal Jovem
13.00 Notícias
13.15 Operação Mozart
13.40 Febre em Beverly Hills
14.25 New Kids On The Block
15.40 Pretos e Brancos a Cor
(ver «Filmes na TV»)
17.20 T & T

17.45 Memórias da Humanidade
18.40 Quem é Charlotte
19.45 Totoloto
20.00 Jornal de Sábado
21.35 Amor à Primeira Vista
22.10 Casa Chela
22.50 Hercule Poirot
23.45 A Vida Íntima de 4 Mulheres
(ver «Filmes na TV»)

Canal 2

09.00 Circo
10.10 A Lua Extravagante
11.00 Marajás
11.55 Mozart em Digressão
13.15 Agarra o 2
14.15 Tela de Desejo
(ver «Filmes na TV»)
16.00 Estádio
18.30 Jornal Fim-de-Semana
19.00 Outras Músicas
21.00 Estádio
23.30 Trailção
00.25 Sound Pacific

Domingo, 4

Canal 1

09.00 Canal Jovem
11.30 Missa
12.30 70 x 7
13.00 Notícias
13.15 Os Jovens Cowboys
14.05 O Mundo de Audubon
14.55 Mapa Cor de Rock
15.45 Desenhos Animados
16.00 Os Meus Lábios Quemam
(ver «Filmes na TV»)
17.25 Mãe à Força
17.45 Mistura Fina
18.55 McGyver
20.00 Jornal de Domingo
21.00 Kananga do Japão
22.40 Domingo Desportivo
23.45 Viagem ao Maravilhoso

Canal 2

09.00 Caminhos
09.30 Novos Horizontes
10.00 Fora de Horas
10.30 Regiões Magazine
11.30 Agarra o 2
12.30 Competir
12.35 Primeiro Jornal
12.40 Troféu
18.00 Circo
20.15 Luz na Sombra
21.00 Nós Dois
22.00 Artes e Letras - «Graham Green»
22.50 Crime no Expresso do Oriente
(ver «Filmes na TV»)
01.00 Tauromaquia

Segunda, 5

Canal 1

09.00 Ilhas Vivas
09.35 Rua Sésamo
10.00 Eurosul
10.30 O Sítio do Picapau Amarelo
11.05 Lá em Casa Tudo Bem
11.30 Cover Story
12.00 Culinária
12.15 Top Model
13.00 Jornal da Tarde
13.30 América Selvagem
14.00 O Império de Carson
14.55 Gipsy Kings
15.55 A Vida Continua...
16.40 O Ás da Polícia
17.10 Brinca Brincando
18.40 Roda da Sorte
19.30 Telejornal
20.25 Sassá Mutema
21.20 Jogos Sem Fronteiras
23.00 Praia da China
23.30 24 Horas
00.05 Remate

Canal 2

12.00 Primeiro Jornal
12.05 Flash Gordon
12.30 Curso de Inglês
12.40 Bate, Bate, Coração
13.35 Filhos e Filhas
14.00 Jornal das Duas
14.30 Agora, Escolha!
15.50 Expedição
16.40 Recreio do 2
17.10 O Livro dos Recordes
18.00 Clip Club
18.40 Direito de Amar
19.40 Via Rápida
19.50 Homem Rico, Homem Pobre

20.50 Nome de Rua
21.00 Jornal das Nove
21.30 Informação Especial
22.30 Bailado

Terça, 6

Canal 1

09.00 Ilhas Vivas
09.35 Rua Sésamo
10.00 Globo Ciência
10.30 O Sítio do Picapau Amarelo
11.05 Lá em Casa Tudo Bem
11.30 Cover Story
12.00 Culinária
12.10 Final Feliz
13.00 Jornal da Tarde
13.30 Guerra em Tempo de Paz
14.00 O Império de Carson
14.55 Fleetwood Mac
16.00 A Vida Continua...
17.00 O Ás da Polícia
17.30 Brinca Brincando
18.40 Roda da Sorte
19.30 Telejornal
20.20 Sassá Mutema
21.20 A Lei das Ruas
22.15 Primeira Página
23.30 A Mansão dos Marblehead
23.45 24 Horas
00.05 Remate

Canal 2

14.30 Agora, Escolha!
15.45 Documentário
16.10 Férias Aquáticas
16.40 Recreio do 2
17.05 Tribunal de Júri
17.50 Clip Club
18.40 Direito de Amar
19.40 Via Rápida
19.55 Homem Rico, Homem Pobre
20.50 Nome de Rua
21.00 Jornal das Nove
21.30 Cinemazine
22.00 A Vozinha
(ver «Filmes na TV»)
00.00 Arsenio Hall
00.55 Universidade Aberta

Quarta, 7

Canal 1

09.00 Ilhas Vivas
09.35 Rua Sésamo
10.00 Eurosul
10.30 O Sítio do Picapau Amarelo
11.05 Lá em Casa Tudo Bem
11.30 Cover Story
12.00 Culinária
12.10 Final Feliz
13.00 Jornal da Tarde
13.30 Medicamentos
14.00 O Império de Carson
15.00 Phil Collins
16.00 A Vida Continua...
17.00 O Ás da Polícia
17.25 Brinca Brincando
18.45 Roda da Sorte
19.30 Telejornal
20.20 Sassá Mutema
21.30 Vamos Jogar no Totobola
21.45 Niagara
(ver «Filmes na TV»)
23.30 24 Horas
00.05 Remate

Canal 2

12.00 Primeiro Jornal
12.10 Os Centuriões
12.25 Curso de Inglês
12.40 Guarda Florestal
13.30 Filhos e Filhas
14.00 Jornal das Duas
14.30 Agora, Escolha!
15.50 Madeira - Cá Entre Nós
16.35 Recreio do 2
17.10 Mulheres no Mundo
17.50 Clip-Club
18.40 Direito de Amar
19.40 Via Rápida
19.55 Homem Rico, Homem Pobre
20.50 Nome de Rua
21.00 Jornal das Nove
21.30 Corrida de Touros
22.30 Pop-Off
23.35 Universidade Aberta

Filmes na TV



A Dança da Morte

«Dead of Night» (GBret/1945). Realização de Alberto Cavalcanti, Charles Crichton, Basil Dearden, Robert Hamer. Interpretação de Michael Redgrave, Googie Withers, Mervyn Johns, Roland Culver. P/B, 100 minutos.

Assinado por quatro notáveis cineastas, «A Dança da Morte» é por alguns considerado uma obra-prima do cinema fantástico. Trata-se de qualquer modo de uma adaptação «convicente» de contos de autores vários, entre os quais H.G. Wells, que o trabalho associado dos quatro realizadores liga coerentemente. A história é a de um arquitecto que se desloca em negócios a uma quinta de desconhecidos, que, no entanto, afirma que conhece de sonhos e de terríveis episódios vividos em sonhos. E o facto é que tais sonhos se vão materializando mesmo em macabros episódios...

Interpretações notáveis, como é de prever dos actores presentes.

Quinta, 22.55, Canal 2

Desgraças de um Cidadino

«The Prisoner of 2nd Avenue» (EUA/1975). Realização de Melvin Frank. Interpretação de Jack Lemmon, Anne Bancroft. Cor, 100 minutos.

Embora o argumento seja adaptado de uma peça de Neil Simon, um dos mais conhecidos dramaturgos americanos, que também assina o guião, é do trabalho dos dois excelentes actores que são sempre Jack Lemmon e Anne Bancroft que se faz o grande mérito desta comédia dramática sobre a desadaptação à vida urbana e o

neo dos que a RTP vem exibindo da autoria de Emilio Fernandez. Como nesses, uma fotografia notável, de um outro notável operador: Alex Philips. E, como nesses, dois actores carismáticos, «o outro par» do cinema mexicano dessa época: Maria Felix e Arturo de Cordova.

Sábado, 14.15, Canal 2

Pretos e Brancos a Cor
«La Victoire en Chantant» (Fr-Costa do Marfim/1976). Realização de Jean-Jacques Annaud, interpretação de Jean Carmet, Jacques Dufilho, Catherine Rouvel. Cor, 96 minutos.

Uma sátira ao colonialismo, divertida e original. Foi a primeira longa-metragem de Annaud, distinguida nesse ano com o Oscar para o melhor filme estrangeiro.

Sábado, 15.40, Canal 1

A Vida Íntima de 4 Mulheres
«The Chapman Report» (EUA/1961). Realização de George Cukor, interpretação de Shelley Winters, Jane Fonda, Claire Bloom, Glynis



processo de alucinação que provoca num casal de empregados no-vaioquinos.

Sexta, 21.25, Canal 1

Teia de Desejo

«La Diosa Arrodillada» (México/1945). Realização de Roberto Gavaldon, interpretação de Maria Felix, Arturo de Cordova. P/B, 105 minutos.

Mais um exemplo do melodrama mexicano, aliás contemporâ-

Tempo

Céu pouco nublado ou limpo. Vento fraco soprando moderado de noroeste no litoral oeste durante a tarde. Pequena subida de temperatura no sábado.



CINEMA

Table with 5 columns: Classification (A, B, C), Title, David Lopes, M. M. Luz, Manuel Neves, Paulo Torres.

Classificação de ★ a ★★★★★

- A - Real. Irwin Winkler - Forum/2 (14.00, 16.00, 18.00, 20.00, 22.00). King Triplex/2 (14.00, 16.00, 18.00, 20.00, 22.00) - Lisboa.
B - Real. Jean-Luc Godard - King Triplex/3 (14.15, 16.15, 18.15, 20.15, 22.15) - Lisboa.
C - Real. Peter Bogdanovich - Amoreiras/5 (14.00, 16.30, 19.00, 21.30, 24.00). Quarteto/1 (14.30, 17.00, 19.30, 21.45, 24.00) - Lisboa.

Johns, Efrem Zimbalist Jr. Cor, 120 minutos.

Adaptado de um best-seller de Irvin Wallace (que se terá inspirado nos inquéritos Kelsey sobre sexualidade feminina na sociedade americana) é evidentemente de prever que o argumento tenha aquele toque de «frescura» que o autor gosta de derramar sobre as suas histórias, nascidas embora de questões por vezes tão sérias como esta - a da procura dos caminhos da liberdade sexual através dos preconceitos e do asfixante puritanismo prevalente na sociedade americana, de que nesses anos 60 algumas camadas iam tomando consciência.

Mas George Cukor consegue sempre meter o autor num chinelo, sobretudo se conta uma história de mulheres. É mais uma vez o caso, embora este não seja um exemplo maior do seu trabalho.

Depois, tem a oportunidade de dirigir aqui três actrizes firmadas e fabulosas e uma quase estrepante promissora, Jane Fonda.

Sábado, 23.45, Canal 1

Marilyn Monroe como ingénua perversa, num papel que parecia ser (mas não foi...) o da sua vocação. Este é um dos filmes em que interveio menos divulgados, possivelmente porque, nele, «estrelas» são Richard Widmark e Anne Bancroft, dois grandes actores.

Domingo, 16.00, Canal 1

Crime no Expresso do Oriente «Murder on the Orient Express» (GBret/1974). Realização de Sidney Lumet, interpretação de Albert Finney, Lauren Bacall, Martin Balsam, Ingrid Bergman, Jacqueline Bisset, entre outros. Cor, 126 minutos.

Este é, como sabe qualquer leitor da «Vampiro», um filme adaptado de um dos romances policiais mais conhecidos de Agatha Christie. Dirigido com o proverbial talento por Sidney Lumet, que reuniu (e conseguiu controlar...) um elenco de stars raramente conseguido para um filme de uma só história.

Domingo, 22.50, Canal 2

A Avozinha «Yaaba» (Burkina Faso-Fr-Suíça/1989). Realização de Idrissa Quedraogo, interpretação de Fatima Sanga, Noufou Quedraogo, Barry Roukieton. Cor, 87 minutos.

Realizado por Idrissa Quedraogo, um jovem cineasta do Burkina Faso, «A Avozinha» é um excelente exemplo do novo cinema africano que tem vindo a surpreender a Europa nos últimos anos. O filme é antes de mais uma espécie de parábola que tenta de uma forma muito simples e directa falar de África, da sua ancestral cultura e dos seus povos, através da história tocante de uma velha solitária, rejeitada pela aldeia, que a pureza e a fraternidade de dois garotos acaba por recuperar para a comunidade.

Terça, 22.00, Canal 2

Niagara «Niagara» (EUA/1953). Realização de Henry Hathaway, interpretação de Marilyn Monroe, Joseph Cotten, Jean Peters, Casey Adams. Cor, 86 minutos.

De novo sensual e perversa, é neste «Niagara» que Marilyn Monroe emerge para o estrelato. Henry Hathaway, um profissional competente e sensível, foi o primeiro a saber revelar verdadeiramente a sua beleza e aquela fotogenia singular, posteriormente afirmada em cada novo filme.

Se Joseph Cotten não colheu com este seu papel os favores da crítica, o mesmo não pode dizer-se de Jean Peters, que é sempre uma grande actriz mesmo em pequenos papeis.

Quarta, 21.45, Canal 1

TEATRO

TEATRO ABERTO

Pç. de Espanha. Tel. 7970969. De 4ª a sáb. às 21, dom. às 16. A RAPARIGA DE VARSÓVIA, de Mário de Carvalho, encenação de Fernanda Lapa, interpretação do Novo Grupo.

RITZ CLUB

Rua da Glória, 57. Tel. 3425140. De 5ª a dom. às 21.30. HOMEM QUE É HOMEM, encenação de Alexandra Solnado.

TEATRO DO BAIRRO ALTO

Rua Ten. Raul Cascais. Tel. 3961515. De 3ª a sáb. às 21.30, dom. às 16.00. ATÉ QUE COMO O QUÊ QUASE, de Samuel Beckett. Encenação de Luís Miguel Cintra, interpretação do Teatro da Cornucópia.

TEATRO MARIA VITÓRIA

Parque Mayer. Tel. 3475454. De 3ª a dom. 20.30 e às 23. A GRANDE FESTA, encenação de Francisco Nicholson.

TEATRO NACIONAL D. MARIA II

Rossio. Tel. 372629. De 3ª a sáb. às 21.30, sáb. e dom. às 16.00. PASSA POR MIM NO ROSSIO, texto e encenação de Filipe La Féria, interpretação do elenco do Teatro Nacional e dos actores convidados José Jorge Duarte, Rita Ribeiro e Simone de Oliveira.

PAPA-LÉGUAS

R. Prof. Santos Lucas, 26-A. Tel. 7141823. Sáb. às 16, dom. às 11. SOPA E COISAS SELVAGENS, adaptação de um livro de Maurice Sendak por Mário Jorge, pelo Teatro Papa-Légua.

TEATRO MIRITA CASIMIRO

Cruzeiro, Monte Estoril. Tel. 4670320. De 3ª a sáb. às 21.30, dom. às 17. O PECADO DE JOÃO AGONIA, de Bernardo Santareno. Encenação de Carlos Avilez, interpretação de Sérgio Silva, Lia Gama, Zita Duarte, Santos Manuel, entre outros.

PALAVRAS CRUZADAS

15x15 crossword puzzle grid with numbers 1-15 indicating starting positions.

Horizontais 1-Poeta português de quinhentos; dramaturgo português continuador de Gil Vicente; 2-retumbar; mulher de Henrique VIII; equipar; 3-pronome pessoal; que têm calos; fileira; 4-caule; unir-se; somar; 5-ateira; ramalhudas; folha de palmeira indiana; 6-prep.; partiu; 7-tecido grosso e forte (pl.); canudos; 8-apelido; cheirava; rezo; 9-escol; maravalha; aro; 10-essência; pron. pess.; cheiro; 11-recitará; guarnecido de asas; sulcar; 12-idiota; argola; cantiga; 13-quantia; ardor; alas.

Verticais 1-Habitante da Península Ibérica antes dos Fenícios; secos; 2-abato; rei das Astúrias; 3-parte musculosa do tubo digestivo das aves; ofereceram sacrifícios; 4-2 vogais; solitário; pedra preciosa; 5-acredita (inv); rio da Europa; 6-disposta em camadas; 7-levantam; refrear; 8-velhos; triturara; 9-membros das aves; desequilibrados; 10-mar da Austrália; 11-tens; régulo; 12-partir; satélite de Júpiter; ave trepadora; 13-querido; com som (pl); 14-mulher amada de Sansão; nadava; 15-discursara; uniras.

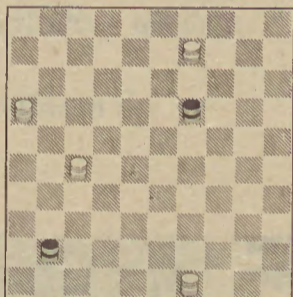
Solução do número anterior

Horizontais 1-Caravela; Fedrop; 2-adaga; mi; Sá; 3-Má; agitiva; a.M.; ida; atara; abeto; 5- lema; od; rumo; 6-Olavo; abono; 7-ogiva; aluna; 8-útero; asila; 9-eu; além; Pó; acém; 10-trigo; Ícaro; aga; 11-ró; atacava; ar; 12-ou; Rá; Évora; 13-suara; asarinas.

Verticais 1-Camilo; metro; 2-adelo; ur; 3-ró; âmago; 4-avi; agora; 5-vaga; óvulo; ar; 6-édito; até; 7-latada; emite; 8-Agar; bar; cava; 9-avaro; opacos; 10-una; orara; 11-em; amola; Ovar; 12-diabo; usa; 13-me; única; en; 14-os; tá; alega; 15-Apolo; amaros.

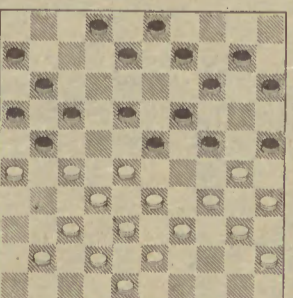
DAMAS

CCCXV - 1 de Agosto 1991 Proposição nº 315 Por: A. M. Olsen Het Damspel nº 9, 1910 Pr.: [2]: (19)-(41) Br.: [4]: (9)-(16)-(27)-(49)



Branças jogam e ganham (7 T)

*** Golpe Nº 315 (quem vê mais longe...) Por: Anatol Gantwarg (contra Jansen) In: Les Dames, 1984 [Diag. 169] Pr.: [17]: 2-3-6-8-9-10-11-14-15-16-17-18-19-21-23-24-25 Br.: [17]: 26-27-28-30-32-33-34-35-37-38-39-40-41-42-43-45-48 Pretas jogaram: 21.... (4-10)...



Branças jogam e ganham

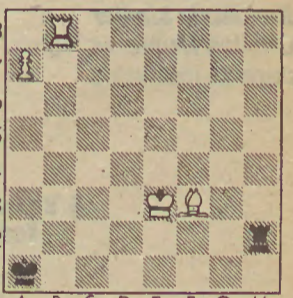
*** Soluções do Nº CCCXV Nº 315 (A.M.O.): 1. 49-35, (19-2); 2. 9-22, (41-47); 3. 27-36, (47-20); 4. 35-30 e 5. 22-44 e 6. 36-27 e 7. 16x15 +Se: 3.... (47-15); 4. 36-47 e 5. 47-36 ou 24 +Se: 2.... (41-5); 3. 22-23 e 4. 33-29 e 5. 29-24... +Se: 1.... (19-37); 2. 9-14 e 3. 35-19... + Golpe Nº 315 (A.G.): 22. 28-22, (17x28); 23. 33x4=D, (3-9); 24. 4x20, (15x24); 25. 26x17 (11x31); 26. 37x16 (24-19); 27. 34x23 (19x46=D); 28. 38x33! [viu mais longe!!!], (25x34); 29. 40x29!; 46-32 [a Dama está perdida]; 30. 33-28 e 31. 45x34 ou 39x30 e +

A. de M.M.

XADREZ

CCCXV - 1 de Agosto de 1991 Proposição nº 315/A Por: André Cheron Le Temps, 6-VI-1936

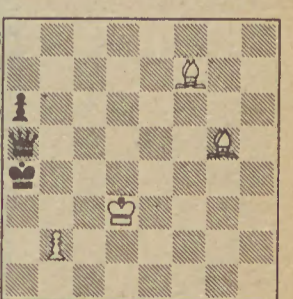
Pr.: [2]: Th2-Ra1 Br.: [4]: Pa7-Bf3-Tb8-Ré3



Mate em 3 lances

*** Proposição nº 315/B Por: Henri Rinck Chess Amateur, 1914

Pr.: [3]: Pa6-Da5-Ra4 Br.: [4]: Pb2-Bs.f7.g5-Rd3



Branças jogam e ganham

*** Soluções do Nº CCCXV Nº 315/A (A.Ch.): 1. Bg2, T:g2; 2. a8=D+, Ta2; 3. Dh1 ++ Nº 315/B (H.R.): 1. B3+, Rb5; 2. Bc8+, Rc5; 3. b4+ e ganha. 1.... Ra3; 2. Bc1+, Ra2; 3. b4+ e ganha.

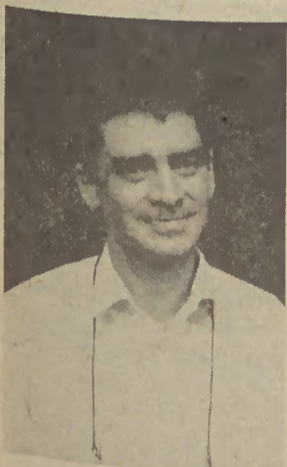
A. de M. M.

Teatro Aberto estreia «Rapariga de Varsóvia»

Uma nova peça de Mário de Carvalho estreou-se esta semana no Teatro

Aberto, no prosseguimento da prática iniciada pelo Novo Grupo em 1987 de encomendar e pôr em cena, pelo menos uma vez por ano, originais para teatro de autores portugueses. «A Rapariga de Varsóvia» tem encenação de

Fernanda Lapa, música de Eduardo Paes Mamede e cenários de Nuno Carinhas e é interpretada por Canto e Castro e Benjamin Falcão (na foto), Fernanda Montemor, Francisco Pestana, Luísa Salgueiro, Cristina Carvalhal e Manuel Cavaco.





Heraus mit dem Frauenwahlrecht
FRAUEN-TAG
8. MÄRZ 1914

Den Frauen, die als Arbeiterinnen, Mütter und Gemeindegliederinnen ihre volle Pflicht erfüllen, die im Staat wie in der Gemeinde ihre Steuern entrichten müssen, hat Voreingenommenheit und reaktionäre Gesinnung das volle Staatsbürgerrecht bis jetzt verweigert.
Dieses natürliche Menschenrecht zu erkämpfen, muß der unerschütterliche feste Wille jeder Frau, jeder Arbeiterin sein. Hier darf es kein Halben sein. Kommt daher alle, ihr Frauen und Mädchen in die aus

Sonntag den 8. März 1914 nachmittags 3 Uhr stattfindender
Öffentl. Frauen-Versammlungen

Alemanha, 1914
Karl Maria Stadler
Dia das Mulheres; votos para as mulheres



Тов. Ленин ОЧИЩАЕТ
ЗЕМЛЮ ОТ НЕЧИСТИ.

Rússia, 1920
Deni (?)
O Camarada Lénine varre o lixo do Mundo

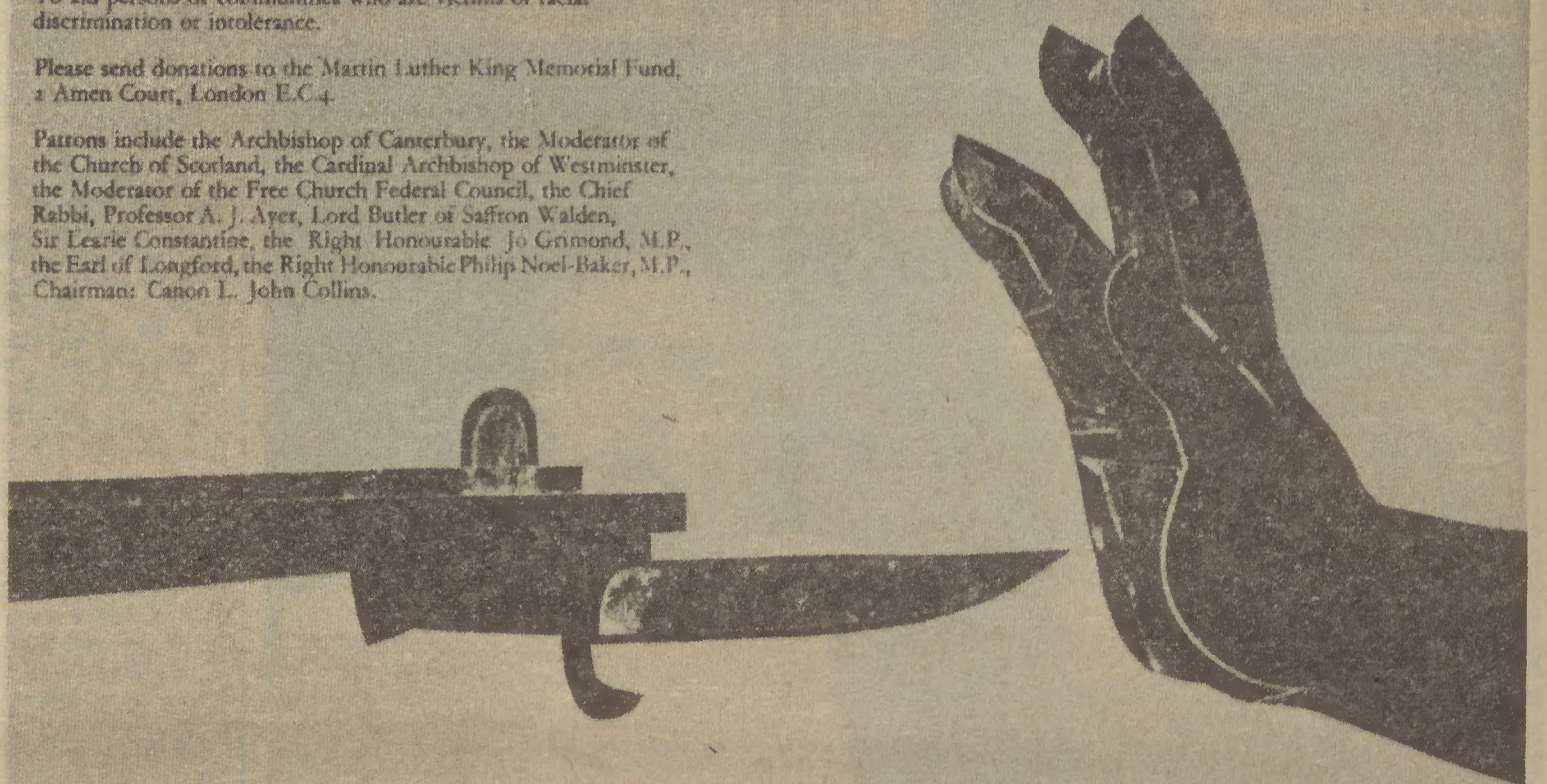
G. Bretanha, 1968
Ken Sprague

MARTIN LUTHER KING MEMORIAL FUND

To give moral or material support to non-violent movements for civil rights in any part of the world.
To assist or initiate specific projects designed to further good relations between all races in Great Britain.
To aid persons or communities who are victims of racial discrimination or intolerance.

Please send donations to the Martin Luther King Memorial Fund,
21 Amen Court, London E.C.4.

Patrons include the Archbishop of Canterbury, the Moderator of the Church of Scotland, the Cardinal Archbishop of Westminster, the Moderator of the Free Church Federal Council, the Chief Rabbi, Professor A. J. Ayer, Lord Butler of Saffron Walden, Sir Learie Constantine, the Right Honourable Jo Grimond, M.P., the Earl of Longford, the Right Honourable Philip Noel-Baker, M.P., Chairman: Canon L. John Collins.



Espelho da História - I



Espelho da História lhes chamou Max Gallo. Janelas sobre o mundo dos homens chamou-lhes Jonathan Fitzmeyer. São os cartazes a mais simples, a mais imediata, a primeira forma de comunicação de massas que o homem inventou.

Há quem faça remontar o seu passado às lápides de pedra, às pinturas rupestres apostas a uma parede ou aos hieroglifos escavados no calcário do Nilo ou nos tijolos da Mesopotâmia. Na verdade, o objectivo era o mesmo do cartaz hoje colado na parede da cidade: anunciar algo a quem passa.

Objecto de promoção comercial, os cartazes começaram acima de tudo a ser políticos. Ou o anúncio do acto administrativo ou o protesto contra ele. Mas, sempre, dirigido a todos, ao povo, às massas.

Em vésperas de campanha eleitoral a memória do cartaz é inevitável.

Dentro de um mês, eles aí estarão, abrindo janelas sobre o mundo dos homens. Neles se reflectindo a história que se fará.

Cartazes. Também a memória do homem

USA, 1969
Ronald e Karen Bowen
Baseado na célebre
fotografia de Rosenthal
em Iwo Jima, 1945

PAS DE RECTANGLE BLANC
POUR UN PEUPLE ADULTE.



França, 1968
Anónimo
Nada de rectângulos
brancos para um povo
adulto (o quadrado
aparecia como o círculo
em Portugal, como
indicador de censura)

INDÉPENDANCE et AUTONOMIE de l'O.R.T.F.

ÚLTIMAS

a talhe de FOICE

Consolações

Há dias em que uma pessoa não pode sair à rua. Quem é que nunca apanhou com um chapadão de lama na fatiota lavada e passada a ferro? Ou com uma lufada de areia e pó na cara? Ou com um carro a milímetros do pezinho a sair do passeio?

Isto para já não falar de ovis (objectos voadores identificados) saídos sabe-se lá de onde no preciso momento em que se passa em determinado local e que só por mero acaso nos não acertam em cheio, mas nos deixam com taquicardias para o resto da semana.

É verdade que mesmo sem sair de casa uma pessoa está sujeita a ataques vários, qual deles mais traumatizante, como quando o vizinho da frente, do lado, de cima ou de baixo - para o caso tanto faz - decide oferecer música para o bairro todo e escolhe logo aquela que mais detestamos ou o exacto momento em que dormimos os últimos preciosos momentos do nosso sono; ou quando, incautos, carregamos no botão da televisão e nos entra portas a dentro um qualquer ministro ou secretário de Estado a dizer-nos como somos felizes e prósperos quando o fim do ordenado bateu aos pontos o fim do mês que mal se vislumbra...

A listagem das desgraças quotidianas a que qualquer cidadão está sujeito podia continuar por aí fora, mas acho que já todos perceberam o meu ponto de vista. Por isso imaginem agora o estado de espírito de quem viveu a odisseia de ficar com a porta da rua da própria casa nos braços, salvo seja, porque os construtores da dita aproveitaram a distração dos fiscais de um organismo oficial para arrecadar uns cobres poupando nos materiais de construção e, após rocambolescas peripécias para garantir o resguardo da sua privacidade, volta enfim ao trabalho e depara com um placard novinho em folha à saída de casa onde o Primeiro-Ministro lhe sorri prometendo democracia com progresso!

A primeira vista parece publicidade do Governo. Cavaco, elegantemente vestido, sorri, naquela tentativa sempre frustrada de inspirar confiança e protecção que nem os melhores fotografos da capital conseguem iludir. Ao lado, bem destacada no fundo branco, a mensagem prometendo democracia com progresso.

Estranha-se a falta de assinatura, a paternidade da obra. Um olhar atento acaba por desvendar o mistério. Lá bem no cimo do placard, pequenino, modesto, envergonhado mesmo, um rectângulo de última hora, qual espécie de orelha fora do lugar, diz ser o PSD o autor do dito.

Percebe-se a intenção. Valorizando o chefe do executivo em detrimento próprio, o PSD avança na pré-campanha eleitoral com o trunfo forte do domínio do poder. Que isso possa ser mais um atentado aos cidadãos que todos os dias se lançam na aventura de sair à rua pouco importa. Montado em estrutura bem alta, o placard fica fora do alcance dos comuns mortais.

É pena. Uns desabafos sempre aliviam a alma e a história dos grafitti podia ser enriquecida. Assim, só de escadote.

O que nos vale a nós, portugueses, é esta mania nacional de descobrir que as coisas sempre podiam ser piores do que são. Cá por mim consolei-me com a ideia de que há males que vêm por bem. É que agora já tenho uma porta nova, com trancas e tudo, e posso dormir descansada. Olha se a outra não tem cádo?! Ainda me entrava o Cavaco em casa!

AF

Saudação ao PC da África do Sul

Por ocasião do 70º aniversário da fundação do Partido Comunista Sul-Africano, o Comité Central do Partido Comunista Português enviou ao CC do Partido Comunista Sul-Africano, a mensagem que transcrevemos.

Queridos camaradas,

Por motivo da celebração do 70º aniversário da fundação do heróico Partido Comunista Sul-Africano, recebam as mais calorosas e fraternais saudações do Partido Comunista Português, extensivas a todos os comunistas da África do Sul.

70 anos de vida do PCSA representam 70 anos de luta constante e abnegada de sucessivas gerações de comunistas que, arrostando corajosamente com a brutal repressão de classe e racial e com longos anos de dura clandestinidade, souberam estar sempre na linha da frente do combate pelos interesses vitais dos trabalhadores, pela libertação nacional, pelos generosos ideais do socialismo, como parte integrante indispensável das forças progressistas da África do Sul e obreiro incansável da sua mais ampla unidade.

Os 70 anos de vida e de luta dos comunistas sul-africanos constituíram sem dúvida um inestimável contributo para que hoje se possam rasgar a todo o povo da África do Sul perspectivas exaltantes de novos avanços para a democracia e a justiça social. Eles constituíram e constituem também um precioso contributo internacionalista a todos quantos no mundo lutam pela emancipação social e nacional, contra a exploração capitalista e o domínio imperialista, pela paz e o socialismo.

Ainda sérios obstáculos se colocam pela vossa frente. Mas confiamos na combatividade e maturidade política dos comunistas sul-africanos, integrados na poderosa aliança ANC-SACP-COSATU, para prosseguir vitoriosamente, na luta pelo fim definitivo do odioso regime do *apartheid* e pelos seus pró-

prios ideais de uma ordem socialista democrática, de liberdade, bem estar e progresso para todo o povo da África do Sul.

Também o Partido Comunista Português comemorou este ano 70 anos de vida e de luta, incluindo durante quase meio século na clandestinidade sob o regime fascista e colonialista, para cujo derrube demos inigualável contributo. Hoje, defendendo as históricas conquistas democráticas da Revolução do 25 de Abril de 1974, enfrentamos com decisão a política de direita que pretende liquidá-las com o apoio e a dominação do imperialismo, e lutamos com determinação por uma democracia avançada no limiar do século XXI e pelos ideais do socialismo.

Numa difícil conjuntura internacional em que, de par de importantes passos na justa via do desanuviamento e do desenvolvimento, se verificam sérias ameaças ao socialismo, se aprofundam intoleráveis desigualdades económicas e sociais, se intensifica a exploração capitalista e a dominação neocolonialista, se constata nova tentativa, especialmente por parte dos EUA, de hegemonia mundial do imperialismo, cuja natureza não se modificou - os comunistas portugueses reafirmam com convicção a sua perspectiva histórica: é o socialismo, e não o capitalismo, que pode dar e dará satisfação às necessidades vitais dos trabalhadores, dos povos, da Humanidade.

Tendo em alta consideração as consequentes posições patrióticas e internacionalistas dos comunistas sul-africanos, fazemos votos pelo reforço dos laços de fraterna camaradagem, entre o Partido Comunista Português e o Partido Comunista Sul-Africano, no quadro do necessário reforço dos laços de combativa solidariedade de todo o Movimento Comunista Internacional, de todas as forças amantes da paz e da justiça e progresso sociais.

Renovando as nossas saudações, desejamos os melhores êxitos futuros ao Partido Comunista Sul-Africano, aos trabalhadores e ao povo da África do Sul.

Intervenção de Rui Godinho na homenagem a Jorge Sampaio

Num jantar de homenagem a Jorge Sampaio, que se retira da presidência da Câmara Municipal de Lisboa para se dedicar, como estava previsto, à campanha para as próximas eleições legislativas, estiveram presentes todas as forças políticas representadas no executivo lisboeta, à excepção do PSD, tendo o homenageado enaltecido a confluência de esforços entre as diferentes forças políticas representadas na Câmara, considerando-a «o mais significativo do que se fez» desde o início do seu mandato.

O vereador da PCP, Rui Godinho, usando da palavra na iniciativa que decorreu no Castelo de S. Jorge, afirmou que «18 meses de trabalho na gestão municipal da Coligação «Por Lisboa» constituíram uma experiência nova e rica de ensinamentos. O trabalho por nós realizado em conjunto no

município de Lisboa, nestes 18 meses, apresenta um balanço muito positivo, quer no plano das realizações concretas, em cumprimento dos compromissos assumidos pela Coligação, quer no teste à consequência política encontrada por comunistas e socialistas e outros democratas na cidade de Lisboa».

E frisou:

«Apesar do quadro hostil em que temos desenvolvido a nossa acção — com um Governo PSD que tudo tem feito para prejudicar o trabalho da Câmara — creio que temos sabido fazer em conjunto o curto e o longo prazo do essencial das expectativas dos lisboetas».

Após referir o trabalho empenhado dos comunistas na Coligação, que «prosseguirá de ora em diante na mesma forma», Rui Godinho concluiu:

«Por imperativo legal, o

sr. presidente irá suspender o seu mandato para se candidatar a deputado nas próximas eleições legislativas. A estas eleições iremos concorrer — como é sabido — em listas diferentes. Nada de anormal nisso. O entendimento, a convergência e o trabalho comuns que, como Partidos diferentes, leva-

mos a cabo coligados em Lisboa, não são contraditórios com o que tal representa de normal funcionamento da vida democrática portuguesa. Qualquer que seja o quadro e o contexto, creio que teremos PS e PCP — muito de válido a fazer no futuro para bem de Lisboa e do País».

Zilda Carvalho Portuguesa preside comité internacional

Zilda Carvalho, investigadora científica da Fundação Calouste Gulbenkian, foi nomeada presidente do Comité Permanente para as Questões das Mulheres Trabalhadoras Científicas, no quadro da Federação Mundial dos Trabalhadores Científicos.

Esta Federação Mundial tem vários Comités Permanentes — nomeadamente desarmamento, socioeconómico, política científica, jovens e mulheres — e foi criada em 1947 por Frédéric Joliot Curie, com sede em Londres e agregando associações sindicais e profissionais de mais de 30 países da Europa, África, Ásia e Américas.

Zilda Carvalho é a representante portuguesa

no Comité das Mulheres Cientistas, criado em 1989, para cuja presidência foi agora convidada pelo presidente da Federação Mundial, prof. J. Marie Legay, estando a nomeação já aceite pelo Bureau da Federação que reuniu em Paris, em Julho passado. Desde 1989 que o Comité se tem preocupado com a análise da situação das mulheres na ciência em diferentes países.



VIII SONETOS de ARY DOS SANTOS

um texto de Manuel Gusmão
e
um desenho de Rogério Ribeiro